

REUNIDOS ao Seu Nome



Norman Crawford

REUNIDOS
ao Seu Nome

REUNIDOS ao Seu Nome

Norman Crawford

*editado por
Thomas Matthews*

Reunidos ao Seu Nome

Originalmente publicado em 1985 por Truth & Tidings, Jackson, Michigan,
Estados Unidos

Original em inglês: Gathering unto His Name, Copyright © Truth & Tidings,
1985. Todos os direitos reservados.

Tradução em português: Copyright © A Verdade, 2013.
Todos os direitos reservados.

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da versão Revista e
Corrigida, 4ª Edição 2009 da Sociedade Bíblica do Brasil.

Publicado em português com a devida autorização por:
A Verdade, Caixa Postal 12530,
Porto Alegre, 91060-970, RS, Brasil
www.editoraverdade.com.br

Traduzido por Janice Gebara
Editado por Thomas Matthews

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C899r=p Crawford, Norman

Reunidos ao seu nome / Norman Crawford ; traduzido por
Janice Gebara. -- Porto Alegre : Verdade, 2013.
192p. : 14,0 cm x 22 cm

ISBN 978-85-64006-18-8

1. Cristianismo -- Igreja. 2. Novo testamento. I. Gebara, Janice.
II. Título.

CDU 27-23

Bibliotecária responsável: Lueci da Silva Silveira CRB/10-2023

Sumário

Prefácio	7
Introdução: Princípios de Interpretação	9
1. Uma Definição Bíblica de Igreja	15
2. Uma Descrição Simples de uma Igreja Local	23
3. Distinções Importantes entre o Corpo de Cristo e uma Igreja Local	35
4. Uma Demonstração Singular - Reunidos ao Seu Nome	43
5. Uma Declaração Suprema - A Ceia do Senhor	51
6. Uma Devoção Sincera - O Lugar de Adoração	59
7. Uma Demonstração Soberana - Autoridade na Igreja Local	67
8. A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (1)	75
9. A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (2)	83
10. A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (3)	89
11. Testemunho Evangelístico da Igreja	97
12. Recepção à Igreja Local	109
13. Comunhão entre Igrejas Locais	119
14. Ministério das Mulheres nos Dois Testamentos	129
15. Mulheres Piedosas das Primeiras Igrejas Locais	137
16. O Cântico na Igreja Local	145
17. Tradições	151
18. Disciplina na Igreja Local (1)	161
19. Disciplina na Igreja Local (2)	167
20. Disciplina na Igreja Local (3)	175
21. As Ofertas da Igreja	183

Prefácio

Muitos livros excelentes, panfletos e artigos já foram escritos sobre os princípios e as práticas das igrejas que seguem os padrões do Novo Testamento. Muitos deles foram escritos há mais de meio século, mas o passar do tempo não mudou a verdade da Palavra de Deus contida neles. Como com qualquer ensino que se diz bíblico, eles devem ser lidos com uma Bíblia aberta ao lado, comparando o seu ensino com a Palavra de Deus. É o meu desejo sincero que o leitor deste livro, “Reunidos ao Seu Nome”, possa comparar tudo o que é ensinado aqui com o que temos nas Sagradas Escrituras.

Não é minha intenção substituir o que já foi escrito anteriormente. Os capítulos deste livro são uma tentativa de lidar com assuntos pertinentes à nossa época. A verdade é a mesma, mas as condições às quais ela é aplicável estão mudando constantemente. Muitas das publicações mais antigas não são mais publicadas, portanto não é possível adquiri-las. Algumas, apesar de muito boas, não fazem uma distinção clara entre o corpo de Cristo e uma igreja local. Na verdade, é esta falha em distinguir entre coisas que são distintas que me faz usar a expressão “igreja local” tantas vezes neste livro. Tecnicamente seria correto usar a expressão “igreja” para se referir à igreja que é o seu corpo, mas é necessário haver uma distinção clara entre a igreja e as igrejas.

É minha oração que Deus possa abençoar este fraco esforço de ensinar verdades que são preciosas a Ele, e que tem custado tanto

a muitos que deixaram sistemas humanos para serem guiados unicamente pelas Escrituras.

Com um coração agradecido, dou graças a Deus pelos meus muitos ensinadores. Eles procuraram praticar e ensinar os princípios sobre a ordem e a função da igreja, descritos nestas páginas. Não posso dizer que o conteúdo deste livro seja originalmente meu.

Muitos agradecimentos ao Dr. A. J. Higgins, M.D., por muitas sugestões úteis. Também devo agradecimentos especiais a Monte Freidig, de Wilmar, Minnesota, um estudante cuidadoso de muitos livros escritos sobre este assunto, que me deu muitas sugestões valiosas. Bárbara (Clark) Salava, de McKeesport, Pensilvânia, deu sugestões importantes sobre alguns dos primeiros capítulos. Os primeiros dez capítulos têm por finalidade ajudar os cristãos que estão procurando orientação da Palavra de Deus sobre a comunhão na igreja. Os capítulos 11 a 20 foram escritos para responder às muitas perguntas sobre as práticas da igreja, relacionadas às circunstâncias dos nossos dias.

Temos procurado dar uma simples reafirmação das verdades contidas nas Escrituras, ensinadas e praticadas entre as igrejas locais há muito tempo. Que Deus possa abençoar ricamente cada cristão que lê este livro!

Introdução

Princípios de Interpretação

Muitos creem que a Bíblia pode ser interpretada de acordo com os caprichos e desejos do leitor. Nas suas mentes, isto elimina o crédito da interpretação da Bíblia e lhes permite dizer que cada um tem sua própria maneira de compreender a Bíblia. Este raciocínio diz que uma interpretação é tão boa quanto outra. A justificativa final para este ponto de vista é que “até mesmo os teólogos não concordam entre si”. Não é difícil ver os propósitos de Satanás neste raciocínio, *“Mas de vós, ó amados, esperamos coisas melhores e coisas que acompanham a salvação”* (Hebreus 6:9).

Miles Coverdale, que fez a primeira tradução da Bíblia completa para a língua inglesa, na sua introdução à “Grande Bíblia” escreveu: “Será de grande ajuda para a compreensão das Escrituras notar não somente o que foi escrito e falado, mas acerca de quem, para quem, com que palavras, em que tempo, com que intento, em que circunstâncias, e considerando também o que vem antes e o que vem a seguir”. Este é um conselho sábio para qualquer pessoa que quer estudar as Escrituras.

A Bíblia contém em si mesma as chaves para a sua compreensão. Devemos interpretar as Escrituras com as Escrituras e nunca depender de um modelo de interpretação pré-imposto. Um estudo cuidadoso da Palavra de Deus, sob a direção do Espírito Santo, durante séculos, tem revelado certos princípios de interpretação que devem ser aplicados a toda a Escritura. Esses princípios não são impostos ao texto das Escrituras de forma arbitrária, mas são a forma pela qual a Escritura interpreta a

Escritura. Existem muitas ilustrações disso na maneira como o Novo Testamento interpreta o Velho Testamento.

Esses princípios são geralmente chamados de hermenêutica bíblica. Alguns desses princípios têm uma aplicação muito especial ao nosso estudo sobre a verdade para a igreja contida no Novo Testamento. Como isto não é um estudo sobre hermenêutica, iremos apenas mencionar as leis de interpretação que têm aplicação direta ao nosso assunto, e dar razões simples para justificar por que cremos que cada uma é uma lei de interpretação válida.

A lei de contexto

O primeiro princípio de interpretação das Escrituras é a lei de contexto. Nenhuma afirmação das Escrituras deve ser tirada do seu contexto para ser interpretada. Deus nos deu a Sua palavra numa ordem e numa linguagem bem compreensível. Essa lei de contexto é a regra para a compreensão de todo o material escrito, e o estudo cuidadoso da revelação divina, no decorrer dos séculos, tem provado a grande sabedoria de seguir esse princípio em toda a Palavra de Deus.

É por meio dessa lei que o Novo Testamento interpreta o Velho Testamento. Existem muitos exemplos: Hebreus 2:6-9 interpreta o Salmo 8:4-6, Hebreus 10:5-10 considera o Salmo 40:6-8.

A lei de relevância

Um segundo princípio é que as Escrituras sempre são relevantes. A verdade da revelação da, *“fé que uma vez por todas foi entregue aos santos”* (Judas 3 - ARA), exige que creiamos que ela foi dada para ser aplicada em todos os tempos. Algumas vezes é argumentado que, sendo que o Novo Testamento ensina que a situação normal para todos os cristãos é serem batizados e fazerem parte de uma igreja local, devemos usar algum padrão diferente, hoje em dia, quando os cristãos estão divididos, como vemos, pelo denominacionalismo. Qual padrão usaremos então? A única resposta para o cristão é que não pode haver outro padrão além da Palavra de Deus. As palavras de Paulo a Timóteo deveriam resolver este assunto de uma vez por todas: *“Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”*

(2 Timóteo 3:16-17). Portanto a Palavra de Deus não é apenas importante, mas suficiente para toda necessidade, onde quer que possa surgir.

O fato das Escrituras serem relevantes em todos os tempos irá nos livrar de basear as nossas práticas na confusão do cristianismo, nos dias de hoje. Temos a Palavra de Deus para nos instruir. Nunca devemos tentar encaixar nossas circunstâncias na Palavra de Deus, mas sempre procurar alinhar nossas práticas aos seus preceitos.

A lei do modelo positivo

Um terceiro princípio que tem aplicações diretas ao assunto das práticas da igreja local é que não se pode argumentar baseado no silêncio das Escrituras. Existe um padrão no Novo Testamento, um modelo completo. Argumentar baseado no silêncio das Escrituras é negar a total suficiência delas. Numa tentativa de justificar a introdução de práticas não bíblicas, alguns dizem que não temos apoio bíblico para o uso de cadeiras, hinários, Bíblias em forma de livro e nem mesmo de prédios; entretanto, temos certamente um padrão espiritual para atender a todas as necessidades espirituais de uma igreja local. O fato da igreja local ser um edifício de Deus (1 Coríntios 3:9) ensina que o modelo foi dado por Ele. Não temos a palavra hinário, mas temos instruções claras sobre cantar (1 Coríntios 14:15 etc.). Não há nenhuma menção de como deveria ser o formato da Bíblia, mas temos ensino claro sobre o lugar da Bíblia numa igreja local.

A lei do destaque

Esta lei é quase tão importante quanto as leis de interpretação já mencionadas. Quando um assunto é de grande importância para Deus e para Seu povo, ele recebe um lugar de destaque nas Escrituras. Assim o destaque dado à verdade da igreja nos testifica da sua importância. Vinte e um versículos são usados para descrever a criação do universo, mas o Espírito Santo ocupa trinta e oito capítulos para descrever o tabernáculo no deserto e seu serviço divino, pois tudo nele fala da Pessoa e da obra do Senhor Jesus, em quem o Pai encontra todo o Seu prazer.

Na estrada de Emaús, o Senhor Jesus mostrou a importância de *“todos os profetas”* e de *“todas as Escrituras”* e que *“convinha que se cumprisse tudo”* (Lucas 24:27,44). O Senhor entrelaçou a Lei, os

Profetas e os Salmos na sua menção de Si mesmo.

A lei do senso comum

A lei do senso comum é vital para a compreensão das Escrituras. Não devemos usar o que parece obscuro para interpretar um versículo claro e simples. Devemos sempre usar o princípio de que verdades claras e, muitas vezes, verdades repetidas das Escrituras nos ajudam a interpretar as passagens mais difíceis. Mateus 1:23 nos dá uma interpretação clara da promessa de Isaías 7:14. Por meio da inspiração divina, Mateus nos mostra que a profecia se refere ao nascimento virginal, e não apenas ao fato de uma jovem dar à luz a um filho. Em Mateus 2:6 a profecia de Miqueias 5:2 recebe uma interpretação literal. Belém, a vila de vinte famílias, nas encostas dos montes da Judeia, é o lugar de nascimento do Senhor da Eternidade.

As leis de gramática

Se a linguagem tem um significado, então devemos tomar cuidado para entendermos a sua gramática. O Espírito Santo é tão cuidadoso que, em Gálatas 3:16-18, Paulo pode distinguir claramente entre uma interpretação verdadeira e uma falsa, pelo fato de que em Gênesis 17:7 o substantivo “semente” é singular e não plural.

Devemos muito aos estudiosos das duas línguas em que a maior parte do Velho e do Novo Testamento foi escrita, pela bênção de podermos ler a Bíblia na nossa língua, confiantes de que estamos lendo a Palavra escrita de Deus. Existe uma vasta variedade de auxílios gramaticais para ajudar os estudiosos a compreender as Escrituras infalíveis. A gramática não é a primeira lei, mas é importante.

A lei da primeira menção

Não devemos subestimar a importância da lei da primeira menção. A primeira menção da palavra igreja, no seu aspecto amplo, veio dos lábios do Senhor Jesus em Mateus 16:18, e a primeira menção da igreja local também veio Dele em Mateus 18:15-20. Podemos mostrar que é uma lei geral da Bíblia que a primeira menção de uma verdade contém alguns dos elementos vitais da verdade que será desenvolvida mais detalhadamente, enquanto a revelação divina se desdobra através do restante

das Escrituras. A primeira menção de uma verdade não pode conter tudo que se refere a ela, mas bem pode ser a verdade em forma embrionária, que se desvendará enquanto esta doutrina se desenvolve através das Escrituras.

A lei de revelação progressiva

Há uma progressão no Novo Testamento, pela qual Deus torna a revelação da verdade cada vez mais clara, enquanto a Palavra prossegue ao seu objetivo final. Por exemplo, do ensino do Senhor Jesus em Mateus 7:7 sobre a oração, há um desenvolvimento progressivo do assunto até o final do Novo Testamento (1 João 5:14,15).

Há outra forma como essa lei pode ser demonstrada. No início, os apóstolos e profetas tiveram um lugar de destaque, mas o seu trabalho era lançar o fundamento e, em seguida, eles desaparecem de cena. Dons e sinais temporários tiveram lugar de destaque nas primeiras epístolas e desaparecem nas epístolas posteriores. Nas primeiras cartas de Paulo, a liderança é pouco mencionada, mas se destaca bem mais nas cartas posteriores.

A lei de distinção

Esta é a lei que está ligada de perto com a lei de contexto, mas mesmo assim merece menção especial. Sem entrar no assunto completo das distinções entre as dispensações, geralmente fica fácil para todos os leitores observarem a diferença entre a lei e a graça. Todos concordam que precisamos distinguir o que estamos lendo, seguindo os requisitos, já mencionados, de Miles Coverdale ou um sistema semelhante.

Não é apenas necessário distinguir entre a lei e a graça, mas também distinguir entre coisas como verdades posicionais e ensino prático, salvação e recompensas, Israel e a igreja, as duas ressurreições, a distinção entre a igreja que é o corpo de Cristo e um ajuntamento local de cristãos.

Procuraremos aplicar, de maneira coerente, estas leis hermenêuticas enquanto examinamos os ensinamentos do Novo Testamento sobre a igreja e as igrejas. Essas leis não são leis impostas artificialmente, mas são as leis que as Escrituras exigem, para a sua própria compreensão.

1

Uma Definição Bíblica de Igreja

A versão inglesa King James traduz consistentemente a palavra ekklesia pela palavra “igreja”, com três exceções. Em Atos 19:32, 39, 41 a palavra ekklesia é traduzida “ajuntamento” três vezes. Os tradutores poderiam ter usado as palavras “assembleia secular”, nestas três ocasiões, pois o contexto mostra que eram exatamente isto. Depois, em todas as outras 112 ocasiões a palavra ekklesia poderia de forma consistente ser traduzida “assembleia”, e a palavra “igreja” poderia ser deixada fora do Novo Testamento. A palavra “igreja” em si é boa, mas tem dois usos muito errados na cristandade. No mundo religioso a palavra “igreja” significa um prédio usado para fins religiosos, ou então uma organização composta de membros de uma congregação que têm adotado um nome denominacional para distingui-la de outras “organizações cristãs”. Podemos procurar em todo o Novo Testamento e não encontraremos nem um só lugar onde a palavra “igreja” é usada com esses significados.

Dois significados da palavra “Igreja”

A palavra ekklesia é formada de duas palavras, klesis, “um chamado”, e a preposição ek, que significa “fora de”. Significa simplesmente “um chamado para fora”, e as duas maneiras como é usada no Novo Testamento são de vital importância para nós. A maneira como o Espírito Santo usa uma palavra nos dá o seu verdadeiro significado espiritual. É usada em Mateus 16:18 pelo Senhor Jesus: “Sobre esta pedra edificarei a minha igreja, e as

portas do inferno não prevalecerão contra ela". É usada de modo semelhante em Efésios 1:22-23, *"sobre todas as coisas, o constituiu como cabeça da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos"*. Este é o uso mais abrangente da palavra. A igreja que Cristo prometeu construir, e que Paulo chama de o corpo de Cristo, inclui todo cristão nesta era da graça, desde o dia de Pentecostes até o arrebatamento (veja também Efésios 3:1-12; 5:23-32; Colossenses 1:18; Hebreus 12:23). Estes foram tirados "fora das" nações pelo chamado de Deus (Atos 15:14), e por esta igreja o Senhor Jesus Cristo deu-Se a Si mesmo (Efésios 5:25). A palavra "universal" é muitas vezes aplicada a este aspecto amplo e espiritual da igreja pelos homens, mas o Novo Testamento nunca usa esta palavra.

O segundo uso da palavra "igreja" é mais frequente no Novo Testamento. É usada para descrever um ajuntamento de cristãos que se reúnem regularmente em uma dada localidade (1 Coríntios 1:1,2 etc.). Nunca é usada referindo-se a um prédio onde uma igreja local se reúne. Uma comparação das formas como o Espírito Santo usa a palavra "igreja" num aspecto local, nos mostrará como é errado usá-la em relação a um prédio. Paulo fala de *"a igreja que está em sua casa"* (Romanos 16:5); *"Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão"* (Atos 8:3), e *"Chegou a fama destas coisas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém"* (Atos 11:22). Essas afirmações seriam ridículas se a palavra "igreja" significasse um prédio. Nesta altura, esperamos que o leitor entenda por que usamos a expressão "igreja local" quando falamos da igreja em uma determinada localidade; pretendemos continuar usando esta expressão enquanto examinamos este assunto. Quando nos referirmos ao aspecto mais amplo ou "universal" da igreja, usaremos a expressão "o corpo".

A palavra "igreja", quando usada para descrever uma igreja local, sempre é usada no singular. Creio que não há nenhuma ocorrência quando um grupo de congregações é chamado de "a igreja". Alguns dizem que Atos 9:31 é a única exceção a esta regra, mas é provável que *"a igreja"* (singular no grego) mencionada neste versículo seja a igreja em Jerusalém que havia sido dispersa, como resultado da perseguição liderada por Saulo de Tarso (Atos 8:4). Portanto, quando um escritor do Novo Testamento se refere a várias igrejas locais, elas são chamadas de:

“Igrejas de Deus” enfatizando o seu Propósito.
“Igrejas de Cristo” enfatizando o seu Senhor.
“Igrejas dos santos” enfatizando a sua Composição.
“Igrejas dos gentios” enfatizando a Origem dos membros.
“Igrejas da Galácia” etc. enfatizando a sua Localização.

Elas nunca são mencionadas como “a igreja visível” ou “a igreja na terra”, ao se referir a um grupo delas. Também é importante que, quando o Espírito Santo usa a palavra plural “igrejas”, sempre temos “igrejas da Ásia” etc., isto é, uma determinada área onde havia diversas igrejas, mas quando Ele usa o singular, por exemplo, “a igreja em Corinto” ou “a igreja em Colossos” etc., refere-se a uma localidade onde há apenas uma igreja.

Devemos ter cuidado e observar como o Espírito Santo usa consistentemente uma palavra, se realmente desejamos entender as Suas palavras (1 Coríntios 2:13). É uma prática comum hoje em dia agrupar igrejas associadas que estão sujeitas a um mesmo corpo governamental e chamá-las de vários nomes. Há muitos cristãos piedosos que tomam esses nomes, e qualquer cristão nascido de novo que faz parte destes sistemas é membro do corpo de Cristo, mas a Palavra de Deus nunca usa a palavra “igreja” desta maneira. Também é uma prática comum agrupar todos os cristãos no mundo em uma determinada época e chamá-los de “a igreja primitiva”, ou “a igreja do século XX” etc., mas este uso da palavra “igreja” também não é encontrado no Novo Testamento. Cada cristão é um membro da igreja que é o Seu corpo, mas muitos dos membros deste corpo estão no céu, e não é bíblico dividirmos o corpo e chamar alguns deles de “a igreja na terra”, pois o Senhor Jesus não tem dois corpos espirituais, um na terra e outro no céu. É muito importante ver que o Espírito Santo não faz isso. Deus permita que sejamos preservados de cometer outro erro, que é igualmente sério, isto é, agrupar as igrejas locais num tipo de federação ou “irmandade” e nos referir a elas como “a irmandade dos Estados Unidos” ou algum outro nome não bíblico.

É de grande ajuda observar que no Novo Testamento temos “a igreja que é o Seu corpo” e igrejas locais, e mais nada (1 Coríntios 10:32). Se quisermos achar justificativas para as grandes organizações que há no cristianismo, sejam elas religiosas, políticas, sociais ou filantrópicas, teremos de procurar

fora da Bíblia. Na introdução, afirmamos que íamos seguir um método consistente de interpretação. Temos dito (na introdução) que a Bíblia é a única revelação completa de Deus e que não a interpretamos colocando nela as nossas circunstâncias; mas, sim, interpretamos as circunstâncias atuais pela sua direção infalível. Com a Palavra de Deus aberta diante de nós, podemos dizer, então, que a palavra “igreja” é usada de duas formas no Novo Testamento, e não há nada mais. A exceção quando a palavra “igreja” é usada referindo-se a Israel (Atos 7:38 - no português é traduzida “congregação”) somente fortalece a regra. As razões para esta exceção não são difíceis de encontrar. Israel era um povo chamado “para fora”; eles tinham um centro de reunião e eles eram o testemunho de Deus, como um povo redimido. Esperamos que nenhum de nossos leitores confunda Israel com a igreja!

A grande verdade espiritual dos três primeiros capítulos de Efésios é relacionada ao corpo, e é ensino posicional e não prático. Veremos isso mais detalhadamente ao prosseguirmos com o assunto da igreja e das igrejas no Novo Testamento. Também veremos que toda verdade prática, relacionada ao nosso comportamento, está relacionada com a igreja local (1 Coríntios 10:32). Embora cristãos individuais devam viver como um testemunho para Deus, e as Escrituras têm muito a dizer sobre o valor de uma vida piedosa, todo testemunho coletivo pode ser visto como o testemunho de uma igreja local. Se eu viver piedosamente em Cristo Jesus, eu irei acrescentar peso espiritual ao testemunho da igreja local com a qual eu estou ligado, e se eu falhar no meu testemunho pessoal, eu mancharei o testemunho desta igreja local. Este é o ensino do Novo Testamento, e é enfatizado aqui para mostrar que o corpo e uma igreja local são os dois aspectos da ekklesia no Novo Testamento, e que não há nenhuma outra entidade.

Não temos, até agora, tentado definir o que queremos dizer por igreja local. Vamos tentar, no capítulo 2, descobrir como Deus a define no Novo Testamento. Queremos agora considerar a grande verdade espiritual da “igreja que é o Seu corpo”.

A igreja que é o Seu corpo

Deus tem um propósito para esta dispensação que está de acordo com *“O eterno propósito que fez em Cristo Jesus, nosso Senhor”*

(Efésios 3:11). Ele está, no momento, ocupado em tirar das nações um povo para o Seu nome (Atos 15:14). Mais uma vez, devemos nos lembrar de que este mundo está sob a condenação de um Deus santo. Ele não está ocupado em melhorar este mundo, e, se desejarmos viver nossa vida de acordo com a Sua vontade, também não nos envolveremos nisso. Tentar mudar o curso deste mundo seria o mesmo que tentar retirar todas as águas das cataratas do Niágara com uma colher de chá. Entretanto, podemos ser trabalhadores juntamente com Deus em resgatar, da maré impetuosa, todos os que se voltam ao Salvador em verdadeiro arrependimento.

Todos os que, nesta dispensação, estão ligados a Cristo por uma fé viva, formam parte da igreja verdadeira (Efésios 2:21,22). Estamos tão fundamentalmente ligados ao Cabeça no céu, que somos, espiritualmente, o Seu corpo (Efésios 1:22,23) e estamos ligados uns aos outros como membros do mesmo corpo (Efésios 3:6). Esta grande verdade, desenvolvida nas epístolas aos efésios e colossenses, é posicional; ou seja, é eternamente verdadeira para todo cristão, seja qual for a sua condição espiritual ou onde ele se reúne aos domingos. Nenhum vínculo natural pode ser comparado à “unidade” dos cristãos em Cristo. Cada cristão é igualmente precioso ao Senhor que morreu por ele, cada um compartilha uma vida em comum com Ele e juntos são membros do Seu corpo.

Nossos corações perversos podem nos trair e fazer com que tenhamos atitudes completamente opostas às atitudes de Cristo, em relação aos nossos irmãos. Mesmo se não podemos andar, trabalhar ou adorar de forma coletiva com todos os que pertencem a Cristo, sempre devemos nos lembrar de que eles são amados de Deus e que Cristo verteu o Seu precioso sangue por eles. Se convicções baseadas na Palavra de Deus fazem com que nos separemos de alguns que andam desordenadamente (2 Tessalonicenses 3:6-8), quão cuidadosos devemos ser em manter a verdade em amor (Efésios 4:15), e ardentemente desejar e orar e trabalhar pela sua restauração total, nunca nos julgando superiores a qualquer um que pertence a Cristo. Ser orgulhosos da nossa posição é um grave pecado, ser orgulhoso de posição eclesiástica é ainda pior.

Há três passagens que ligam a verdade de um só corpo com a igreja local (Efésios 4:3-6; 1 Coríntios 10:16-22; 12:13). Uma

igreja local é uma expressão do corpo, mas isto não significa que seja uma miniatura do corpo. O casamento de cristãos é uma expressão da união entre Cristo e a igreja (Efésios 5:23-32), mas não é, de forma alguma, uma miniatura dela. Neste ponto do nosso estudo será suficiente dizer que a singularidade do corpo deve ser vista na unidade da igreja local. Ao participarmos de um pão, na ceia do Senhor, estamos confessando que todos os verdadeiros cristãos são um em Cristo: *“Porque nós, sendo muitos, somos um só pão”* (1 Coríntios 10:17). Satanás não pode prevalecer contra a igreja construída por Cristo (Mateus 16:18), mas ele tem conseguido dividir o testemunho cristão através do sectarismo e denominacionalismo. Ele não se contenta com isto, mas faz o possível para manchar a união de uma igreja local, introduzindo inveja, que resulta em contenda e divisão. Precisamos sempre dar ouvidos à exortação de Paulo: *“Procurando guardar a unidade do Espírito pelo vínculo da paz: há um só corpo...”* (Efésios 4:3,4). O verbo usado neste versículo é importante. Não podemos criar ou manter a unidade do Espírito, pois Deus já fez isto: *“Há um só corpo...”*. Devemos nos esforçar para preservar essa unidade no vínculo da paz *“com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor”* (v 2). Ao fazermos isso, estamos pondo em prática a obra já realizada, por Deus, espiritualmente.

A igreja como um mistério

No Velho Testamento temos figuras e princípios de ajuntamento, mas a igreja não é mencionada ali. Em Efésios 3, Paulo desenvolve o grande mistério da igreja. Ele descreve a igreja, primeiramente, como estando escondida. Estava nos pensamentos de Deus, mas era desconhecida dos homens nas eras anteriores a esta. Efésios 3:5 é a definição da própria Escritura de um mistério do Novo Testamento. Ao invés de ser algo misterioso, é uma verdade não antes revelada; mas, agora, o grande segredo de um só corpo foi manifestado e é o tema da revelação dada a Paulo e aos outros apóstolos pelo Espírito. O *“agora”* de Efésios 3:5 deve ser entendido de forma real e bem atual. Embora haja profecias que descrevem Israel como um canal de bênção para os gentios, nunca antes fora revelado que o mesmo evangelho seria pregado a judeus e gentios, e que ambos seriam coerdeiros, coparticipantes e de um mesmo corpo na igreja que é o palco onde Deus está revelando a Sua sabedoria

multiforme (Efésios 3:6-10). Não é de se admirar que, no final deste capítulo, o espírito de Paulo irrompe na doxologia: *“A Ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!”* (v. 21 - ARA).

Nos dias do Novo Testamento, os cristãos se reuniram, durante anos, sem conhecer inteiramente a verdade de um só corpo. Eles não estavam reunidos com base em um corpo porque, claramente, ainda não tinham a revelação disso. Esta expressão “reunir, baseados na verdade de um corpo” veio a significar que todos os que estão no corpo automaticamente recebem o direito de gozar de todos os privilégios de uma igreja local; mas não é assim! No testemunho cristão, os privilégios não podem ser separados das responsabilidades. Todos os verdadeiros cristãos deveriam fazer parte de uma igreja local, e este é o padrão da prática do Novo Testamento, mas, devido à falta de ensino, à falta de exemplos piedosos, ou ao pecado nas suas vidas, eles não fazem parte da igreja local, embora estejam no corpo e sejam igualmente amados pelo Senhor.

Temos tentado mostrar que a verdade de um só corpo é sublime e sagrada e deveria afetar, profundamente, a nossa atitude para com nossos irmãos em Cristo. Separação é uma verdade santa, mas divisões criadas pelos homens são sempre a obra de Satanás.

A igreja é a plenitude de Cristo (Efésios 1:23). É a plenitude Daquele que, em Si mesmo, está cheio de toda a plenitude de Deus. Esta é uma verdade que excede a nossa compreensão. Fomos tirados da ruína da morte (Efésios 2:1) e da herança da ira (v 3), e fomos, por graça incomparável, trazidos à igreja que é o Seu corpo, a “plenitude de Cristo”. Dizemos juntamente com Paulo: *“Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos!”* (Romanos 11:33).

2

Uma Descrição Simples de uma Igreja Local

A lei da primeira menção foi descrita na introdução como uma ferramenta de interpretação. Veremos agora o seu valor enquanto examinamos o que o Novo Testamento diz sobre uma igreja local. Encontramos a primeira descrição de uma igreja local em Mateus 18:15-20; o primeiro exemplo de uma igreja local é visto em Atos 2:41,42 e a primeira epístola que descreve a ordem de uma igreja local é 1 Coríntios. Veremos também a importância da lei do destaque para compreender as marcas de identificação de uma igreja local. Já foi dito que:

- a. Os Evangelhos anunciam a igreja local, profeticamente;
- b. Os Atos apresentam as igrejas, historicamente;
- c. As Epístolas falam a elas, doutrinariamente.

Essa última afirmação é especialmente verdadeira em relação às duas epístolas que tratam da ordem na igreja local, 1 Coríntios e 1 Timóteo.

Existem pessoas que se opõem ao uso de Mateus 18:20 como uma descrição de uma igreja local. As suas objeções são as seguintes:

1. Não contém toda a verdade sobre as funções de uma igreja local.

A primeira menção de uma igreja local nos dá a verdade em forma embrionária. Lemos em Mateus 18:20: “Porque onde

estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles". É uma afirmação simples que contém alguns dos princípios mais preciosos das verdades relacionadas à igreja local. Este versículo, muitas vezes, é visto pendurado na parede de um prédio onde a igreja local se reúne. Será que este versículo contém toda a verdade revelada sobre uma igreja local? Certamente que não. Será que João 3:16 contém toda a verdade sobre o evangelho? O maior versículo evangelístico na Bíblia não diz nada sobre as grandes doutrinas, como a perversão humana, a necessidade de arrependimento ou a grande verdade de justificação; entretanto, usamos este versículo como uma afirmação simples da verdade evangelística. O que João 3:16 é para o evangelho, Mateus 18:20 é para a igreja local. Verdades posteriores foram reveladas depois da descida do Espírito Santo e do nascimento da igreja no dia de Pentecostes. Isso está de acordo com o ensino progressivo que temos no Novo Testamento (João 16:13).

2. Nenhuma igreja local existia quando o Senhor falou essas palavras.

Em Mateus 18, o Senhor Jesus estava dando instruções que não entrariam em vigor até que as igrejas locais fossem plantadas. Dizer que Ele estava dando instruções sobre como uma sinagoga judaica deveria funcionar é irracional. Nos capítulos 11 e 12 deste evangelho, as reivindicações do Rei foram rejeitadas, e Ele condenou a nação e voltou Sua atenção ao Reino em mistério (Mateus 13), proferindo verdades referentes ao tempo presente, quando o Rei está ausente. O conceito do Senhor dar ensino para o futuro é o princípio mais importante do Seu ministério aos Seus, pois logo Ele os deixaria e Ele estava os fortificando para os dias quando Ele não estaria mais no meio deles. As palavras de Mateus 18:15-20 foram ditas pelo Senhor para dar instruções às igrejas locais que ainda não existiam.

3. O assunto é de comunhão pessoal, não de comunhão da igreja.

Alguns dizem: "A interpretação primária desta Escritura não é comunhão na igreja, mas comunhão pessoal entre cristãos". Será que isto é verdade? A resposta simples é: não. Nunca devemos tirar um versículo das Escrituras do seu contexto para o interpretarmos. Qual é o contexto aqui? O versículo 15 começa dizendo: "*Ora, se teu irmão pecar contra ti...*", portanto, o assunto é uma transgressão pessoal. Foi assim que o problema

começou; mas, ao progredir, incluiu *“um ou dois”* e, depois, *“duas ou três testemunhas”* (versículo 16), e no versículo 17 incluiu a igreja – uma igreja local. As palavras que seguem são das mais solenes: *“Se também não escutar a igreja...”* Agora, já não está na esfera de comunhão pessoal, e o contexto é comunhão na igreja. *“Considera-o como um gentio e publicano.”* Aqui, o sujeito oculto *“tu”* pode se referir ao homem que sofreu a agressão, mas a afirmação do Senhor, no versículo seguinte, impede que pensemos que seja somente uma atitude pessoal do homem ofendido. É interessante ver que, embora o pronome pessoal esteja no singular no versículo 17, está no plural no versículo 18. O *“ligar”* do versículo 18 é um verbo ativo e está na segunda pessoa do plural. Realmente isto vai muito além da igreja local, pois a ação na terra não foi legislada pela igreja local, mas é a implementação de uma ordem divina. Os anciãos da igreja local não têm a autoridade para decretar, mas eles têm a responsabilidade solene de executar o que Deus decretou.

Esse, então, é o contexto dos versículos 19 e 20. É um assunto de disciplina na igreja, que inclui toda a igreja local. O assunto não muda, nem são os dois ou três dos versículos 19 e 20 pessoas diferentes dos dois ou três do versículo 16. Ainda se trata de uma falta cometida, que agora está sendo levada a Deus em oração (versículo 19), e é em relação à disciplina na igreja local que esses dois ou três estão reunidos, no versículo 20. Há algumas coisas que podemos dizer sobre estes dois ou três irmãos. Eles têm a confiança do homem contra quem a falta foi cometida; eles têm a confiança da igreja local à qual o problema foi levado. Nas práticas posteriores do Novo Testamento, tais homens seriam os presbíteros nas igrejas locais. O Senhor Jesus tinha acabado de falar de uma ovelha errante, e de um certo homem que vai em busca dela, *“se, porventura, a acha”* (versículos 12-14). Não temos dificuldade em ver que o contexto trata do trabalho de um pastor, isto é, o trabalho dos presbíteros do Novo Testamento. O homem que havia transgredido era a ovelha extraviada, e o objetivo dos dois ou três era encontrá-lo.

4. Mateus 18:20 trata do assunto de disciplina.

Eu acho que posso até ouvir o leitor dizer: *“Você está querendo me dizer que ‘Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome’ é um caso de disciplina na igreja? Então como podemos aplicar esse versículo ao princípio de nos reunir ao nome do Senhor*

Jesus Cristo?” Não há necessidade de se surpreender com isto ou de temer que o versículo esteja sendo interpretado de forma incorreta quando dizemos que é uma verdade relacionada à igreja local. Temos condições quase idênticas descritas em 1 Coríntios 5:1-8. É verdade que não é uma transgressão contra uma pessoa; este pecado é moral, mas note os paralelos: *“Em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, juntos vós e o meu espírito, pelo poder (autoridade) de nosso Senhor Jesus Cristo”* (versículo 4). Novamente, temos aqui um ajuntamento para disciplina, e as mesmas verdades preciosas são ensinadas. Eles estão reunidos no nome do Senhor Jesus Cristo e é pela Sua autoridade que a disciplina está sendo executada.

Podemos ir além e dizer que a primeira menção de uma igreja local no Novo Testamento trata do pecado de cristãos, e a primeira epístola toda que trata tão detalhadamente da ordem e função de uma igreja local, 1 Coríntios, é uma epístola de correção por causa de falha humana no testemunho. O fato da verdade da igreja ser mencionada pela primeira vez em relação a fracasso é humilhante para nós. Todo o nosso testemunho para Deus está relacionado com um elemento de fracasso humano. Entretanto, Deus tem mantido um testemunho no mundo ao nome do Senhor Jesus apesar do fracasso e da fraqueza humana. Isto é um incentivo para nós. Portanto, embora Mateus 18 e 1 Coríntios estejam relacionados com fracasso humano, não os rejeitamos, mas nos alegramos com o seu ensino claro.

Tendo estabelecido o contexto de Mateus 18:20, devemos agora observar o que ele revela. Entendemos esse versículo à luz do seu contexto e à luz da revelação de todo o Novo Testamento sobre a igreja. Esse é o método normal de compreender as Escrituras. Como exemplo, entendemos que, quando o Senhor disse aos discípulos: *“Virei outra vez e vos levarei para mim mesmo”* (João 14:3), Ele estava se referindo à Sua volta aos ares para buscar os Seus, mas como sabemos disto? Por olharmos para João 14, à luz de 1 Tessalonicenses 4:13-18. Assim também estudamos Mateus 18:20 à luz dos Atos e das epístolas.

“Onde estiverem dois ou três reunidos...” Junto com o verbo *“estar”*, o Senhor Jesus usa o particípio *“reunidos”* na voz passiva (no grego), e isso nos indica que eles não agiram ativamente para se reunir, mas outro agiu para reuni-los. Podemos afirmar que esta é a expressão mais simples de uma igreja local. No versículo

temos a atração da Pessoa do Senhor Jesus como o Centro da reunião; temos como distintivo o Seu nome e a promessa da Sua presença. Se a Sua presença pode ser reivindicada neste ajuntamento (a menor reunião de uma igreja local), certamente temos o direito de reivindicar a Sua presença sempre que uma igreja local se reúne no Seu nome!

O que é uma igreja local?

A seguinte descrição é muito detalhada e, embora seja muito extensa para ser decorada, talvez sirva como guia de referência.

Uma igreja local é um ajuntamento de cristãos batizados (Atos 2:41), reunidos ao nome do Senhor Jesus Cristo (Mateus 18:20; 1 Coríntios 1:1-9; 5:4, etc.), que se reúnem regularmente numa determinada localidade de acordo com o modelo encontrado no Novo Testamento em Atos 2:41,42, e desenvolvido plenamente nas epístolas, como 1 Coríntios e 1 Timóteo. Tal igreja local é uma comunhão espiritual (1 Coríntios 10:16,17), que se expressa visivelmente ao se reunir para o partir do pão, para oração, para testemunho coletivo, para ensino da Palavra de Deus e para a pregação do evangelho. Os membros foram reunidos pelo Espírito Santo (Marcos 14:13; Romanos 8:14); sua autoridade única é a Palavra de Deus (2 Timóteo 3:16,17) e eles têm a promessa de ter Cristo no seu meio (Mateus 18:20). Eles são a residência do Espírito Santo na terra, portanto, são um templo santo ao Senhor (1 Coríntios 3:15,16). Tal igreja é guiada por presbíteros piedosos e servida por diáconos fieis, tanto em ministério material quanto espiritual (1 Timóteo 3:1-16). O sacerdócio de todos os cristãos é exercido na adoração, no louvor e na oração, e os dons, dados pelo Cabeça ressurrecto da igreja (Efésios 4:8-13), têm liberdade para funcionar sob o controle do Senhor (1 Coríntios 14:23-40). Há uma linha nítida de demarcação entre os que são membros de uma igreja local e os que não são. Também a pureza é mantida por um exercício de disciplina cuidadoso, piedoso e compassivo (1 Coríntios 5:1-13).

Esta é uma afirmação escrita cuidadosamente, mas não reivindica nenhuma autoridade própria. É somente a Palavra de Deus que tem autoridade na esfera do testemunho para Deus.

A igreja de Deus em Corinto

1 Coríntios é chamada por John R. Caldwell de “A Magna

Carta da Igreja". É claro que ele estava se referindo à igreja local, pois esta epístola é a epístola da igreja local. É singularmente a epístola do ajuntamento, a epístola do senhorio e da autoridade de Cristo, do Espírito Santo, e, ao mesmo tempo, é uma epístola de correção.

Há vários termos descritivos usados para uma igreja local, que nos ajudam a entender a sua ordem e as suas funções. Seis destas descrições estão nas cartas aos coríntios.

1. Igreja de Deus

Ela é chamada de a "igreja de Deus" (1 Coríntios 1:1,2). Encontramos essa expressão 13 vezes no Novo Testamento e sempre se refere a uma igreja local. Paulo diz, *"Persegui a igreja de Deus"* (1 Coríntios 15:9). Alguns pensam que ele estava se referindo aos cristãos em geral, mas isto é muito improvável. Não há nenhuma evidência para sugerir que existia qualquer outra igreja local a não ser a igreja local em Jerusalém, naquele tempo, embora outras igrejas fossem formadas logo depois da conversão de Paulo (Atos 9:31). A perseguição, liderada por Paulo, fez com que os cristãos de Jerusalém se espalhassem pela Judeia, Samaria e Galileia, e alguns deles foram perseguidos até a remota Damasco.

A "igreja de Deus" nos fala do propósito de uma igreja local. É o testemunho coletivo para Deus no mundo. Como é maravilhoso pensar que Deus escolheu um instrumento tão desprezível como uma igreja local para ser Seu testemunho!

2. Lavoura de Deus

"Lavoura de Deus" é uma descrição usada para a igreja em Corinto (1 Coríntios 3:9). Muito trabalho foi executado nesse campo, mas Deus deu o crescimento. Essa expressão descreve o implantar de uma igreja local, e cremos que este padrão de plantar ainda prevalece. O evangelho foi pregado (1 Coríntios 2:1-4), almas foram salvas (3:5-7), os princípios de como reunir foram ensinados (3:9,10) e a igreja local foi formada. Aprendemos de Atos 18:8 que, quando estas pessoas ouviram a Palavra de Deus, elas creram e foram batizadas. A ordem sempre é esta. Batismo não é a porta de entrada a uma igreja local, mas, no plano de Deus, é colocada antes da porta e, de preferência, perto da porta.

3. Edifício de Deus

No mesmo versículo (1 Coríntios 3:9), a igreja em Corinto é chamada de “*edifício de Deus*”. Não é difícil ver que o modelo para uma igreja local é enfatizado nesta parte da epístola. Os construtores são os ensinadores, cujo ensino é construir sobre o fundamento já lançado, e de acordo com o padrão divino de construção. Recentemente, vi um panfleto que afirmava que somente o alicerce precisa ser de acordo com o modelo, e que é a responsabilidade de cada igreja local ver como a estrutura deve ser edificada. Isto é totalmente inaceitável à luz do fato que a estrutura é o edifício de Deus, além de ser um templo de Deus e uma casa de Deus.

4. Templo de Deus

A igreja local é “*templo de Deus*” porque o Espírito Santo reside nela. Seu caráter santo é devido à Sua presença (1 Coríntios 3:16,17). Neste ponto na epístola aos coríntios, se inicia uma nova seção que trata da pureza da igreja local, e ela continua até o final do capítulo 7. A ideia de um templo nos faz pensar em louvor e adoração. Isso está de acordo com Filipenses 3:3, onde os espíritos redimidos, sob a direção do Espírito Santo, produzem adoração.

5. Corpo de Cristo

Em 1 Coríntios 12:27, a igreja local é vista como “*corpo de Cristo*”. Não há nenhum artigo aqui, pois o contexto é que a igreja em Corinto é como um corpo, cada membro ligado, de forma vital, a todos os outros. A provisão para a igreja local, por meio de dons espirituais, de acordo com todas as suas necessidades espirituais, é o assunto do capítulo 12. A igreja local é vista como “*corpo de Cristo*”, porque cada cristão nela é necessário, assim como cada membro do corpo humano é necessário para o seu perfeito funcionamento.

Uma leitura cuidadosa de 1 Coríntios 12 também irá mostrar a verdade de “o corpo” no seu aspecto mais amplo (versículo 13). A presença do artigo no versículo 12 (o corpo), salienta ainda mais a ausência do artigo no versículo 27 (na língua original não há artigo antes de “corpo”, embora haja no português). O versículo 12 é uma comparação. É impossível comparar uma coisa consigo mesma, portanto, devemos concluir que, quando “o corpo” é mencionado pela primeira vez no versículo 12, se refere ao corpo humano, que é usado como uma analogia de “o Cristo” (“o” faz parte do texto original). Note a comparação

“assim é Cristo também”. O versículo 13 fala da verdade de “o Cristo” descrevendo o corpo espiritual. É bem provável que o versículo 14 retorna à afirmação original do início do versículo 12, pois repete a premissa de que há muitos membros no corpo, isto é, no corpo humano. Pelo que segue nos versículos 15-27, fica claro que Paulo apresentou esse assunto do corpo humano para poder desenvolver o relacionamento de um membro com o outro e aplicar isto à igreja local em Corinto. Esta é a razão pela qual dizemos que a igreja local tem funções semelhantes às de um corpo, pois este é o ensino claro dos versículos 15-27. Portanto, o versículo 13 fala do corpo espiritual de Cristo e o resto da passagem trata do caráter, como de um corpo, de uma igreja local.

Dizer que cada igreja local é “um corpo de Cristo” causa confusão. Cristo não tem muitos corpos, e é impossível escapar deste dilema se insistirmos em acrescentar nosso artigo indefinido a um substantivo grego. Uma igreja local não é “um corpo de Cristo”, mas *soma Xristou* – corpo de Cristo.

6. Virgem pura

Paulo escreveu a estes mesmo coríntios: “*Vos tenho preparado para vos apresentar como uma virgem pura a um marido, a saber, a Cristo*” (2 Coríntios 11:2). Que descrição mais linda para uma igreja local: “*como uma virgem pura*”. Essa figura nos faz pensar num amor e devoção sinceros, e é uma figura linda de pureza. O zelo que ele sente por eles é o zelo de Deus. Isto é coletivo e corresponde aos anseios do Espírito Santo pelo cristão individual em Tiago 4:5, onde o propósito do Seu zelo (ciúme) é que o coração inteiro do salvo seja todo de Deus.

7. Pequeno rebanho

Outras quatro expressões são usadas para descrever uma igreja local e podem ser ligadas às seis que temos nas epístolas aos coríntios. Atos 20:28 usa o diminutivo da palavra *rebanho* para descrever a igreja local em Éfeso. Vemos o rebanho total em João 10:16, mas a igreja local é um pequeno rebanho (1 Pedro 5:1-4 - na língua original, a palavra *rebanho* é um diminutivo).

8. Casa de Deus

Em 1 Timóteo 3:15, a igreja local não é apenas chamada de

igreja de Deus, mas também *casa de Deus*. Como a igreja de Deus, a ênfase está em ser “chamado para fora”; mas, como a casa de Deus, a ênfase está em ser trazida ao lugar de ordem e de governo divino.

9. Coluna e firmeza da verdade

Neste mesmo versículo (1 Timóteo 3:15), a igreja também é chamada de “*coluna e firmeza da verdade*”. Isto sugere que a igreja local exalta o nome bendito do Senhor Jesus e está preparada para defender as verdades relacionadas a Cristo, como vistas no versículo 16.

10. Castiçal de ouro

Finalmente, as igrejas locais são vistas como castiçais de ouro em Apocalipse 1 a 3, cada uma delas estabelecida na sua própria base de ouro e responsável somente ao Senhor, que anda no meio das igrejas.

O modelo que temos em Atos 2:41,42

Agora deve estar claro que a primeira igreja local (Atos 2:41-42) é um modelo para toda igreja local formada desde então. Alguém pode estar pensando que essa igreja em Jerusalém era diferente porque era formada de judeus e prosélitos. Isso pode ser resolvido facilmente quando mostramos que cada uma das sete verdades associadas com essa primeira igreja local são desenvolvidas na epístola que trata, especificamente, com a ordem na igreja. Assim, quando Corinto precisou de correção, Paulo usou o modelo de Atos 2 e o aplicou a eles. A doutrina dos apóstolos é descrita em 1 Coríntios 15, a comunhão no capítulo 10, o partir do pão e as orações no capítulo 11. Os apóstolos estavam presentes na igreja local em Jerusalém, e a responsabilidade do ensino e da pregação era deles, mas isto não reduz o valor de Atos 2 como modelo.

Alguns argumentam que não temos base para apresentar Atos 2:41,42 como uma afirmação progressiva. Para ver o engano dessa afirmação, a única coisa que temos de fazer é inverter a ordem das sete afirmações, e veremos que não faz sentido algum na ordem inversa. As pessoas que ouviram Pedro pregar naquele dia, creram na mensagem, foram batizadas como cristãos e acrescentadas ao número em Jerusalém, que, naquele mesmo

dia, haviam sido estabelecidos como a primeira igreja local. Iremos desenvolver essas verdades mais adiante no capítulo 11 deste livro. É suficiente afirmar aqui que os novos convertidos foram acrescentados aos 120 que já formavam a igreja local. É muito improvável que todos os cristãos estivessem presentes em Jerusalém naquele dia. Sabemos, pelos detalhes do ministério do Senhor, e também por meio de 1 Coríntios 15:4-6, que havia muito mais do que 120 cristãos no mundo naquele tempo. Não há problema algum nisto, se fizermos a distinção correta entre o corpo e uma igreja local. Todos os cristãos foram, naquele dia, colocados no corpo de Cristo por meio do batismo no Espírito Santo, mesmo que nem todos estivessem presentes; mas somente os que estavam presentes faziam parte da igreja local em Jerusalém. O versículo 47 enfatiza que novos convertidos eram acrescentados a eles, isto é, àqueles que já faziam parte da igreja local.

Eles continuaram constantemente na comunhão da igreja local, não só ocasionalmente, e eles mantiveram os ensinamentos divinamente dados a eles por meio dos apóstolos e se reuniam regularmente no primeiro dia da semana para partir o pão (Atos 20:7). A pregação e o ensino da palavra de Deus são expressos nas palavras *“perseveravam na doutrina dos apóstolos”*. Dizemos novamente que cremos que este padrão serve para todos os tempos, ao qual nada devemos acrescentar e do qual nada devemos tirar.

Uma palavra de aviso é necessária aqui, a cada um de nós. A igreja em Éfeso foi elogiada pelo Senhor: *“Eu sei as tuas obras, e o teu trabalho, e a tua paciência, e que não podes sofrer os maus; e puseste à prova os que dizem ser apóstolos e o não são e tu os achaste mentirosos; e sofreste e tens paciência; e trabalhaste pelo meu nome e não te cansaste. Tenho, porém, contra ti que deixaste o teu primeiro amor... arrepende-te... quando não, brevemente a ti virei e tirarei do seu lugar o teu castiçal”* (Apocalipse 2:2-5). Sem dúvida a sua maneira de reunir estava correta e suas funções eram bíblicas. Trinta anos antes Paulo havia encerrado a sua epístola a eles com as palavras: *“A graça seja com todos os que amam a nosso Senhor Jesus Cristo em sinceridade (incorruptibilidade). Amém!”* (Efésios 6:24). Em contraste com este amor puro, o Senhor viu o que estava escondido de todos os olhos; o coração estava errado. Que possamos usar isso como um aviso solene aos nossos corações. Nosso exterior pode estar em perfeita ordem, mas o Senhor diz:

“Esquadrinho o coração” (Jeremias 17:10).

Por causa do perigo de uma conformidade meramente externa, há aqueles que dizem: “O exterior não importa, o importante é a realidade interior”. Eles podem apelar às palavras do Senhor a Samuel: *“Não atentes para a sua aparência, nem para a altura da sua estatura, porque o tenho rejeitado; porque o Senhor não vê como vê o homem. Pois o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração”* (1 Samuel 16:7). Devemos notar que embora Eliabe fosse rejeitado por ter apenas a aparência exterior, Davi tinha tanto a aparência exterior como a realidade interior (versículo12). Esse deve sempre ser o nosso alvo.

Temos falado da igreja local como igreja de Deus. Ela é o testemunho para Deus numa cena perversa e escura. Nem cristãos nem incrédulos podem ver a “realidade interior”. Tudo o que nós podemos ver são os sinais externos, portanto, não pode haver nenhum testemunho para Deus a não ser que seja visto em nós. Há uma terrível falha no argumento moderno que diz: “Posso fazer o que quero, me vestir como me agrada ou agir como desejo, pois o exterior não importa, somente a realidade interior tem importância”. Isto é bobagem, mas não é bobagem nova, pois essas eram as palavras exatas de Epicurio, o filósofo grego (Atos 17:18). Que tenhamos cuidado para que o exterior esteja de acordo com a Palavra de Deus, mas também esquadrimos os nossos corações para que a realidade interior corresponda, verdadeiramente, com o nosso testemunho (Salmo 139:23,24)!

3

Distinções Importantes entre o Corpo de Cristo e uma Igreja Local

O assunto deste capítulo tem ocupado muitas mentes durante muitos anos. O que vamos dizer sobre o assunto não resolverá a questão para muitos, mas precisamos deixar o leitor examinar a Palavra de Deus por si mesmo, e discernir, por meio dela, a mente de Deus. Sempre devemos tomar cuidado para manter um espírito correto em relação a outros cristãos, cujas conclusões sobre o assunto sejam diferentes das nossas. É com o desejo de ajudar tais cristãos que examinamos o que o Novo Testamento diz sobre as distinções entre o corpo de Cristo e uma igreja local. O que cremos sobre isso tem grande influência na prática.

O problema apresentado

Muitas vezes, quando os cristãos tentam ensinar verdades concernentes à igreja local a pessoas que desconhecem completamente este assunto, eles se veem diante de uma pergunta mais ou menos assim: “Será que você crê numa comunhão restrita?” Embora saibamos que a expressão “comunhão restrita” não se encontra na Bíblia, entenderemos que quem fez a pergunta tem em mente a recepção à ceia do Senhor. O Novo Testamento certamente ensina que todos os cristãos devem participar da ceia do Senhor, e há uma maneira correta pela qual eles podem gozar deste privilégio, mas, sem dúvida, quem faz a pergunta quer dizer: “Se eu viesse como um estranho à sua igreja local, sem uma carta de recomendação de outra igreja local onde estou

em comunhão, eu poderia participar da ceia do Senhor, como visitante ocasional?" A resposta bíblica a esta pergunta é: não. Em seguida, a pessoa poderia dizer mais ou menos o seguinte: "Se vocês não recebem todo membro do corpo de Cristo, então isso faz de vocês uma seita". Eu tenho propositalmente apresentado o assunto da forma mais direta possível, para que possamos, claramente, entendê-lo.

Não existe no Novo Testamento nada sobre receber alguém somente para a ceia do Senhor. Recebemos cristãos à comunhão da igreja local, e isso nunca é uma coisa ocasional (Atos 2:42). Nesta comunhão, eles gozam de todos os privilégios da igreja local, e também compartilham das suas preocupações e responsabilidades. É impossível considerar comunhão como sendo participar dos privilégios, sem também participar das responsabilidades. Entretanto, tendo dito isso, há muito que fica sem ser dito.

A afirmação: "Se vocês recusam qualquer membro 'do corpo de Cristo', então vocês são uma seita", não será aceita pela maioria das pessoas que leem suas Bíblias. Há razões bíblicas claras por que uma pessoa pode ser membro do corpo de Cristo e, no entanto, não estar em condições de fazer parte de uma igreja local. A maioria irá concordar que, se uma pessoa que professa ser um cristão estiver vivendo em imoralidade (1 Coríntios 5:11), ou tem uma compreensão errada sobre a doutrina da Divindade, ou da Pessoa de Cristo (1 Timóteo 1:20), ela não está em condições de fazer parte da comunhão da igreja local. Este também é o ponto de vista defendido pela maioria das denominações, hoje em dia, ou pelo menos era em algum ponto da sua história. Por isso muitos tentam esclarecer a afirmação dizendo: "Se alguém for verdadeiramente regenerado e está em condições morais e doutrinárias sadias, então não deve ser recusado, embora ele deseje participar da ceia do Senhor somente nesta única ocasião. Recusá-lo seria não bíblico e sectário".

Os que assim dizem, o fazem baseados no argumento de que há um corpo, e a igreja local deveria reconhecer a unidade do corpo e obedecer a exortação: "*Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus*" (Romanos 15:7). Muitos livros e folhetos apoiam este tipo de ensino. Dizem que se alguém faz parte do "corpo de Cristo" e se sua doutrina e o seu andar são corretos, ele automaticamente tem o direito

de participar da comunhão de uma igreja local, quando assim quiser. Isso pode soar muito bonito e sentimental, mas não tem base na Palavra de Deus, pois estar no corpo não é a mesma coisa que estar numa igreja local.

Com a ajuda de Deus, e com a Bíblia aberta, gostaríamos de considerar cada um dos pontos acima mencionados. Muitas vezes, eu tenho lido, cuidadosamente, os escritos de irmãos que insistem que todos os que são regenerados e estão firmes na doutrina e no seu andar deveriam ser bem-vindos, em qualquer ocasião, para partir o pão com uma igreja local. Tenho procurado em vão encontrar, nestes escritos, diretrizes para os irmãos que recebem as pessoas na entrada do local de reuniões, que possam ajudá-los a decidir se os visitantes satisfazem estes requisitos mínimos. Se um desconhecido chega e deseja participar da ceia do Senhor, será que alguns minutos antes da reunião são o suficiente para estabelecer se a pessoa é verdadeiramente nascida de novo? Uma pesquisa feita nos Estados Unidos estimou que 70% dos americanos se chamam de evangélicos e mais de 50% afirmam terem tido algum tipo de experiência espiritual. No primeiro século, a igreja local em Jerusalém duvidou da realidade da conversão de Saulo, até que recebesse evidência dela. Eu sei que ele era conhecido como um perseguidor, mas será que devemos nos julgar mais sábios, ou com mais discernimento, do que os apóstolos e os profetas que faziam parte daquela primeira igreja?

Precisamos de tempo para saber se uma pessoa é verdadeiramente salva. O único padrão dado pelo Senhor Jesus foi: *“Pelos seus frutos os conhecereis”* (Mateus 7:20). Fruto é produzido pelo crescimento e requer tempo. O contexto deste versículo está relacionado a falsos profetas, mas o contexto mais amplo do capítulo é que julgamento correto deve ser feito pelos frutos, e não por julgar motivos ou pensamentos, pois isso está além da nossa capacidade. A dificuldade aumenta quando consideramos que nenhum dos outros dois requisitos sobre vida e doutrina podem ser conhecidos em alguns poucos minutos de conversa.

A recepção à comunhão da igreja local é o assunto do capítulo 12, mas, para equilibrar o que já foi escrito, devemos afirmar, aqui, que todos os presbíteros piedosos farão de tudo para ajudar pessoas que mostram qualquer interesse e desejo de fazer parte da comunhão de uma igreja local. Eles não irão julgá-los pelo seu

grau de conhecimento, mas por um espírito disposto a aprender, e farão tudo que puderem para ensinar e encorajar tal pessoa.

Distinções entre o corpo e a igreja local

Temos dito acima que “o corpo de Cristo” e a igreja local são distintos. Se fizermos uma comparação, logo veremos que há, em primeiro lugar, uma diferença sobre quem está em cada um deles. Somente pessoas verdadeiramente salvas estão no corpo, e embora seja o ensino das igrejas locais que *“todos os que criam estavam juntos”* (Atos 2:44), e que nenhuma pessoa não regenerada deveria estar em comunhão numa igreja local, pessoas não salvas têm entrado, furtivamente. Também não seria difícil mostrar que muitos que são verdadeiros membros do corpo de Cristo nunca estiveram numa igreja local e, por outro lado, alguns que estão numa igreja local nunca estiveram no corpo por não terem sido realmente salvos (Gálatas 2:4). Há também uma diferença quanto à ocasião da entrada, a maneira de entrar e a maneira como somos mantidos no corpo e na igreja local.

Semelhanças entre o corpo e a igreja local

Há muitas semelhanças entre o corpo e uma igreja local.

1. O Corpo

A igreja (Efésios 1:22)

O corpo (Efésios 4:12)

Um templo santo (Efésios 2:21)

Morada (Efésios 2:22)

O Rebanho (João 10:16)

2. Uma Igreja local

A igreja de Deus (1 Coríntios 1:2)

Corpo (1 Coríntios 12:27)

Templo (1 Coríntios 3:16)

Casa (1 Timóteo 3:15)

Pequeno rebanho (Atos 20:28 lit.)

Essas semelhanças são muito importantes e nos dizem claramente que uma igreja local é uma expressão “do corpo”. A verdade do ‘um corpo’ é muito preciosa. É um tema principal nas epístolas aos efésios e aos colossenses. Está intimamente ligada com as verdades da igreja local. Se nos pedissem para explicar por que uma igreja deveria ser unida e manifestar uma união que é sem paralelo em todos os relacionamentos dos homens, iríamos às Escrituras que mostram a unidade do corpo de Cristo (Efésios 4:4-6; 1 Coríntios 10:17; 12:13). A comunhão de uma igreja local é uma expressão de uma comunhão mais ampla. É na igreja local que a união do corpo é vista na prática.

Muitos vão além e dizem que uma igreja local é a reprodução, uma cópia exata de “o corpo” ou que é uma miniatura, um microorganismo, e assim tudo que se diz de um se diz do outro, exceto que uma igreja local está numa escala muito pequena. A Bíblia não ensina isto, de forma alguma.

Distinções importantes

- i. “O corpo” é espiritual, e as verdades relacionadas a ele são posicionais; uma igreja local é geográfica e as verdades relacionadas a ela são práticas (Efésios 1:22,23; 1 Coríntios 1:1, 2).
- ii. Passamos a fazer parte do “corpo” no momento da nossa conversão, mas o modelo para entrar numa igreja local é que o batismo segue a conversão e, em seguida, os cristãos são acrescentados à comunhão (1 Coríntios 12:13; Atos 2:41, 42).
- iii. No “corpo” não há distinção entre homem e mulher (Gálatas 3:28), mas na igreja local há distinções muito claras entre eles (1 Coríntios 11:1-16; 14:34; 1 Timóteo 2:12-15).
- iv. Damos graças a Deus que nenhum cristão pode ser separado “do corpo” (Romanos 8:38,39), mas pode ser necessário afastar uma pessoa da comunhão da igreja local (1 Coríntios 5:11).
- v. “O corpo” da epístola aos efésios é chamado pelo Senhor Jesus de “minha igreja” (Mateus 16:18). Nada que é falso pode entrar ali, e Satanás não pode prevalecer contra ela, mas lobos podem penetrar numa igreja local (Atos 20:29), e Satanás pode corrompê-la (2 Coríntios 11:1-3).
- vi. Há unidade perfeita “no corpo” (Efésios 4:4), mas uma igreja local pode ser dividida por dissensões (1 Coríntios 3:3).
- vii. A noiva será apresentada, sem falhas, em pureza absoluta baseada no sacrifício de Cristo (Efésios 5:25-27), mas uma igreja local pode ser removida em juízo (Apocalipse 2:5).
- viii. A noiva será a noiva eternamente (Apocalipse 21:1, 2), mas uma igreja local permanece somente “até que Ele venha” (1 Coríntios 11:26; Apocalipse 2:25).
- ix. “O corpo” nunca está todo junto em um só lugar e nunca estará até nos encontrarmos com o Senhor nos ares (2 Tessalonicenses 2:1), mas uma igreja local deveria estar toda junta, regularmente (1 Coríntios 14:23; Hebreus 10:25).
- x. O Senhor Jesus disse: “*Edificarei a minha igreja*” (Mateus

16:18), mas Paulo disse que homens são os edificadores de uma igreja local e ele mesmo era um sábio arquiteto ou construtor (1 Coríntios 3:10 - ARA).

Muitas outras distinções poderiam ser mencionadas, mas estas são mais do que suficientes para enfatizar as diferenças. Há conclusões para serem tiradas dessas diferenças claras. Primeiramente, cremos que muitos amados irmãos têm compreendido a grande verdade de um só corpo, mas nunca viram as diferenças entre o corpo e uma igreja local. Os homens têm recebido a responsabilidade de manter a pureza de uma igreja local, mas a noiva (um aspecto futuro da igreja) é mantida em pureza imaculada através da virtude do sangue de Cristo. Somos introduzidos no corpo como pecadores totalmente indignos, cujo único direito é juízo eterno por parte de um Deus santo, mas um cristão entra na comunhão da igreja local quando ele manifesta evidências de uma vida nova em Cristo. Fica claro para qualquer um que tem um conhecimento sobre a verdade de comunhão, que uma igreja local recebe um irmão em Cristo e este cristão recebe a igreja local. O falecido irmão Fisher Hunter se referia a isto como “recepção mútua”. Receber pessoas que não recebem a igreja local não é comunhão, não importa o que seja chamado. Lucas 5:10 descreve Tiago e João como companheiros de Simão. Eles tinham uma sociedade. Esta palavra “companheiros” tem a mesma raiz que a palavra comunhão, sugerindo que a comunhão é uma sociedade ativa absoluta. Não é nem ocasional nem indiferente.

Mencionamos acima: *“Portanto, recebei-vos uns aos outros, como também Cristo nos recebeu para glória de Deus”* (Romanos 15:7). Esse versículo é, muitas vezes, usado para tentar mostrar que a recepção “no corpo” é tudo que é necessário para ser recebido na comunhão de uma igreja local. O contexto deste versículo deve ser examinado, se quisermos saber o seu verdadeiro significado. Havia, pelo menos, três igrejas locais em Roma (Romanos 16:5,14,15). Nessas igrejas havia judeus e gentios (Romanos 15:5-21), com origens muito diferentes e leis de alimentação e costumes conflitantes. Paulo está escrevendo para pessoas nessas igrejas locais para que tenham *“o mesmo sentimento uns para com os outros”* (versículo 5). Este é o contexto, e muitas vezes ficamos surpresos ao ver que irmãos que são leitores cuidadosos da Palavra de Deus dizem que este versículo se refere à recepção na igreja local. O *“uns aos outros”* do versículo 7 deve ter o

mesmo significado que tem nas outras vezes que é usado nesta mesma passagem (Romanos 14:13,19; 15:5,7,14). Em todos os outros casos se refere a irmãos na comunhão numa igreja local. Será que pode ter um significado diferente aqui? Este é outro exemplo da necessidade de sempre entendermos um versículo no seu contexto. A recepção de Febe, descrita em Romanos 16:2, é recepção à comunhão de uma igreja local e até mesmo o verbo “receber” é diferente do verbo em 15:7.

Muitas vezes, uma ilustração é usada, e nós não a consideramos correta. “O corpo” é comparado a uma laranja ou uma maçã que é dividida entre várias pessoas. Ninguém tem a laranja toda, mas todos têm laranja. Isto soa bem, e parece estar baseado em 1 Coríntios 12:27; mas na ilustração cada um tem um pedaço de laranja e se os pedaços fossem colocados de volta, a laranja estaria completa novamente. Será que isto verdadeiramente se aplica ao “corpo de Cristo” e às igrejas locais? Será que uma igreja local é um pedaço “do corpo”? Será que se todas as igrejas locais fossem ajuntadas teríamos “o corpo”? No próximo capítulo, veremos a igreja local como um testemunho singular para Deus no mundo, e rejeitamos a ilustração da laranja. A igreja local não é um pedaço de nada, embora cada um que está em comunhão numa igreja local reconheça que é membro do “corpo de Cristo” com todos os outros cristãos desta dispensação, quer estejam eles na terra ou no céu.

4

Uma Demonstração Singular - Reunidos ao Seu Nome

Este é o capítulo onde o cristão recém-convertido deve começar a leitura deste livro. Entretanto, verdades que tocam no coração e comovem nossas emoções nunca são simples demais ou conhecidas demais para os mais espiritualmente maduros entre o povo de Deus. Deus permita que tanto o escritor como cada leitor possa ter uma apreciação plena do sagrado privilégio de se reunir ao nome do Senhor Jesus Cristo!

Uma igreja local é um testemunho singular para Deus no mundo. É singular porque o Novo Testamento não reconhece nenhum outro ajuntamento como um testemunho coletivo para Deus na era atual. Há muitos grandes sistemas e organizações no “mundo cristão” em que pode haver algumas coisas boas, e também outras coisas que não são tão boas, mas se o Novo Testamento for nosso único guia, há somente um testemunho verdadeiro para Deus no sentido coletivo. Alguns tentam explicar isso dizendo que o Novo Testamento somente descreve o cristianismo primitivo e que a intenção de Deus era que igrejas locais se unissem num sistema organizado que seria reconhecido pelas nações da terra, e assim teria um impacto maior para Deus. Devemos ser muito cuidadosos em não tentar dizer a Deus quais são as Suas intenções. Ele nos deu uma revelação completa da Sua vontade, na Sua Palavra, e não há nenhuma sugestão de tal intenção. Todas as grandes instituições e organizações do cristianismo não têm nem uma linha das Escrituras para sustentar a sua existência.

Temos mostrado nos capítulos anteriores que há somente dois aspectos da igreja no Novo Testamento, o corpo espiritual e a igreja local. Quando várias igrejas locais são mencionadas juntas, elas nunca são chamadas de “a igreja de” (qualquer coisa). São simplesmente as “igrejas dos santos”, ou alguma outra designação do Novo Testamento que se aplica a todos estes ajuntamentos. Nós nos referimos a esta verdade como a independência ou autonomia da igreja local, mas nenhuma destas palavras é realmente adequada. A igreja local não é, na verdade, governada por si mesma, e certamente nunca será autosuficiente ou auto dirigida, mas cada igreja local é responsável ao Senhor somente e não a nenhum corpo governamental ou hierarquia, além da sua própria liderança que, por sua vez, tem a Palavra de Deus, e somente ela, como guia (Apocalipse 1:12 a 3:22). Uma igreja local não é uma democracia, governada pelo povo, mas uma teocracia, onde o governo de Deus é reconhecido.

A Bíblia descreve, de fato, um grande sistema religioso que se desenvolve nesta era. Em duas das parábolas de Mateus 13, vemos que ela tem um crescimento fenomenal. Em uma das parábolas, uma semente de mostarda é semeada por um homem no seu campo. Ela cresce e se transforma numa grande árvore, e as aves do céu vêm aninhar-se nos seus galhos (versículos 31, 32). O Senhor Jesus nos diz que o campo é o mundo (versículo 38), e as aves são os emissários de Satanás (versículos 4,19). A grande árvore é uma figura da cristandade. Na parábola do fermento, uma mulher esconde o fermento em três medidas de farinha, até que tudo esteja levedado. O fermento causa crescimento, um grande aumento de tamanho, mas não acrescenta nenhum valor real, ou peso espiritual. Se a ação do fermento não for contida pelo forno, transformará a farinha numa grande massa azeda. O fermento é uma figura do mal, tanto moral (1 Coríntios 5:6-8) quanto doutrinário (Gálatas 5:9), e assim surgiu um grande sistema no mundo religioso, mas esse sistema todo está contaminado com o mal. Entretanto, devemos tomar muito cuidado quando falamos do “sistema”, e distinguir muito bem entre o sistema e os muitos santos de Deus por quem o Senhor Jesus derramou o Seu sangue, e que ainda estão nesse sistema.

Aquele nome digno

Queremos agora considerar o lado positivo da verdade de reunir-se ao nome do Senhor Jesus Cristo. Sabendo que Ele

logo voltaria ao céu, ao lugar de onde Ele viera, o Senhor Jesus deixou diretrizes para os Seus, de como deveriam agir durante a Sua ausência. Ele deixou muitos legados espirituais aos Seus, e nenhum mais precioso do que o Seu nome precioso. É comovente ler as palavras de Jeremias: (15:16) *“Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração”*. Quais foram as palavras tão preciosas que ele achou? Foram: *“Porque pelo Teu nome me chamo, ó Senhor, Deus dos Exércitos”*. Palavras semelhantes são registradas por Davi, Isaías e Daniel. Esta era uma grande verdade do Velho Testamento, pois Deus dissera a Israel: *“E todos os povos da terra verão que és chamado pelo nome do Senhor”* (Deuteronômio 28:10). O livro de Deuteronômio está repleto da verdade de que Deus tinha colocado o Seu nome como a marca distintiva do lugar onde Israel se reunia perante o Senhor (Deuteronômio 12:5,11,14,18,21,26; 16:2,6,7,11). Mas essas são verdades do Velho Testamento. Será que há um paralelo disto hoje? Tiago escreveu a irmãos humildes: *“Porventura, não blasfemam eles o bom nome que sobre vós foi invocado?”* (Tiago 2:7). Somos chamados pelo nome que os homens blasfemam, mas esse nome é “digno”. A maioria das anotações bíblicas expressa a incapacidade da nossa língua neste ponto, e acrescenta adjetivos como honrável, maravilhoso ou lindo; ou o substitui por palavras como nobre, glorioso, excelente ou mais belo, pois esse é um nome cuja magnitude não pode ser exagerada.

Isaac Watts escreveu:

*Juntemos todos os nomes gloriosos
De sabedoria, amor e poder,
Já conhecidos dos mortais,
E ostentados pelos anjos;
Todos são incapazes de descrever o Seu valor,
Desprezíveis demais para enaltecer o nosso Salvador.*

O nome do Senhor Jesus Cristo tem em si todo o valor incomparável da Sua Pessoa e obra. É impossível separar esse nome de tudo o que Ele é e de tudo o que Ele fez.

Se você leu o segundo capítulo deste livro, você deve ter notado quão insistentemente sustentamos a interpretação contextual de Mateus 18:20. A razão para isso agora será entendida. *“Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no (em o) meio deles”*, é uma verdade muito preciosa. É importante ver que temos a palavra “em” duas vezes neste versículo, mas as

palavras no grego são diferentes. *“Ai estou eu em o (en) meio”* destaca localização e contém a preeminência do Seu lugar na reunião. O primeiro *“em (eis - ao) Meu nome”* é muito importante. A preposição *eis* significa em direção a, e ensina que o próprio Senhor Jesus é a grande Atração. Somos atraídos a Ele como o centro da reunião. Entretanto, este pensamento de “em direção a” não satisfaz plenamente o significado de *eis*. Pode também ser traduzido como “ao”, pois, “ao Seu Nome” fala de toda a autoridade deste nome. Pela autoridade deste nome o evangelho foi pregado (Atos 4:12), cristãos foram batizados (Atos 10:48), coxos andaram (Atos 3:16), cristãos receberam a garantia do perdão (Atos 10:43) e muito mais, pois na esfera de autoridade, não existe nenhum outro nome que possa ser comparado com este (Filipenses 2:9). Entretanto a tradução de *eis* como “em” está correta, pois ela também significa estar “na esfera de” Seu nome e permanecer ali.

Seu nome tem autoridade e atração, pois é o centro de reunião dos cristãos (Mateus 18:20; 1 Coríntios 1:1-9; 5:4; Hebreus 10:25; 13:13). Poderia haver alguém que ama a Cristo e que sugeriria que qualquer outro nome fosse mais atraente? *“Ao meu nome”* fala do caráter inconfundível do Seu nome. Ao invés de ser um testemunho obscuro, é o único nome singular que une todos os que verdadeiramente O reconhecem como Salvador e Senhor. É um nome tão inconfundível que exclui todos os outros nomes.

Muitas vezes os cristãos tomam nomes que foram escolhidos porque honram a memória de um grande servo de Cristo. Existe um servo cujo nome é digno de ser colocado ao lado do nome do seu Senhor? Deus *“Lhe deu um nome que é sobre todo o nome”* (Filipenses 2:9). Alguns tomam um nome que honra um grande ensino da Bíblia, como o batismo dos cristãos, mas será que existe uma ordenança, uma verdade ou uma prática digna de compartilhar o lugar que pertence somente Àquele que disse: *“Eu sou a verdade”*? Alguns outros tomam um nome que representa uma forma de governo da igreja (*presbuteros, episkopos*), mas quais anciãos ou presbíteros são dignos de ter o seu nome colocado no lugar do nome do Senhor das igrejas?

Alguns irão considerar essas acusações injustas. Eles dirão: “Estes grandes sistemas religiosos não negam o nome do Senhor Jesus Cristo, eles somente escolheram um segundo nome para distingui-los de outros cristãos”. Nunca foi a intenção do

Senhor Jesus que os cristãos fossem divididos (João 17:22,23), e é justamente a ideia deste segundo nome que é tão prejudicial. O Senhor Jesus deixou o Seu nome para que os cristãos fossem chamados por ele, e, enquanto Ele está ausente, muitos têm tomado um segundo nome, por conveniência, de acordo com sua vontade, ou para separá-los de outros que são somente cristãos.

Meu nome completo e a inicial do meu nome do meio dão um total de quinze letras. Muitas vezes estou longe de casa, devido à obra do Senhor, e minha esposa precisa assinar papéis usando o nome que eu lhe dei, em espaços que não são suficientemente grandes. Quão mais fácil seria se ela adotasse um sobrenome que tivesse somente umas seis letras! Ela poderia me dizer que não estava abdicando o nome que eu lhe dei, muitos anos atrás, mas meramente usando outro nome por conveniência. Sem levar esta ilustração mais adiante, deixe-me perguntar: Como será que o nosso Senhor ausente considera esses muitos nomes que são colocados ao lado do Seu nome, ou que substituem o Seu nome completamente? Existe realmente outro nome que é digno de compartilhar o lugar de honra e preeminência que deveria ser dado somente ao Seu nome? Todos os outros nomes desonram ao Senhor. De fato, qualquer nome que tomamos e o aplicamos exclusivamente a nós como cristãos, para nos distinguir dos outros cristãos, é o pecado de sectarismo. Os nomes irmãos, cristãos e crentes pertencem igualmente a todo filho de Deus e nunca devem ser usados com um significado sectário. Este foi o erro do homem em Corinto que, no seu orgulho posicional, disse, *"Eu sou de Cristo"*. Note o uso do pronome pessoal e da maneira como o nome "Cristo" é usado. Esta é a epístola onde Ele é o **Senhor Jesus Cristo** e Seu Senhorio é o tema principal.

Não podemos escapar do fato que o mundo irá dar nomes para nós, mas devemos negar estes nomes e usar somente o nome que está acima de todo nome, o nome do nosso Senhor Jesus Cristo (Colossenses 3:17).

Certo dia, enquanto viajava a uma cidade distante, um homem se assentou ao meu lado, e sua conversa logo deixou transparecer que ele era um cristão professo. Quando eu lhe disse como Deus havia me despertado e salvo, ele alegremente me contou a maravilhosa história de como Deus lidou com ele. Havia evidências claras à minha mente e coração de que tínhamos o mesmo Salvador e Senhor. O tempo passou rapidamente

enquanto conversávamos sobre o Senhor Jesus e sobre o valor da Sua Pessoa e obra. Eu verdadeiramente creio que o Senhor se aproximou e poderíamos ter usado as palavras de dois outros viajantes: *“Porventura, não ardia em nós o nosso coração quando, pelo caminho, nos falava”* (Lucas 24:32). Meu companheiro era um irmão querido no Senhor e eu senti meu coração se apegar a ele. Éramos um em Cristo, e eu reparei que ele era espiritualmente inteligente. Perto do final da nossa viagem ele perguntou: “O que você é?” Sabendo muito bem o que ele queria dizer, eu lhe disse que era um salvo, um cristão, anteriormente um pecador perdido, mas agora a caminho do céu.

Não tendo recebido a resposta que ele queria, ele insistiu: “Mas a que você pertence?”

“Eu pertenço ao Senhor Jesus”, respondi.

“Mas você não se chama por outro nome?”

“Que outro nome você acha que eu deveria usar além do Seu Nome?”

Quando ele me disse a que denominação ele pertencia, um grupo que pode se vangloriar de ter tido muitos homens espirituais no seu meio no passado e ainda alguns no presente, eu lhe expliquei que, quando estávamos conversando juntos acerca do nosso Senhor Jesus Cristo, éramos um, não havia nenhuma divisão entre nós, mas agora havia uma separação. Eu era somente um cristão, mas ele era um cristão presbiteriano. Sua resposta será o suficiente para mostrar por que falei sobre este acontecimento: “Eu nunca antes tinha visto o grande erro de um segundo nome.” Deus permita que cada leitor possa compreender o mal que há nisto!

Uma palavra de aviso

Precisamos, nesta altura, distinguir entre uma formalidade fria e uma apreciação viva e vital. Estar correto em relação à ordem na igreja e em relação ao nome é excelente, mas isso não me torna uma pessoa espiritual e certamente não me faz superior a outros cristãos que pertencem a organizações com as quais eu não me sentiria à vontade para participar. Já temos visto crentes na posição doutrinária mais correta, mas caracterizada por apatia e, mais trágico ainda, por uma dureza que não demonstra nenhuma semelhança com a mente de Cristo. Uma posição

bíblica correta exige que eu mostre uma humildade e piedade correspondentes e uma atitude correta em relação a todos que pertencem a Cristo. Na verdade, o Senhor nos aceita baseado exatamente naquilo que cremos. Dizemos que somos cuidadosos em guardar a Sua Palavra em todas as coisas? Então, devemos ser consistentes e não somente guardar a Sua Palavra na prática externa, mas no mais íntimo do nosso ser.

As palavras do Cristo ressurrecto à igreja na Filadélfia são apropriadas para encerrarmos este capítulo. Ouvi-las como vindas dos Seus próprios lábios irá nos humilhar e nos fazer reconhecer nossa total dependência da Sua Palavra e do Seu Espírito. *“Eu sei as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; tendo pouca força, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome.”* (Apocalipse 3:8)

Deus conceda que não neguemos nem uma só verdade relacionada a esse nome singular!

5

Uma Declaração Suprema - A Ceia do Senhor

Embora a finalidade de 1 Coríntios fosse para corrigir o que estava errado na igreja local em Corinto, agradecemos a Deus do fundo dos nossos corações por esta carta. Não estamos felizes porque as coisas estavam erradas, mas, sim, porque elas foram corrigidas. É impossível ler sobre os problemas em Corinto sem reconhecer que, se eles não tivessem sido corrigidos, logo não haveria mais igreja local naquela cidade. Uma das maneiras como Paulo os corrigiu foi ensinando-lhes que deveriam sempre dar prioridade às *“coisas do Senhor”* (1 Coríntios 7:32).

Sete assuntos que pertencem ao Senhor se destacam na carta aos coríntios: o nome do Senhor (1:1-10), a mesa do Senhor (10:21), a morte do Senhor (11:26,27), o mandamento do Senhor (14:37), a obra do Senhor (15:58), a vinda do Senhor (1:7) e o assunto do qual estamos tratando aqui, a ceia do Senhor (11:20). Em contraste com essas *“coisas do Senhor”* temos *“as coisas do mundo”* (1 Coríntios 7:33) e a preeminência de uma sobre a outra é o tema principal de 1 Coríntios.

Muitas vezes, citamos aos descrentes as palavras do Senhor Jesus em Mateus 6:33: *“Mas buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”*. Essa afirmação vai muito além da necessidade de buscar a salvação em primeiro lugar. Lendo o versículo no seu contexto, se vê que, na área do Reino de Deus, os interesses espirituais devem ocupar o primeiro lugar (versículos 19-24). Paulo elogiou os cristãos na Macedônia porque, quando se tratava de ofertar ao Senhor, eles

se deram primeiramente a si mesmos ao Senhor (2 Coríntios 8:5). A igreja em Éfeso foi severamente criticada pelo Senhor, porque eles deixaram o seu primeiro amor (Apocalipse 2:4), e eles foram exortados a se arrepender e voltar às suas primeiras obras (versículo 5). A viúva em Sarepta tinha somente um punhado de farinha numa panela entre ela e a fome, entretanto Elias disse a ela: *“Porém, faze disso primeiro para mim um bolo pequeno”* (1 Reis 17:13). Ela poderia ter argumentado que ela e seu filho morreriam se ela obedecesse, mas ela deu primeiramente ao profeta de Deus, e depois ela e seu filho foram amplamente supridos. Os coríntios foram exortados: *“No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade”* (1 Coríntios 16:2). Este é um princípio divino: *“Buscai primeiro o Reino de Deus...”*.

“No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão...” (Atos 20:7), é uma parte importante deste princípio de prioridades divinas. Pela maneira de se expressar usada nesse versículo, vemos claramente que não se trata da descrição de participar de alimento, mas do *“partir do pão”* (Atos 2:42). Em Atos 2:46 temos um participar de alimentos, como as palavras *“Comiam juntos com alegria e singeleza de coração”* indicam.

Em Atos 20:6-12, o propósito da reunião era para *“partir o pão”* (versículo 7), e é bem provável que estes discípulos se reuniram na primeira oportunidade possível, naquele primeiro dia da semana. Eles se lembraram do Senhor no partir do pão, no início daquela longa reunião, e, depois do extenso discurso (versículo 9), participaram de uma refeição (versículo 11). Temos razões fortes para afirmar que *“partindo o pão”*, no versículo 11, se refere a uma refeição, pois está ligado ao comer como em Atos 2:46. Paulo escreveu aos coríntios: *“Não tendes, porventura, casas para comer e para beber?”* (1 Coríntios 11:22), quando estavam transformando a ceia do Senhor em uma refeição. Sendo que ele esperou uma semana inteira para estar com eles no *“partir do pão”* (versículos 6,7), parece mais razoável dizer que o versículo 7 se refere à ceia do Senhor, e o versículo 11 se refere ao participar de uma refeição.

A expressão *“o partir do pão”* é usada quando o assunto é a simplicidade da lembrança da morte do Senhor Jesus. A expressão *“a ceia do Senhor”* é usada quando a dignidade da lembrança está em destaque (1 Coríntios 11:20). O nome do Senhor, na sua

forma adjetiva (senhoril), é usado somente duas vezes no Novo Testamento; primeiramente aqui em 1 Coríntios 11:20 e depois em Apocalipse 1:10. É sugestivo que o Dia do Senhor e a ceia do Senhor estão intimamente ligados.

Já foi sugerido que temos uma linda ilustração disso em Gênesis 43:24, onde José comeu com seus irmãos na sua casa no Egito. A refeição tinha as características de José, não as do Egito; assim, aqui também em 1 Coríntios, a ceia toma o caráter do próprio Senhor, não de qualquer coisa relacionada a este mundo ou às suas organizações.

Foi enquanto Judas estava ocupado com o seu plano de traição, com os líderes judaicos, que o Senhor Jesus tomou pão e deu graças ao Pai por ele, assim agradecendo a Deus pelo ferimento do Seu próprio corpo na cruz. Quando Ele tomou o cálice, deu graças pelo derramamento do Seu sangue precioso, pois Ele bem conhecia o significado desses simples emblemas. Falando cronologicamente, as palavras de Paulo aos coríntios são o primeiro registro do que aconteceu no cenáculo, e Paulo recebeu este relato diretamente do próprio Senhor (1 Coríntios 11:23-24). É interessante que a narrativa em Mateus 26:26 diz: *"Enquanto comiam, Jesus tomou o pão"*; quando Paulo comunica estes fatos, ele diz: *"O Senhor Jesus... tomou o pão"*. Os discípulos nunca O chamaram de Jesus: *"Vós me chamais Mestre e Senhor e dizeis bem, porque eu o sou"* (João 13:13), e nós devemos também ter esta mesma reverência.

O propósito da instituição é triplo. Primeiramente, o Senhor disse: *"Fazei isto em memória de mim"*. Tudo o que diz respeito à Sua bendita Pessoa está envolvido nessa celebração. Depois, é uma proclamação: *"Anunciais a morte do Senhor, até que venha"*. Todo o amor, sofrimento e bênção envolvidos na morte do nosso Senhor estão nessa proclamação. A terceira verdade expressa é a unidade do corpo de Cristo. Esta unidade está ligada com a mesa no capítulo 10 (versículo 17); também está ligada com o pão e o cálice no capítulo 11.

"O pão que partimos" (1 Coríntios 10:1) não se refere a um ato oficial por parte de um presbítero, que vai até a mesa para partir o pão, mas, sim, à participação de cada um que parte o pão como ato voluntário. Assim, cada participante dá reconhecimento ao fato que ele mesmo foi a causa da agonia e da morte do Senhor Jesus: *"Ele foi ferido pelas nossas transgressões"*.

Os emblemas, o pão e o vinho, apesar de simples, foram escolhidos pelo próprio Senhor e têm grande significado. Entretanto, são simplesmente pão e vinho e nunca são mais do que emblemas do Seu corpo ferido e do Seu sangue vertido. O erro da Igreja Católica, que diz que os emblemas se transformam no Seu corpo e sangue, isto é, a transubstanciação, ou o erro dos Luteranos, que dizem que, junto com os emblemas, temos o Seu verdadeiro corpo e sangue, a consubstanciação, devem ser totalmente rejeitados. Entretanto, a presença real do Senhor é prometida nesta reunião, como em todas as demais reuniões da igreja local.

Deveríamos celebrar a Sua pessoa e a Sua obra em ocasiões raras, ou deve Ele ter o primeiro lugar, o lugar de absoluta preeminência na igreja local? Vamos reformular a pergunta. O Senhor deveria ter a prioridade em 4 semanas por ano ou 12 semanas por ano, ou deveria Ele ter a prioridade toda semana do ano? Obviamente, a próxima pergunta seria: “Por que não se lembrar do Senhor todo dia da semana?” O Novo Testamento nos dá a resposta: “*No primeiro dia da semana...*” (Atos 20:7). É por esta razão que, no primeiro dia da semana, e na primeira oportunidade, dando prioridade à lembrança do Senhor, partimos o pão e participamos do cálice, para proclamar a morte do Senhor até que Ele venha. Quase todos os estudiosos modernos, mesmo os liberais, concordam que era o costume das primeiras igrejas locais lembrarem-se do Senhor cada primeiro dia da semana, embora muitos destes estudiosos não criam que seja necessário fazer o mesmo nos nossos dias. Cremos que é necessário “*para que em tudo (Ele) tenha a preeminência*” (Colossenses 1:18).

O leitor deve estar ciente de que, quando servimos ao Senhor através de servir aos outros, estamos trazendo glória a Ele. Servir aos outros é um aspecto interessante de serviço dedicado (Gálatas 6:6-10), mas, são os “outros” o alvo principal do nosso serviço, ou este lugar pertence somente ao Senhor? Há um tipo de serviço que prestamos ao Senhor e não aos outros. É a adoração de espíritos redimidos (Filipenses 3:3; Hebreus 9:14; Romanos 12:1) e é dado somente a Deus. Isto é uma das primeiras coisas e é a principal razão pela qual fomos salvos (João 4:23,24). É um erro imaginar que qualquer outro tipo de serviço deve ter uma prioridade mais elevada, ou vir antes da adoração. Quando o Senhor Jesus tem o primeiro lugar no coração de um cristão, ele

nunca vai pensar que recordar do Seu Senhor todo primeiro dia da semana é repetitivo demais ou que deve ser substituído por algum outro tipo de serviço.

A ceia do Senhor nunca é observada no Novo Testamento a não ser no contexto de uma igreja local. Nunca deve ser transformado numa conveniência para viajantes, pois é o privilégio de uma igreja local que se reúne permanentemente. É a mais elevada expressão de comunhão (1 Coríntios 10:16,17) e influencia todas as outras reuniões e toda outra função de uma igreja local, assim como a oferta queimada de Levítico 1 influenciava todas as outras ofertas do sistema Levítico.

Não recebemos alguém para o partir do pão, mas, sim, para a comunhão da igreja local, e essa comunhão é expressa no partir do pão.

Há cinco fatos frisados em 1 Coríntios 11:

1. A Instituição da ceia (versículo 23; Lucas 22:19).
2. A Injunção (Ordem) para a ceia (versículo 24)
3. A Intenção da ceia (versículo 26)
4. A Inclusão (Abrangência) na ceia (versículos 18 -22)
5. A Investigação para a ceia (versículo 28)

Esta é uma responsabilidade santa e solene, mas é um bendito privilégio e o lugar mais próximo do céu que podemos conhecer na terra.

As mulheres da Galileia *“viram o sepulcro e como foi posto o Seu corpo. E, voltando elas, prepararam especiarias e unguentos”* (Lucas 23:55-56) para alguém que elas criam estar morto. Quanto mais nós deveríamos nos preparar para nos encontrar com o Senhor vivo, e trazer nas nossas *“cestas de primícias”*, coisas preciosas acerca Dele, para apresentá-las no lugar onde Ele se encontra com os Seus!

Deve ser uma terrível repreensão para aqueles que negam a doutrina da segurança eterna o fato de que, quando os coríntios vinham despreparados e desonravam o Senhor na ceia, a tal ponto de muitos deles estarem doentes e muitos estarem dormindo (falecidos) por causa da mão julgadora do Senhor, eles não morreram nem pereceram eternamente, mas dormiram. A palavra *“dormir”*, usada em relação à morte, é usada somente para se referir a verdadeiros cristãos no Novo Testamento. No entanto, podemos dizer que isto não era grave? Quão solene

é participar do pão e beber do cálice não discernindo o corpo do Senhor, que, neste caso, se refere ao próprio corpo em que Ele sofreu, do qual o pão fala tão claramente. Ainda é verdade que, *“se nós nos julgássemos a nós mesmos, não seríamos julgados”* (1 Coríntios 11:31). Devemos ver que este autojulgamento não deveria resultar em ausentar-se da ceia, mas, sim, em comer num espírito de já ter-se julgado a si mesmo. Nunca podemos dizer que este versículo afirma que somente o indivíduo tem o direito de dizer se ele pode ou não pode participar da ceia. Isto não é recepção à comunhão da igreja, mas, sim, o autojulgamento daqueles que já faziam parte da igreja local em Corinto.

Há um paralelo impressionante a essas mortes em Corinto em Êxodo 30:17-21, onde os filhos de Arão são ordenados a se lavarem na pia antes de entrarem no tabernáculo *“para que não morram”*. O juízo de Deus sobre Israel é usado por Paulo nestes capítulos e aplicado aos coríntios. Os pecados que trouxeram doença e morte a alguns deles podem ser comparados a capítulo 10:5-11, onde os pecados de Israel são listados e o aviso é dado: *“Não vos façais... como alguns deles”* (versículo 7), e *“estas coisas lhes sobrevieram como exemplos”* (versículo 11 - ARA). Veja o contraste em Paulo, pois no final de capítulo 9 ele disse: *“Antes, subjugo o meu corpo e o reduzo à servidão”* (versículo 27). Que possamos conhecer a realidade desta sujeição.

A promessa da Sua vinda está ligada à ceia do Senhor. É um privilégio bendito que nos leva de volta à Sua cruz e nos faz olhar para frente, para a Sua vinda. Que nunca estejamos ausentes da ceia quando for fisicamente possível estar presentes! É o mandamento do Senhor até que Ele venha.

Uma descrição de uma reunião do partir do pão

A breve descrição que segue foi escrita para ser anexada a este capítulo para ajudar alguém que nunca tenha presenciado uma reunião do partir do pão.

O prédio é confortável, mas qualquer evidência de formas ou rituais religiosos está ausente. Alguns quadros com versículos das Escrituras estão pendurados nas paredes em molduras básicas. Não há nenhum altar religioso, e as cadeiras não estão colocadas como para ouvir uma pregação pública, mas estão dispostas ao redor de uma mesa simples que está no meio, e sobre a qual está colocado um pão e um cálice com vinho. Perto

do fundo do ambiente há algumas cadeiras um pouco separadas do círculo, onde pessoas que não fazem parte da comunhão da igreja podem se assentar para assistir.

O grupo está assentado em silêncio, muitos estão com as cabeças encurvadas, enquanto outros lêem a Bíblia ou folheiam um livro de cânticos em silêncio. Quando chega a hora marcada para a reunião começar, um irmão anuncia um hino para ser cantado. Ele lê uma ou duas estrofes e repete o número. Sem órgão, piano, ou qualquer outro instrumento musical como acompanhamento, o hino é cantado com profundo sentimento. Um breve silêncio segue e outro irmão se levanta e se dirige a Deus. Ele não apresenta petições a Deus, mas agradece a Deus pelo grande privilégio de estar presente nesta simples reunião onde alguns cristãos estão reunidos para dar graças a Deus pelo Seu filho. Sua oração é toda de ação de graças e louvor, cheia do valor do Senhor Jesus Cristo e agradecimento a Deus pela obra redentora do Salvador. Outro hino é cantado, um hino de adoração que continua com o mesmo tema da incomparável excelência da pessoa de Cristo e do valor do Seu sacrifício na cruz.

Enquanto a reunião prossegue, vários irmãos oram, um após o outro, seu tema sendo sempre o mesmo, mas o observador percebe que o tom da adoração está aumentando, e muito louvor e suave adoração estão subindo a Deus em gratidão pelo Seu filho. Há também discretas expressões de apreciação enquanto agradecimentos são oferecidos a Deus e vários “améns” discretos quando cada adorador encerra sua adoração audível e torna a se assentar.

Ninguém foi à frente para tomar um lugar de preeminência. Cada irmão que participa em adoração espiritual se levanta e fica em pé onde estava assentado. Não há um dirigente, nenhum programa é anunciado, mas cada um que toma parte audível tem pensamentos que encaixam perfeitamente com a adoração que foi expressa pelos outros e com as palavras dos hinos de adoração. Cristo é o tema, Sua pessoa e Sua obra são exaltadas, e Deus é adorado em espírito e em verdade. Um observador espiritual reconhecerá que a adoração não é apenas por bênçãos recebidas, individuais ou coletivas, mas muito é falado sobre o prazer do Pai no Seu filho amado, as Escrituras são citadas na adoração, especialmente aquelas que descrevem as perfeições e excelências

do Senhor Jesus. Deus é adorado pelos Seus atributos e Cristo é exaltado pelos Seus méritos, e gratidão humilde é oferecida pelo amor que fez com que Ele se entregasse a Si mesmo por pecadores indignos.

Nesta altura da reunião, um irmão se levanta e dá graças pelo pão. Com simplicidade e reverência ele agradece a Deus pelo pão que é um emblema tão adequado do corpo no qual o Senhor Jesus sofreu na cruz. Então algum irmão vai até a mesa e parte o pão e o entrega a uma pessoa no círculo, e assim o pão passa por todos os presentes que fazem parte da comunhão da igreja. Cada crente toma e come uma pequena porção do pão.

Quando o pão é colocado de volta na mesa, tendo passado de mão em mão pelo círculo, um irmão se levanta e, semelhantemente, dá graças a Deus pelo cálice de vinho, que é o emblema escolhido pelo Senhor Jesus para simbolizar o Seu sangue precioso derramado. O cálice passa de mão em mão, como o pão, e cada cristão toma um pequeno gole do cálice.

Nesta altura da reunião, um irmão se levanta, lê uma porção das Escrituras, explica o que foi lido e faz uma aplicação prática das verdades escritas. Um hino é cantado, e a reunião se encerra com oração. O grupo se levanta e se cumprimenta um ao outro com um caloroso aperto de mão e algumas palavras de amor e consideração mútua.

Esse tipo de reunião acontece em milhares de lugares todo primeiro dia da semana, em quase todas as partes do mundo. É a celebração da ceia do Senhor, instituída pelo Senhor Jesus na mesma noite em que Ele foi traído (1 Coríntios 11:23-30).

6

Uma Devoção Sincera O Lugar de Adoração

Quantas vezes, quando um cristão convida um vizinho para assistir a uma reunião da igreja local, ele ouve a seguinte resposta: “Ah! mas eu tenho o meu lugar de adoração!” O propósito deste capítulo é responder, baseado nas Escrituras, “Qual é, biblicamente, o verdadeiro lugar de adoração?”

No mundo religioso ao nosso redor, há muitos lugares chamados de “lugares de adoração”. Em algumas ocasiões, fomos levados ao interior de alguns destes lugares onde nos mostraram as várias características do prédio. Depois vem a pergunta: “Você gostaria de ver o santuário?”, e somos levados a um grande auditório onde há um altar e outros símbolos religiosos característicos desses lugares. Há verdadeiros filhos de Deus que frequentam, regularmente, esses “lugares de adoração” e que creem que são lugares consagrados, santuários de Deus na terra.

Deus tinha um santuário na terra. Hebreus 9:1 nos diz: “*Ora, também o primeiro (concerto) tinha ordenanças de culto divino e um santuário terrestre*”. Esse versículo se refere ao tabernáculo de Israel no deserto (versículo 2). O modelo desse santuário foi dado por Deus a Moisés (Hebreus 3:2-5) e era uma figura terrestre do verdadeiro santuário celestial (Hebreus 9:23,24). Era terrestre, não num sentido moral ruim, mas, simplesmente, no sentido físico, pois era feito de materiais provenientes deste mundo (9:11). Os materiais foram escolhidos por Deus. Cada pino, corda,

pilar, tábua, cortina, cobertura, vaso e peça de mobília naquele tabernáculo era uma figura das glórias e belezas de Cristo. Todas as suas cerimônias e rituais eram figuras da Sua Pessoa e obra. Era uma parábola maravilhosa, uma história terrena com significado celestial. Hebreus 9:9 diz: *“Que é uma alegoria para o tempo presente”*.

Havia outro “santuário terrestre” no Velho Testamento que era ainda mais atraente e de maior valor terrestre do que o tabernáculo. Salomão o construiu em Jerusalém, e o modelo desse templo foi dado por Deus a Davi, que, por sua vez, o deu a Salomão. O ouro e a prata usados nele, calculados pelos preços de 1984 atingiriam 48.5 bilhões de dólares. Esta é uma estimativa dos estudiosos hebraicos em Israel. Aquele lindo templo foi destruído quando Judá foi levado cativo à Babilônia, mas foi reconstruído pelo remanescente que voltou, sob o governo de Zorobabel, mas não com a sua primeira glória (Ageu 2:3). Quando o Senhor Jesus esteve aqui entre os homens, Ele chamou aquele templo de “a casa de Meu Pai”, embora fora reformada por Herodes.

Haverá “santuários terrestres” no futuro. Durante o período da tribulação haverá um templo no qual a abominação da desolação será colocada. No reino milenar da terra haverá o templo descrito em Ezequiel 41-44. Isto nos dá um total de cinco santuários terrestres, mas a pergunta é: temos hoje um santuário que podemos chamar de nosso lugar de adoração?

Uma das maiores verdades encontradas na Epístola aos Hebreus é que o santuário terrestre foi substituído. De fato, a verdade dos capítulos 9 e 10 é que todo o sistema com o qual o santuário terrestre estava ligado foi removido. O Velho Testamento é visto na Epístola aos Hebreus como um esboço (um croqui) da verdade divina que não veio a tona naqueles dias, *“Pois a lei nenhuma coisa aperfeiçoou, e desta sorte é introduzida uma melhor esperança, pela qual chegamos a Deus”* (Hebreus 7:19). As palavras “melhor”, “maior” e “superior” aparecem frequentemente nessa epístola, na medida em que as coisas da velha aliança são comparadas com a verdade do Novo Testamento. As palavras ora citadas são palavras comparativas, mas Hebreus não está dizendo que a revelação do Novo Testamento está somente sendo comparada com a do Velho, mas que está sendo contrastada. A palavra “incorrutível” não é uma palavra comparativa, é uma

das palavras-chave da epístola. Em Cristo temos a conclusão; em Cristo vemos o quadro final e completo do esboço encontrado no Velho Testamento.

Os sacerdotes do Velho Testamento tinham um ritual para poder se aproximar de Deus, que é descrito em Hebreus 9. O sumo sacerdote de Israel, uma vez no ano, entrava no santo dos santos através do véu, no grande Dia da Expição, mas não sem sangue (9:2-8). Podemos ver, pelo versículo já citado em Hebreus 7:19, que a introdução de uma melhor esperança abriu um novo caminho, pelo qual podemos nos aproximar de Deus, portanto, é importante ver que este é o contexto total do capítulo nove. Há um novo caminho de entrada ao santuário, mas será que se refere ao mesmo véu e ao mesmo santuário? A resposta é um simples não.

Este é o assunto de capítulo 9. O velho (terrestre) santuário tinha ordenanças de serviço divino. Relacionados ao tabernáculo estavam ouro, prata, cobre, azul, púrpura, carmesim, linho fino torcido e vestes de glória e ornamento. Havia pedras preciosas de grande valor, uma mesa com os pães da proposição, incenso, um candeeiro de ouro, especiarias aromáticas, altares de bronze e de ouro, e uma pia de cobre. Havia o sangue de touros, bodes, bezerros, ovelhas e aves. Havia também as cinzas de uma novilha ruiva e trombetas de prata e de chifres de carneiros e adufes, e címbalos e harpas. Todos eram sombras daquilo que viria. O sistema todo foi removido; era uma alegoria para aquele tempo (9:9). Nunca poderia tornar os que ali chegavam perfeitos (completos), embora tudo tivesse sido instituído por Deus. Era somente até ao tempo da correção (versículo 10) que isto tinha algum valor. Este é o ponto em direção ao qual o Espírito Santo tem caminhado através de toda a Epístola aos Hebreus. Tudo sai de cena para dar lugar a Cristo. O versículo 11 é enfático: *“Mas, vindo Cristo, o sumo sacerdote dos bens futuros, por um maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, isto é, não desta criação”*. A última frase desse versículo diz que o sumo sacerdócio do Senhor Jesus está relacionado com um tabernáculo maior do que o santuário terrestre de Israel. Seu serviço sacerdotal não se encontra num templo material. *“Porque Cristo não entrou num santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para agora comparecer, por nós, perante a face de Deus.”* (versículo 24)

O capítulo 10 desenvolve este assunto, descrevendo o véu que,

com efeito, barrava o acesso de Israel à presença de Deus. Era um véu restritivo, e está em contraste com o caminho agora aberto: *“Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no Santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele nos consagrou, pelo véu, isto é, pela sua carne, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos...”* (10:19-22) O véu restritivo se foi, o caminho agora está aberto pela morte de nosso bendito Salvador. Devemos entender as palavras *“pela sua carne”* como sendo instrumentais, isto é, o véu não é a Sua carne, mas foi por meio do sofrimento que Ele suportou na Sua carne que podemos entrar no santuário celestial. Será que este *“santo dos santos”*, no qual entramos por meio do sangue do Senhor Jesus, é o mesmo lugar onde o sumo sacerdote de Israel entrava no Dia da Expição? É claro que não. Aquele era somente uma sombra. Este é um santuário espiritual, onde nosso Sumo Sacerdote ministra em serviço infalível, diante do próprio trono de Deus.

A resposta à pergunta, *“Onde é nosso lugar de adoração?”*, está aqui. Entramos no verdadeiro santuário com confiança, pelo sangue de Jesus, não somente uma vez por ano, mas uma recepção cordial é sempre garantida a nós. Na Sua carne, Ele passou pelos céus e entrou no santuário celestial. Por causa do Seu sangue, temos o direito de entrar no santuário celestial espiritual, e este é o único lugar de adoração espiritual, visto que o santuário terrestre foi removido. A palavra traduzida *“servirdes”* neste versículo significa adorar.

Tudo isto tem um ensino muito prático para nós. Ao nosso redor, no cristianismo, existem muitos lugares que se dizem santuários terrestres com seus altares, velas, lindas cortinas, um sacerdócio com vestes religiosas, música inspiradora, rituais e formas relacionadas a um santuário terrestre, mas tudo isso são apenas sombras. A cristandade, desde os tristes dias da união dos cristãos com o mundo pagão (Apocalipse 2:12), voltou-se para as sombras. Não importa como tentemos restaurar a ideia de um santuário terrestre, estamos voltando às sombras do judaísmo, e, em muitos casos, é uma mistura de judaísmo com as religiões do mundo pagão. Cristo veio, e, como diz o hino: *“Nele todas as sombras da lei são cumpridas e agora retiradas”*.

Onde, então, adoramos? Adoração espiritual no sentido coletivo é de extrema importância a Deus. É a apresentação de um sacerdócio santo, oferecendo *“sacrifícios espirituais, agradáveis*

a Deus, por Jesus Cristo" (1 Pedro 2:5). Nosso lugar de adoração não é na terra. Não podemos apontar a um templo, tabernáculo, relicário, santuário, "igreja", capela, salão ou cabana na terra e dizer: "Este é o nosso local de adoração". Seja o que for que chamamos o prédio, não podemos fazer dele um santuário de adoração. Foi a convicção desta grande verdade que fez os homens do passado muito cuidadosos em não chamar um prédio de qualquer nome que pudesse sugerir que estávamos fazendo dele um santuário na terra.

Você pode dizer que isto é somente um assunto técnico, mas tudo que está ligado ao lugar onde uma igreja local se reúne faz parte do nosso testemunho diante de Deus e do mundo, e não podemos ser cuidadosos demais em manter o nosso testemunho de acordo com a Palavra de Deus. Qualquer coisa que nos leva de volta às sombras nos faz deixar de lado a grande realidade que se encontra Naquele para Quem as sombras apontaram.. Que nunca voltemos a elas. O ministério da música, que é tão importante na adoração moderna, é uma destas sombras.

Se alguém pensa que isto é uma negação da presença real do Senhor Jesus no meio dos Seus, quando se reúnem ao Seu nome, sugerimos que leiam novamente o capítulo 4. O Senhor mesmo se digna de tomar o Seu lugar no meio dos Seus; mas, quando entramos na Sua presença em adoração, estamos no interior do véu, isto é, na verdadeira presença de Deus

O escritor aos hebreus desenvolveu essas verdades de forma ordeira. Neste ponto (capítulo 10), ele mostra que o santuário terrestre foi removido, Cristo veio, e nos aproximamos de Deus por meio Dele, ao santuário espiritual, e tudo isso está ligado a uma igreja local. Ele exorta os cristãos: "*Cheguemo-nos... retenhamos... e consideremo-nos uns aos outros*" (versículos 22, 24), e depois diz, "*Não deixando a nossa congregação, como é costume de alguns; antes, admoestando-nos uns aos outros; e tanto mais quanto vedes que se vai aproximando aquele Dia*" (versículo 25).

Há quatro verdades distintas em Hebreus 10:25. Primeiramente, temos a descrição da igreja local. A expressão exata: "*congregar-nos*" (ARA) é encontrada somente aqui e em 2 Tessalonicenses 2:1. Nesse último versículo, "*Ora, irmãos, rogamo-vos, pela vinda (parousia) de nosso Senhor Jesus Cristo e pela nossa reunião com ele*", temos a promessa de uma bendita reunião futura com o nosso Senhor Jesus Cristo nos ares. Há alguma reunião "a Ele"

hoje? Sim, o versículo que estamos considerando descreve uma reunião a Ele, agora no presente. O escritor encerra o seu assunto dizendo: *“Saíamos, pois, a ele fora do arraial, levando o seu vitupério”* (Hebreus 13:13). O mais próximo que podemos chegar da ideia contida nesta expressão, na nossa língua, é a palavra “epicentro”. Esta palavra geralmente é usada para descrever o local na superfície da Terra que é o ponto central da energia sentida por toda a crosta terrestre num terremoto, mas literalmente significa o ponto central, ou o foco. O Senhor Jesus é o foco e o ponto central de uma reunião da igreja local. Realmente é uma reunião a Ele como o centro do ajuntamento.

O segundo fato ensinado em Hebreus 10:25 é que havia alguns que tinham se afastado do centro do ajuntamento. Vemos pelo que segue que o escritor está falando diretamente de apostasia. O *“porque”* do versículo 26 deixa isso muito claro. Nenhum verdadeiro cristão pode ser um apóstata; mas, se apartar do centro do ajuntamento é imitar os atos da apostasia.

A terceira e a quarta verdades ensinadas nesse versículo são que os cristãos são dependentes uns dos outros para comunhão, ajuda e incentivo mútuo, tudo isso em vista do dia da Sua vinda. Ao vermos o dia se aproximando, essas verdades serão especificamente atacadas, portanto, são muito preciosas e necessitamos de ajuda de Deus para podermos mantê-las.

O que ensinamos aqui é o que foi ensinado pelo Senhor Jesus à mulher de João 4. Observamos com alegria enquanto a Testemunha fiel e verdadeira leva a mulher pecadora a uma compreensão de si mesma, em primeiro lugar, e, depois, passo a passo, a leva a uma revelação de Si mesmo. A pecadora diz: *“Senhor, vejo que és profeta”* (versículo 19). Depois ela é levada a um reconhecimento adicional Dele e ouvimo-la timidamente dizer: *“Eu sei que o Messias... vem”* (versículo 25). Neste ponto, o Senhor graciosamente lhe diz: *“Eu o sou, eu que falo contigo”* (versículo 26).

Foi a essa alma recentemente salva que o Senhor Jesus revelou algumas das mais sublimes verdades sobre adoração espiritual encontradas em toda a Bíblia. Ela havia mencionado o monte Gerizim como o lugar onde seus pais haviam adorado. O Senhor Jesus disse: *“A hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorareis o Pai”* (versículo 21). O templo ficava em Jerusalém. A primeira igreja local do Novo Testamento se reuniria em

Jerusalém. O primeiro partir do pão seria ali; no entanto, não seria em Jerusalém que os homens adorariam? Onde então? No santuário espiritual. *“A hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade.”* (João 4:23,24) Aqui temos uma verdade tão profunda e, no entanto, ela está ao alcance de uma alma recém-salva!

O santuário terrestre de Israel era uma figura de Cristo. Era incompleto e somente uma sombra da grande realidade que havia de vir. Tudo o que estava relacionado a ele era terreno, para um povo terreno. Possuía beleza e glória que se relacionavam com a terra. Era atraente à visão, à audição, ao olfato e ao tato, mas tudo foi removido, pois Cristo veio. Nós, agora, com confiança, podemos entrar no verdadeiro santuário espiritual do qual o outro terrestre era apenas uma representação terrena. Podemos adorar o Deus vivo em espírito e em verdade, à parte de auxílios temporais ou formalismos. Como um sacerdócio neotestamentário, entramos além do véu, no verdadeiro santuário espiritual para oferecer nossos sacrifícios espirituais a Deus. *“Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome.”* (Hebreus 13:15)

Em tudo o que temos escrito sobre a adoração espiritual do sacerdócio do Novo Testamento, temos enfatizado que nada da Terra pode ser de ajuda à adoração espiritual. No entanto, há, pelo menos, cinco elementos da prática da igreja local que são de natureza física. As primeiras duas estão relacionadas a Senhorio. Sem dúvida o cabelo crescido e um véu sobre a cabeça das irmãs são elementos físicos (1 Coríntios 11:1-16). O terceiro está relacionado ao batismo. Obviamente, a água é um elemento físico. Os últimos dois estão relacionados ao partir do pão, pois o pão e o cálice são elementos físicos. É muito duvidoso que o cabelo, um véu, água, pão ou vinho possam ser chamados de auxílios à adoração espiritual. Entretanto, o ponto principal sobre essas coisas físicas é que elas foram escolhidas pelo próprio Senhor. Este é o Seu plano e, como Senhor das igrejas, Ele certamente tem o direito de exercer o Seu Senhorio. Quão diferente é quando os homens introduzem coisas que não têm nenhuma autoridade do Senhor. Mesmo nesses elementos físicos escolhidos pelo Senhor temos um grande contraste com as formas e rituais do judaísmo.

Cabelo crescido, um véu, água, pão e vinho são as coisas mais simples e mais comuns, e o Senhor as ordenou, portanto, são Suas ordenanças.

7

Uma Demonstração Soberana - Autoridade na Igreja Local

No capítulo 6 deste livro falamos sobre a natureza espiritual da adoração dos cristãos. Aprendemos que nosso santuário de adoração é celestial e espiritual, e que adoramos de acordo com o ensino dado pelo Senhor Jesus à mulher em João 4. Não temos um santuário terreno com quaisquer dos “auxílios de adoração” que geralmente são encontrados em lugares religiosos. O Espírito Santo trabalha nos espíritos redimidos para produzir uma adoração espiritual que sobe a Deus como incenso suave. Entretanto, no final do capítulo, mostramos que há cinco elementos físicos, escolhidos pelo próprio Senhor, que estão ligados de perto com a prática da igreja local. O primeiro é um elemento avulso e os outros estão em pares. O batismo do cristão ocorre na água. Esta água não tem nenhuma qualidade especial, é simplesmente água, mas, para o cristão que se identifica com a morte do seu Senhor, é um símbolo de morte. Apesar de ser um elemento físico simples, a água tem grande significado espiritual (Romanos 6:1-11).

Os próximos dois elementos físicos foram escolhidos pelo Senhor, na noite da Sua traição (1 Coríntios 11:23-34), e são também muito simples, mas quem pode negar o profundo significado espiritual do pão e do cálice na ceia do Senhor! Os últimos dois elementos físicos são a cabeça coberta e o cabelo crescido das irmãs numa igreja local.

Existem aqueles que não ligam esses últimos dois elementos com os outros elementos mencionados. Para eles, a cabeça

coberta é insignificante e é uma verdade sem muita importância, em comparação com o batismo e a ceia do Senhor. Entretanto, Paulo, pelo Espírito, claramente liga os dois em 1 Coríntios 11. Esse capítulo inicia uma nova parte da epístola. Até aqui Paulo tem tratado com áreas de liberdade pessoal e dado princípios bíblicos para guiar os cristãos (capítulos 7-9). Logo no começo do capítulo 11, ele retira qualquer pensamento de liberdade pessoal ao dizer: “*Sede meus imitadores*” (versículo 1). Note que esta frase está no imperativo. Vemos este mesmo tipo de linguagem nos versículos 2 e 16.

Quando damos lições às crianças, elas frequentemente perguntam “Por quê?”. Sua inteligência crescente procura respostas e razões. Isso é sadio, e pais sensatos irão alimentar essa curiosidade intelectual com paciência e cuidado; entretanto, quando crianças espirituais fazem perguntas, muitas vezes são repreendidas e poucas vezes recebem respostas satisfatórias.

Existem três tipos de porquês na esfera espiritual:

1. O porquê do mandamento bíblico
2. O porquê do significado espiritual.
3. O porquê do motivo sincero.

Quando eu era um jovem cristão, o primeiro “porquê” me satisfazia. A Bíblia o dizia, e para mim isto era o suficiente. Obediência simples à Palavra de Deus é uma lei espiritual, escrita pelo Espírito Santo em todo verdadeiro filho de Deus. É um sinal claro de vida divina e a importância disto nunca pode ser exagerada. Entretanto, se o cristão parar neste ponto, ele perde muita coisa. Nunca devemos nos sentir intimidados com um segundo “porquê”. É o porquê do significado espiritual. Obediência é baseada no porquê de ordem espiritual, mas apreciação e compreensão espiritual só podem vir através da resposta ao porquê do significado espiritual. O terceiro tipo de “porquê” é o porquê de motivação sincera. Eu devo obedecer a Deus porque a Sua palavra exige isto (João 13:34; 14:21; 1 Coríntios 14:37; 1 João 2:7,8; 5:2). Eu vou obedecer inteligentemente quando eu entendo o significado espiritual do que está sendo exigido, e eu vou obedecer com alegria e prazer, quando o motivo correto de amor a Cristo move o meu coração.

Infelizmente conhecemos cristãos que pensam que o primeiro “porquê” é o único necessário, e desencorajam respostas a qualquer outro. Essa é uma atitude perigosa e chega muito

perto de uma tentativa de alcançar santificação prática por meio de um sistema legal. Este foi o erro do homem em Romanos 7, que, finalmente, descobriu que legalismo nunca pode produzir verdadeira espiritualidade.

Quando eu era um cristão jovem, alguém me perguntou se eu sabia por que as irmãs deveriam cobrir a cabeça quando a igreja local se reunia. Eu sabia que a palavra de Deus mandava que fosse assim, mas tive de confessar que não sabia o significado espiritual do ato. Quem me fez a pergunta era um verdadeiro pastor. Naquele dia ele me apresentou a uma das maiores verdades das Escrituras, a verdade do Senhorio do Senhor Jesus sobre todas as coisas. Eu aprendi, aquele dia, que eu só posso começar a apreciar a revelação divina quando posso entender o seu significado espiritual, e eu nunca pude esquecer do impacto daquela lição.

A importância do senhorio pode ser vista na ordem do ensino de 1 Coríntios 11. Paulo trata da desordem, que somente o céu podia detectar no seu significado total (versículo 10), antes de tratar da desordem que até mesmo o mundo condena (versículos 21,22).

Eu gostaria de aplicar o porquê do significado espiritual aos elementos físicos, a cabeça coberta da mulher e seu cabelo crescido. Devemos notar que há duas coisas em 1 Coríntios 11:1-16 e, visto que são distintas, cada uma deve ter o seu próprio significado. Um dos maiores auxílios a este estudo é que esta passagem é exaustiva. Ela trata do assunto, integralmente, e dá em detalhes o significado espiritual do véu, ou cobertura, e do cabelo crescido.

O princípio divino de Senhorio em um Homem é um dos temas principais da Bíblia:

Gênesis 1:26-28, Senhorio em Princípio e Figura.

Efésios 1:19-23, Senhorio em uma Pessoa, seu Propósito.

1 Coríntios 11:3-16, Senhorio na Prática.

Colossenses 2:10-19, Senhorio na Provisão.

Hebreus 2:8,9, Senhorio em Perspectiva, seu Poder.

1 Coríntios 11:3 é a chave para entender a prática de senhorio.

1. O Cabeça de todo homem é Cristo – nenhuma igualdade.

2. O cabeça da mulher é o homem – igualdade e sujeição.

3. O Cabeça de Cristo é Deus – igualdade; todavia, com sujeição.

O primeiro princípio – a cabeça descoberta do homem ensina que Cristo está descoberto no ajuntamento (versículos 4 e 7).

O segundo princípio – a cabeça coberta da mulher ensina que a igreja local não é lugar para a manifestação da glória dos homens (versículos 5 e 7).

O terceiro princípio – o cabelo crescido da mulher ensina a sujeição da igreja local ao Senhorio do Senhor Jesus (versículos 6, 10, 15).

Quando a cabeça da mulher é mencionada, voltamos ao versículo 3 e aprendemos que sua cabeça é simbólica do homem. Quando a cabeça do homem é mencionada, voltamos ao nosso versículo chave e aprendemos que Cristo é retratado. Isto se torna muito importante quando lemos no versículo 7, *“O varão, pois, não deve cobrir a cabeça, porque é a imagem e glória de Deus”*. Usando o versículo 3 como chave, eu entendo que a cabeça descoberta do homem está ensinando que Cristo é a imagem e glória de Deus e que somente Ele está “descoberto” – revelado na Sua glória, quando a igreja local se reúne. Nenhum homem natural deveria estar em destaque aqui, não importa quão importante sejam seus dons ou feitos naturais. Isso certamente está ligado ao grande princípio da preeminência do Senhor Jesus (Colossenses 1:18) e é uma repreensão poderosa ao espírito de um Diótrefes (3 João 9).

Quando consideramos as duas coberturas da cabeça da mulher, aprendemos uma verdade igualmente importante. Paulo está tratando, aqui, de autoridade; ele não está, neste ponto da epístola, tratando do silêncio das irmãs. Ele faz isso em 14:34. Havia desordem na igreja em Corinto e esta epístola era corretiva. Ao apelar à ordem divina, Paulo volta à criação. No princípio, um homem recebeu domínio universal sobre todas as criaturas da Terra, quer andassem na terra, nadassem nas águas ou voassem nos ares. O homem perdeu esse domínio por causa da sua rebelião, mas, em Gênesis 1:26-28, temos a verdade de autoridade em princípio. Isso pode ser provado através do Salmo 8:3-9, Romanos 5:14 e Hebreus 2:5-9.

Essa última passagem mostra que o pecado de Adão não mudou o propósito de Deus. Parte do propósito eterno é um Homem ter domínio universal e eterno (Efésios 1:10; 3:11). Efésios 1:20-23 nos ensina que o Senhor Jesus, na Sua glória ressurreta, foi feito Cabeça sobre todas as coisas e que Ele é o Cabeça da igreja que é o Seu corpo. Embora o mundo que Ele

criou esteja, no presente, em rebelião contra Ele, Sua autoridade ainda será reconhecida até os confins do universo de Deus, e toda criatura inteligente eventualmente se prostrará, voluntária ou involuntariamente, à Sua autoridade suprema (Filipenses 2:10,11; Colossenses 1:18-22). Este ensino não pode ser visto por qualquer cristão como sendo insignificante, e estas são as verdades que são retratadas para os anjos na cabeça descoberta dos irmãos e na cabeça coberta das irmãs, numa igreja local.

A cabeça da mulher que, de acordo com o versículo 3, é simbólica do homem, deve ser coberta com um véu. O homem não deve aparecer na igreja local, não há lugar para glória carnal. A cabeça coberta da irmã é uma repreensão a qualquer um de nós que ousaria fazer da reunião da igreja local um lugar de auto exibição. O homem natural deve estar oculto, e o Homem que deve aparecer é Aquele que Deus determinou que tivesse o domínio eterno. Enquanto a autoridade do Senhor Jesus é negada por um mundo pecador, onde quer que uma igreja local se reúna e as cabeças cobertas das irmãs e as cabeças descobertas dos irmãos são vistas, a autoridade do Senhor Jesus é manifesta. A verdade agora vista numa igreja local, e somente ali, ainda será manifesta a um universo maravilhado (Salmo 72:5-17). Portanto, o véu na cabeça da mulher está significando submissão à autoridade de Cristo numa igreja local. Seu cabelo crescido significa que ela está em submissão ao homem (versículo 3).

Queremos deixar bem claro que a mulher cobre a sua cabeça, não o seu cabelo. Assim fazendo ela está declarando a suprema autoridade do Senhor Jesus acima de qualquer outro. O véu é uma cobertura sobre a sua cabeça, não é meramente uma cobertura para o seu cabelo, que é a sua própria glória (1 Coríntios 11:15). Embora o véu certamente cubra parte do seu cabelo, este não é o seu significado. O ato de cobrir a cabeça ilustra que o homem está encoberto.

A partir de versículo 6 deste capítulo, aprendemos que duas coberturas estão sendo descritas. Alguns têm erroneamente entendido que as palavras do versículo 15: *“O cabelo lhe foi dado em lugar (ao invés) de véu”*, significam que somente uma cobertura está em vista – o cabelo crescido. Um estudante cuidadoso não cometerá este erro, pois ele verá que é uma palavra completamente diferente usada para descrever este véu natural (versículo 15), daquela que é usada para o véu extra

(versículos 5,6,7 e 13). Ao invés de ser uma cobertura sobre a sua cabeça, como nos versículos anteriores, o versículo 15 descreve o seu cabelo como uma cobertura que está em volta da sua cabeça.

Outros dão importância ao véu extra, mas ensinam que o cabelo crescido é puramente opcional. Nenhum destes argumentos concorda com as palavras do versículo 6. O versículo pode ser parafraseado corretamente da seguinte forma: “Portanto, se a mulher não usa véu, que também corte fora o seu cabelo, mas sendo que é vergonhoso para a mulher cortar fora o seu cabelo ou rapar a sua cabeça, então que se cubra com véu”. A última frase do versículo 5 concorda com isso, *“porque é como se estivesse rapada”*. Não deixe de fora a palavra *“também”* (versículo 6). Ela é muito importante para a interpretação. O significado desta afirmação é que o véu é tão importante quanto o cabelo crescido, ambos são igualmente necessários, e o argumento é: se a mulher não quer usar véu sobre a sua cabeça, então que rape todo o seu cabelo também.

O cabelo crescido da mulher é um sinal da sua submissão ao homem na ordem divina da criação. Foi dado a ela por natureza e é a sua glória (versículo 15). É um sinal de que, desde o início da criação, é a glória da mulher ser naturalmente encoberta. Este véu é a sua glória, não tanto no sentido de que é sua beleza, mas que encobre a sua beleza natural com uma cobertura adequada, dada por Deus. Seu cabelo crescido é um sinal de submissão na ordem criatorial, e isso deve ser a sua glória, pois é o lugar divinamente dado a ela, *“A mulher é a glória do varão”* (versículo 7). O Espírito Santo agora eleva isto à ordem espiritual, de sorte que a cabeça coberta e o cabelo crescido da mulher se tornam em símbolo de submissão santa, significando a submissão de toda a igreja a Cristo como Senhor. Paulo usa um argumento semelhante em 1 Timóteo 2:9-15.

No versículo 10, a igreja local em Corinto é vista como uma sala de aula. Deus é o professor, os anjos são os alunos e o senhorio é o assunto. Numa igreja local os anjos veem santidade, ordem divina, senhorio e submissão. A primeira vez que vemos um anjo ministrando é em Gênesis 16:9, onde um anjo fala para Hagar: *“Torna-te para tua senhora e humilha-te (seja submissa)...”*. Esta primeira menção de um anjo está de acordo com a lei de primeira menção. Os anjos ainda estão ocupados com a submissão.

O sinal de submissão à autoridade, na cabeça da mulher,

volta à criação (versículos 8,9), mas será plenamente revelado na futura glória preeminente do Senhor Jesus. Visto que a cabeça da mulher é o homem, as coberturas na sua cabeça estão dizendo que toda a igreja está em submissão ao senhorio absoluto do Senhor Jesus Cristo agora.

A palavra usada para cabelo crescido no versículo 15 inicialmente tinha o significado de saudável ou nutrido. Assim, a palavra passou a designar o comprimento do cabelo. Não é difícil ver a ligação entre estes dois pensamentos, cabelo saudável irá crescer. Não há lugar aqui para especulação quanto ao comprimento do cabelo. Deve ser do tamanho que Deus o faz crescer. Seu significado espiritual é tão grande que entender o porquê do seu significado espiritual estimula o desejo de demonstrar a verdade do Senhorio e absoluta preeminência do Senhor Jesus ao máximo possível.

Destacamos a importância das irmãs deixarem que Deus determine o tamanho de seu cabelo pelo crescimento que Ele concedeu, isto é, não o corte. Quando isto é rejeitado há um afastamento progressivo do significado do cabelo crescido. Cortar o cabelo na frente numa franja deixando-o comprido atrás é um afastamento claro do significado de 1 Coríntios 11:6.

Sobre este assunto tão delicado, eu gostaria de fazer um apelo que eu creio ser muito necessário. Uma jovem irmã me disse que ela achava que era uma hipocrisia “manter as aparências” com cabelo crescido, pois Deus vê o coração e isto é muito mais importante. Foi-lhe mostrado que o cabelo crescido é uma lição prática para os anjos (versículo 10) e não temos motivo para crer que os anjos possam ler corações, nem os nossos irmãos ou o mundo. É uma coisa muito séria ser uma pedra de tropeço aos outros (1 Coríntios 8:12), e deveríamos sempre ter em mente que estamos sendo observados por irmãos mais jovens e sendo usados como modelo. Amor para com os outros será demonstrado quando obedecermos a palavra de Deus da melhor maneira possível.

O versículo 16 fornece uma explicação fácil de tudo isso, para alguns leitores da Bíblia. De acordo com eles, Paulo está dizendo: “Se alguém não concorda com isto, saiba que nós não temos o costume de exigir cabelo crescido para as mulheres, nem cabeças cobertas, e nem cabelo curto para os homens, nem cabeças descobertas, então faça como quiser.” Nenhum estudante sincero

da palavra de Deus irá aceitar isto. É exatamente isto que Paulo *não* está dizendo. Ele quer que todos reconheçam que o que está sendo ensinado aqui aos coríntios foi ensinado e praticado em todas as igrejas de Deus, isto é, em todas as igrejas locais. O último versículo também enfatiza o fato que o segundo véu, ou a cobertura extra, é uma prática que deve ser obedecida em todas as igrejas, isto é, quando a igreja está reunida (versículos 16-20).

A resposta ao porquê do significado espiritual é muito importante. Nenhuma mente espiritual diminuiria qualquer um desses elementos físicos. A água do batismo certamente tem grande importância. Nenhuma pessoa espiritual tentaria dispensar o pão e o cálice no partir do pão e esperamos que ninguém considere insignificante o significado espiritual que é retratado no cabelo crescido e nas cabeças cobertas das irmãs em uma igreja local.

8

A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (1)

**As atividades do Espírito Santo no ajuntamento e no governo
de uma igreja local**

Não era o propósito de Deus que o Seu povo estivesse, em qualquer momento, sem poder espiritual e direção divina. O cuidado do Senhor Jesus para com os Seus era evidente quando Ele andou como Homem sobre a terra, e, antes Dele voltar ao Pai, Ele prometeu um rico legado aos que ficaram para representá-Lo sobre a terra.

1. Legados deixados pelo Senhor aos Seus

Um dos legados mais preciosos é a autoridade do Seu nome (Mateus 18:20; 1 Coríntios 5:4). Enquanto Ele está ausente, temos a grande honra de levar o Seu nome perante o mundo. Que Deus nos preserve de desonrar esse nome tão digno pelo qual somos chamados (Tiago 2:7). É esse nome que dá autoridade ao ajuntamento de uma igreja local (1 Coríntios 5:4).

A promessa da Sua presença continua até o fim dos tempos (Mateus 18:20; 28:20). Esta é uma segurança bendita; o testemunho não morrerá, mas será mantido, até o final, pelo poder divino.

Na Sua oração sacerdotal, o Senhor Jesus disse ao Pai: “*Dei-lhes a tua palavra*” (João 17:14). Ele colocou o Seu selo divino de aprovação sobre o Novo Testamento mesmo antes dele ser escrito (João 16:12-15). É impossível exagerar o valor da Palavra de Deus aos que procuram testemunhar do Seu nome numa

época tenebrosa e maligna.

Entretanto, Ele também nos deu a promessa do Seu Espírito para habitar conosco para sempre, *“o Espírito da verdade... habita convosco e estará em vós”* (João 14:17). Foi somente depois do Senhor subir ao céu que o Espírito Santo desceu (João 7:39), e o que faríamos sem as Suas santas atividades?

2. As atividades do Espírito na igreja local

Uma igreja local é a residência do Espírito Santo no mundo e, portanto, é o templo santo de Deus (1 Coríntios 3:16,17). Neste capítulo, iremos nos ocupar com o Seu ministério em reunir, em glorificar a Cristo e no governo da igreja local. No próximo capítulo, veremos as Suas atividades em conceder dons e, no capítulo 10, em guiar os que Ele capacita para serviço.

A. Figuras do ministério do Espírito em reunir

Temos quatro figuras lindas, nas Escrituras, do ministério de reunir do Espírito Santo. Cada figura inclui o ministério de um servo anônimo e ilustra a atividade do Espírito Santo, em quatro esferas. Ele chama convidados ao banquete do evangelho (Lucas 14:16-24). A parábola em Mateus 22 descreve servos (observe o uso do plural) do rei, mas temos um contraste em Lucas 14, onde há um servo (observe o uso do singular) que transmite o convite e atrai os convidados. Na verdade, ele tem a capacidade de impeli-los a entrar. Na obra deste servo vemos ilustrada a atividade bendita do Espírito Santo ao conduzir o pecador a Cristo.

Em Gênesis 24, vemos o caso de um servo anônimo que procura uma noiva para Isaque, o filho de Abraão. Dificilmente encontraremos uma cena mais comovente, em todas as Escrituras, do que o relato desse servo que foi ao país distante buscar uma noiva para o herdeiro do pai. Aqueles que apreciam as noivas em Gênesis conhecerão bem o significado desta figura. Verão nela em forma ilustrativa a atividade atual do Espírito Santo encontrando a “noiva” (a Igreja) para Cristo, conferindo-lhe o penhor da herança futura, acompanhando-a através do deserto. Certamente o servo enchia o coração de Rebeca com a descrição das virtudes de Isaque, e sabemos que, finalmente, trouxe-a ao dia alegre do casamento. É fácil ver as semelhanças às atividades benditas do Espírito Santo, que também apresenta à Igreja as glórias do Senhor Jesus e em breve a apresentará ao seu Noivo

celestial na vinda Dele.

Em Marcos 14:12-26, o Senhor Jesus conduz a comunhão à mesa. Os discípulos iriam encontrar um homem carregando um cântaro de água e deveriam segui-lo até a casa. Quando ele entrou, eles o seguiram. O grande cenáculo mobiliado é chamado pelo Senhor de “meu aposento” (ARA). Naquele lugar, os discípulos se assentaram à mesa com Seu Senhor, e foi ali que Ele instituiu a ceia do Senhor. Esse carregador do cântaro de água é uma linda ilustração de como o Espírito Santo reúne os cristãos ao Senhor Jesus em uma igreja local.

Agora, pensemos no moço que supervisionou os trabalhadores no campo de Boaz (Rute 2:4-7). Novamente, não sabemos o nome deste servo, somente que ele era o supervisor dos segadores e permitiu que Rute colhesse no campo. Esta é uma linda figura do ministério atual do Espírito Santo sobre todos os que trabalham para Deus na grande ceia, procurando ajuntar feixes para a honra do nosso Remidor celestial.

Em Mateus 18:20, o Espírito Santo é o Servo anônimo que reúne os cristãos ao nome do Senhor Jesus. Esse versículo usa o verbo “reunir” na voz passiva do particípio (no grego), sugerindo que os dois ou três não se reuniram por conta própria, mas foram reunidos pela atividade de outro. Essa é a obra do Espírito Santo.

B. Prioridade do ministério glorificador do Espírito

“Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (João 16:14). É verdade que, quando o Senhor disse que o Espírito Santo *“Não falará de si mesmo”* (versículo 13), Ele se referia às palavras que o Espíritoalaria, que eram as palavras de Deus. No entanto, baseado no versículo 14, podemos claramente ensinar que a atividade do Espírito Santo nesta era não é chamar atenção a Si mesmo, mas às glórias do Senhor Jesus. Os que destacam e falam muito do Espírito Santo, muitas vezes, pouco ou nada falam das glórias do Senhor Jesus. Isto não pode ser a verdadeira obra do Espírito Santo, cuja grande prioridade é tomar do que é de Cristo e revelá-lo a nós.

C. Princípios do ministério guiador do Espírito

“Porque todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus” (Romanos 8:14). O ministério guiador do Espírito

Santo é constante. Não posso contar com a Sua direção quando estou reunido com os cristãos, a não ser que eu saiba o que significa ser guiado por Ele em todos os meus caminhos. Isso não se trata de uma voz interior misteriosa, como muitos sugerem. É permitir que o Espírito Santo aplique a Palavra escrita de Deus ao meu coração e à minha vida. Ele é 3o grande Ensinador, mas Ele tem somente uma linguagem, e é a linguagem da Palavra de Deus escrita, *“As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais”* (1 Coríntios 2:13).

D. Preservação pelo ministério governador do Espírito

Este é o ministério presente do Espírito Santo que vai nos ocupar neste capítulo. O governo de uma igreja local é uma atividade muito especial do Espírito Santo; *“...o Espírito Santo vos constituiu bispos”* (veja Atos 20:17-38; 1 Timóteo 3:1-16; Tito 1:5-9).

E. Provisão pelo ministério doador do Espírito

“Ora, há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1 Coríntios 12:4-11, 28-31). No próximo capítulo, iremos considerar o ministério do Espírito Santo em conceder dons.

3. O governo da casa

Uma igreja local é a casa de Deus (1 Timóteo 3:15), e Deus não terá uma casa desordeira. O Novo Testamento nos dá características claras do governo divino:

- a. A preeminência do Senhor Jesus (Colossenses 1:18).
- b. A autoridade exclusiva da Palavra (1 Coríntios 14:37)
- c. A direção do Senhor (1 Coríntios 1-16).
- d. Guias piedosos estimados e obedecidos (1 Tessalonicenses 5:12).

É este aspecto de guias piedosos que queremos examinar:

O presbitério

O chamado e a capacitação de presbíteros é um trabalho especial do Espírito Santo. *“Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue.”* (Atos 20:28) Paulo diz: *“Mas graças a Deus, que pôs a mesma solicitude por vós no*

coração de Tito” (2 Coríntios 8:16). Este último versículo nos dá a chave para entender como o Espírito Santo produz anciãos. Ele coloca nos seus corações um sincero cuidado pelo povo de Deus. É necessário um coração de pastor para alimentar, guiar, cuidar e proteger o pequeno rebanho, e somente o Espírito Santo pode preparar um coração desta forma.

O preparo requer tempo, pois os presbíteros são também chamados de anciãos, isto é, eles são maduros nas coisas espirituais. Idade natural não produz um presbítero. É necessário passar tempo na escola de Deus para produzir essa maturidade num homem. O nome ancião fala de maturidade, bispo (ou supervisor) fala da sua responsabilidade, pois eles presidem sobre as necessidades do pequeno rebanho, que é a expressão usada para descrever a igreja local (Atos 20:28; 1 Pedro 5:2)(O autor refere-se ao sentido exato da palavra “rebanho”, aqui usada na língua original do Novo Testamento). Eles visitam entre o rebanho para suprir suas necessidades espirituais. A palavra bispo tem ambos os significados, um que olha sobre e um que visita (1 Timóteo 3:1).

Eles também são chamados de pastores (Efésios 4:11). Isto descreve seu cuidado pastoral (1 Pedro 5:2,3). Pedro é cuidadoso em afirmar que os pastores estão entre o rebanho, conhecendo suas necessidades e provações, não isolados dele, nem dominando sobre o rebanho confiado a eles, mas sendo um exemplo para o rebanho.

Anciãos muitas vezes agem como diáconos (1 Timóteo 3:8-13). Há um corpo de anciãos em cada igreja local, mas não há um corpo permanente de diáconos. Os sete homens escolhidos em Atos 6 para serem diáconos logo se envolveram em outro trabalho, além do trabalho de servir as mesas. Qualquer cristão numa igreja local, irmão ou irmã, que preenche os requisitos espirituais de 1 Timóteo 3:8-13, pode trabalhar como diácono. Significa, literalmente, fazer um serviço específico para Deus ou para o Seu povo, isso inclui coisas práticas, materiais, como, por exemplo, cuidar do prédio onde os cristãos se reúnem. Além disso, também se refere a serviço espiritual como ensinar ou pregar, que obviamente as irmãs não irão fazer (1 Coríntios 14:34). Não devemos subestimar o valor de serviço prático em relação ao valor de serviço espiritual. Se for feito para o Senhor Jesus, ambos têm um valor tremendo aos olhos de Deus.

A palavra diácono (ou ministro) é usada com mais frequência no Novo Testamento referindo-se a atividades espirituais e não a serviço prático. Paulo e Apolo eram diáconos, por meio dos quais os cristãos em Corinto foram salvos (1 Coríntios 3:5). Paulo era um diácono do mistério da igreja (Colossenses 1:25) e um diácono do evangelho (Efésios 3:7). A palavra diácono é usada para descrever o serviço de Timóteo, Epafras, Tíquico e até o ministério dos anjos. É correto dizer que todos os anciãos desempenham a função de diáconos, mas certamente nem todos os diáconos são anciãos.

Quando os anciãos são descritos, em relação à sua prestação de contas, eles são chamados de despenseiros (Tito 1:7). Foi confiada a eles uma responsabilidade preciosa, o cuidado da igreja local, que pertence ao Senhor e é preciosa a Ele. Eles serão chamados para prestar contas do seu trabalho, quando o Senhor voltar (Lucas 12:41-44; 1 Coríntios 4:1).

Requisitos espirituais dos presbíteros

Temos os requisitos dos presbíteros em duas passagens paralelas (1 Timóteo 3:1-7; Tito 1:6-9). Uma leitura cuidadosa destes requisitos irá mostrar que estas características deveriam ser vistas em todos os cristãos, mas são “indispensáveis” nos presbíteros (1 Timóteo 3:2).

Talvez as características descritas sejam simples o suficiente para ser desnecessária qualquer explicação, mas quatro delas, mencionadas na epístola a Timóteo, causam dificuldades para alguns.

“Seja irrepreensível” (versículo 2), significa não haver nenhuma acusação válida que possa ser feita contra ele por qualquer cristão ou pelo mundo.

“Marido de uma só mulher” (ARA versículo 2), significa que o ancião tem um caráter moral puro. Ele é homem de uma mulher só, nunca dando ocasião para alguém pensar que ele deseje qualquer outra mulher. Isso não significa que, se a esposa de um ancião falecer, ele não pode casar-se novamente, mas é necessário que seja uma união no Senhor.

“Apto para ensinar” (1 Timóteo 3:2), é um ponto polêmico para alguns. Não é necessário entender com isso que o ancião precisa ser um ensinador hábil da palavra, pois muitos dos anciãos mais capacitados e piedosos não o são. Se Paulo quisesse dizer que ele

deveria ser um ensinador talentoso, ele o teria dito claramente. As palavras que ele usa indicam uma prontidão para ensinar quando necessário, ou uma habilidade para reconhecer a necessidade de ensino e uma prontidão para satisfazer esta necessidade. Isto pode ser em particular, em reuniões da igreja local, e eu sugeriria que muitos presbíteros veem a necessidade e a suprem, convidando ensinadores capacitados para visitar a igreja local. Isto encaixa na descrição *“amigo do bem”* ou, como diz a versão inglesa, *“amigo de homens bons”* (Tito 1:8).

“Que governe bem a sua própria casa” (versículo 4), se refere ao tempo quando os filhos estão sob seus cuidados. Depois de crescerem e saírem de casa, eles não são mais parte do lar sobre o qual ele governa.

Uma frase longa, na passagem em Tito, é muito importante: *“Porque convém que o bispo seja irrepreensível como despenseiro da casa de Deus, não soberbo, nem iracundo, nem dado ao vinho, nem espancador, nem cobiçoso de torpe ganância; mas dado à hospitalidade, amigo do bem, moderado, justo, santo, temperante, retendo firme a fiel palavra, que é conforme a doutrina, para que seja poderoso, tanto para admoestar com a sã doutrina como para convencer os contradizentes”* (Tito 1:7-9). Que descrição! No entanto, eu conheço vários homens que preenchem estes requisitos. Graças a Deus por tais homens de Deus.

A autoridade dos presbíteros não reside neles mesmos como homens, mas na Palavra de Deus demonstrada nas suas vidas e ensinada por eles (Hebreus 13:7,8; 1 Pedro 5:1-4).

As funções dos presbíteros são descritas para nós das seguintes maneiras: eles governam para Deus na igreja local onde o Espírito Santo os colocou; não existe um presbítero regional (1 Timóteo 3:4,5; 5:17; 1 Tessalonicenses 5:12). Eles são guias espirituais (Hebreus 13:7); eles são pastores (1 Pedro 5:1-4) e eles não devem fazer nada por parcialidade (1 Timóteo 5:21).

As Escrituras têm muito a dizer sobre a atitude dos cristãos em relação aos presbíteros. Eles devem ser reconhecidos (1 Tessalonicenses 5:12; 1 Coríntios 16:18), estimados (1 Tessalonicenses 5:13), obedecidos (Hebreus 13:17), e os cristãos devem se submeter a eles (1 Coríntios 16:15,16). Eles nunca são eleitos por voto popular, pois é impossível criar um presbítero por atos humanos. Entretanto, a palavra usada em Tito 1:5 deixa claro que os homens que tinham as qualificações e estavam

fazendo o serviço foram “apontados” por Tito aos cristãos. Isto não é criar presbíteros, mas reconhecer ou identificá-los.

Já que eles estão à vista de todos, eles estão expostos às críticas e ataques daqueles que, erroneamente, os invejam. Por causa disto eles recebem uma proteção especial. Nenhuma acusação deve ser aceita contra eles, a não ser pela boca de duas ou três testemunhas (1 Timóteo 5:17-21).

Aqueles que forem fiéis a Deus no seu ministério de alimentar, guardar, pastorear e guiar o pequeno rebanho receberão uma recompensa do seu Senhor (Hebreus 13:17): *“E, quando aparecer o Sumo Pastor, alcançareis a incorruptível coroa de glória”* (1 Pedro 5:4).

9

A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (2)

Os dons que são dados

O Novo Testamento dá quatro listas dos dons que são dados a cristãos, igrejas locais e ao corpo de Cristo (Efésios 4:12) para manter o testemunho de Deus através dos séculos. A primeira lista descreve os dons dados aos santos pelo Espírito Santo (1 Coríntios 12:4-11). Todos os dons nas duas listas que encontramos neste capítulo tinham algum elemento do sobrenatural no seu funcionamento. Num certo sentido, todos os dons espirituais são sobrenaturais porque fornecem uma capacidade de exercer funções especiais para Deus. Mas os dons dados aos coríntios partiam para o milagroso e incluíam revelações diretas de Deus. Eram dons dados como sinais e eram temporários. Os dons que temos hoje funcionam de forma diferente (1 Coríntios 13:8-13). Esses dons dados como sinais cessaram, não porque o testemunho falhou e o Senhor os removeu em disciplina, como alguns dizem, mas porque era a intenção de Deus que fossem temporários e tinham valor inferior. Isso não agradará os seguidores do movimento carismático, mas é o Espírito Santo que nos diz como eram inferiores e por que cessaram.

Devemos testar as afirmações acima com as Escrituras. Os dons dados como sinais eram inferiores porque tinham somente valor parcial. Como exemplo disso, vemos que um profeta do Novo Testamento podia levantar-se na igreja local e falar palavras vindas de Deus que supriam a necessidade exata do

momento. Ele não lia das Escrituras, mas falava as palavras de Deus. Os dons de sabedoria e ciência eram semelhantes. Nos nossos dias, nós nos voltamos à Palavra escrita para encontrar as respostas às perguntas e aos problemas, mas estas primeiras igrejas locais se voltavam a homens com os dons de sabedoria e ciência. Entretanto, nesses três dons, não havia uma revelação completa da mente de Deus. Era em parte, isto é, uma revelação parcial da Sua mente. Era adequada à necessidade do momento, mas palavras novas eram necessárias para cada ocasião. Quando a revelação completa da vontade de Deus foi dada na Sua Palavra escrita, tal sabedoria e tal ciência parciais e as palavras dos profetas se tornaram desnecessárias e cessaram (1 Coríntios 13:8-10). Este é o significado literal das palavras: *“Porque, em parte, conhecemos e, em parte, profetizamos. Mas, quando vier o que é perfeito (completo), então, o que o é em parte será aniquilado”*. Se tivesse sido da Sua vontade, Deus poderia ter continuado com esse tipo de comunicação, mas foi da Sua vontade que algo melhor fosse dado – Sua revelação completa nas Escrituras da verdade.

Em segundo lugar, os dons dados como sinais eram inferiores porque pertenciam ao período da infância das igrejas. Paulo deixou isso claro quando escreveu acerca desses dons: *“Quando eu era menino (uma criança de colo), falava como menino, sentia como menino, discorria como menino, mas, logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino”* (1 Coríntios 13:11). A NVI deixa isto ainda mais claro ao dizer: *“quando me tornei homem, deixei para trás as coisas de menino”*. Não é um sinal de espiritualidade avançada desejar dons dados como sinais, ou professar possuí-los, mas é um sinal de infantilidade.

Há aqueles que discordam desta interpretação de 1 Coríntios 13, e dizem que a linguagem do versículo 12 se refere aos céus e à glória futura. Mesmo que esse versículo tenha uma interpretação futura, isto não diminui a importância do que foi escrito acima. No versículo 11, Paulo usa linguagem relacionada ao presente, *“logo que cheguei a ser homem”*, mas, no versículo 12 ele parece estar falando do futuro quando diz *“então, conhecerei”*. As razões para isto parecem ser bem claras. A revelação completa da mente de Deus na Sua Palavra é um avanço maravilhoso sobre a palavra parcial dos profetas e o conhecimento parcial do dom da ciência, mas há também algo futuro que é ainda muito melhor, quando eu trocar a terra pela glória e estiver na Sua presença e então *“Conhecerei como também sou conhecido”* (versículo 12).

Alguns consideram o versículo 12 como a revelação completa da mente de Deus nas Escrituras completas, mas me parece que a explicação dada acima é mais adequada à linguagem do versículo.

A segunda lista, em 1 Coríntios 12:28-31, não é uma lista de dons dados aos homens pelo Espírito Santo, como a primeira lista, mas se refere a homens dotados, dados à igreja local em Corinto. De fato, não lhes faltava nenhum dom.

Romanos 12:3-8 dá uma lista das atividades de cristãos capacitados. Esses cristãos devem se dedicar ao serviço específico que lhes foi confiado pela medida da graça que Deus tem dado a eles para exercer os seus dons. O dom da profecia ainda aparece nessa lista, mas as outras seis atividades estão em funcionamento hoje, e todas são muito necessárias.

Os cinco dons listados em Efésios 4:4-11 são homens dados pelo Senhor Jesus ao corpo. Os apóstolos e profetas se encontram nesta lista, e é nesta epístola que temos a afirmação, *“Edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina”* (Efésios 2:20). É um erro pensar neles como parte do fundamento, antes, eles estavam ocupados em lançar o fundamento (1 Coríntios 3:11).

Esta é a única vez que o dom de evangelista é mencionado, e a razão para isso é bem óbvia, pois o evangelista está ocupado na obra de trazer pessoas para o corpo.

Parece melhor considerar os pastores e os ensinadores como sendo dons distintos dados ao corpo. A ligação íntima entre eles, na linguagem do versículo, pode ser explicada pela função desses homens capacitados. Eu pessoalmente penso que um ensinador não pode ter muito valor se ele não tiver um coração de pastor para cuidar dos salvos, mas há homens com um grande coração de pastor e, no entanto, eles não têm muita habilidade para ensinar.

Pelo que dissemos até agora, fica claro que há três grupos de dons:

1. Dons fundamentais – apóstolos e profetas.
2. Dons temporários – dons dados como sinais.
3. Dons permanentes – evangelistas, pastores e ensinadores.

A seguinte comparação das quatro listas de dons, que se encontram em 1 Coríntios 12, Romanos 12 e Efésios 4, ajuda bastante:

1 Coríntios 12

Sabedoria Apóstolos
 Ciência Profetas
 Fé Doutores
 Curas Milagres
 Maravilhas Curadores
 Profecia Socorros
 Discernimento Governos
 Línguas Línguas.
 Interpretação

Romanos 12

Profecia
 Ministério (serviço)
 Ensino
 Exortação
 Repartir
 Presidir.
 Misericórdia

Efésios 4

Apóstolos
 Profetas
 Evangelistas
 Pastores
 Doutores.

Uma razão por apresentar essas listas é para mostrar como os dons dados como sinais foram desaparecendo com o passar dos dias no Novo Testamento, até que se tornaram uma coisa do passado. Quando alguém que amamos fica doente, seria maravilhoso ter o dom de curar, mas é sempre bom lembrar que, mesmo quando tais dons estavam em operação, nem sempre era a vontade de Deus curar. Epafrodito, tão estimado por Paulo e tão amado pela igreja em Filipos, esteve doente quase à morte, e se recuperou sem a ação do dom de cura (Filipenses 2:25-30). Paulo deixou Trófilo em Mileto doente, e não houve nenhuma cura milagrosa, embora Paulo estivesse precisando da sua companhia (2 Timóteo 4:20). Paulo tinha um espinho na carne que pode ter sido uma enfermidade física. Ele pediu ao Senhor três vezes para que fosse retirada dele, mas recebeu a resposta: *“A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza.”* E ele continua: *“De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo”* (2 Coríntios 12:9). Aqueles que insistem em dizer que pecado e doença na vida do cristão devem ser tratados da mesma maneira e excluídos, e que Deus sempre quer curar, nunca examinaram essas palavras de Paulo. Eles estão tentando tirar das mãos do Senhor o meio que Ele, muitas vezes, usa para nos ensinar e refinar. Embora o dom de curar não esteja em funcionamento hoje, e aqueles que professam ter esse dom não vivem uma vida mais longa, com menos problemas físicos do que os outros, ainda é verdade que *“Se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, ele nos ouve”* (1 João 5:14). Deus sabe muito mais do que nós sabemos, e sabe o que é melhor para nós, mas ainda é verdade que *“Não negará bem algum aos que andam na retidão”* (Salmo 84:11).

Os capítulos em Coríntios que tratam do assunto de dons e

suas funções são muito importantes para nós. Eles nos dizem, por exemplo, como testar o valor dos dons. Temos o primeiro teste em 1 Coríntios 12: “Até que ponto Deus é glorificado por meio deste dom?” O segundo teste está no capítulo 13: “Até que ponto o amor é manifestado por este dom?” O terceiro teste é o grande assunto do capítulo 14: “Até que ponto a igreja é edificada pelo dom?”

Nunca houve um dom dado que fosse tão grande que não pudesse ser exercido plenamente na esfera que a Palavra de Deus decreta. Os dons funcionam numa igreja local (1 Coríntios 14:19-40). O dom do ensinador pode funcionar em várias igrejas locais onde ele é incentivado a exercê-lo. O serviço do evangelista é direcionado ao mundo (2 Timóteo 4:5), mas sempre ligado à igreja local (veja Atos 13 a 15).

Temos visto que os dons são dados por Deus, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Eles são dados na conversão. O dom de Timóteo foi dado a ele por meio de um pronunciamento profético. Ele foi designado para recebê-lo, provavelmente na sua conversão e, mais tarde, os anciãos reconheceram a obra de Deus que fora feita na sua concessão, e o recomendaram com prazer (1 Timóteo 4:14; Atos 16:2). A imposição das mãos por Paulo (2 Timóteo 1:6) talvez se refira a um reconhecimento do dom e uma identificação com Timóteo no uso do seu dom, e isso também nos leva à passagem em Atos 16, na ocasião da sua recomendação pela igreja em Listra. Há outros que pensam que o apóstolo foi um instrumento usado para dar o dom. Eu não tenho problema com isso, mas nós não temos apóstolos hoje em dia; no entanto, os dons continuam sendo dados, e como no caso de Paulo e outros no Novo Testamento, o recebimento do dom pode estar ligado com a conversão. É uma boa prática exercermos qualquer dom recebido logo no começo da nossa vida cristã. É claro que o jovem cristão deve exercer o seu dom de acordo com o seu nível de experiência e sob a direção de irmãos mais maduros.

Alguns dizem que 1 Coríntios 12:31 é uma evidência de que um cristão pode desejar um certo dom e até orar para tê-lo: *“Procurai com zelo os melhores dons”*. Mais uma vez o estudo do contexto nos ajudará a entender essa afirmação. Um pouco antes dessas palavras, temos uma lista de homens capacitados que são dados à igreja local. Eu sugiro que essa afirmação não é um desejo por um dom melhor para si mesmo, mas o desejo de

que homens capacitados sejam levantados dentro da igreja local.

Todos têm um dom? Há pelo menos quatro dons que todos os cristãos podem ter. Há o dom de socorros (1 Coríntios 12:28). Conhecemos muitos amados cristãos em quem esse dom se sobressai. Temos o dom de mostrar misericórdia (Romanos 12:8), e esse é, certamente, um dom da graça de Deus. Temos o dom de servir aos outros (Romanos 12:7) e o dom de repartir (Romanos 12:8). Não negligenciar esses dons é uma exortação oportuna.

A palavra de Deus e um pouco de experiência na obra de Deus têm nos ensinado que nenhum homem pode julgar o seu próprio dom. Um homem que tem um dom para ser usado para a bênção do povo de Deus não vai precisar convidar-se a si mesmo para pregar, ele será convidado por anciãos responsáveis e incentivado a ministrar aos santos. *“E falem dois ou três profetas, e os outros julguem”* (1 Coríntios 14:29), isto é, outros do mesmo tipo. A prática aplicada ao funcionamento do dom de profecia se aplica hoje ao funcionamento de qualquer dom que é para a edificação da igreja local. É a edificação que é o tema principal desse capítulo. Um bom irmão que está tentando fazer um trabalho para o qual ele não tem capacitação divina cria um grande problema para os cristãos, pois muito poucos vão querer ser ríspidos com um bom irmão.

É em 1 Coríntios 14 que aprendemos muito sobre a ordem das reuniões e como os dons funcionam por meio do controle e do poder do Espírito Santo. Eu acho muito tocante que, em Corinto, os irmãos se reuniam no nome do Senhor Jesus, e suas reuniões tinham três ingredientes. Eles cantavam com o espírito e com o entendimento, eles oravam da mesma forma, e eles ouviam o ministério da Palavra de Deus que os edificaria (versículo 15). Pelo menos é isto que deveriam estar fazendo. Isto não nos é estranho, pois ainda continuamos com a mesma prática.

“Cada um administre aos outros o dom como o recebeu, como bons despenseiros da multiforme graça de Deus. Se alguém falar, fale segundo as palavras de Deus; se alguém administrar, administre segundo o poder que Deus dá, para que em tudo Deus seja glorificado por Jesus Cristo, a quem pertence a glória e o poder para todo o sempre. Amém!” (1 Pedro 4:10,11)

10

A Dependência Espiritual de uma Igreja Local (3)

A direção do Espírito Santo no trabalho

A verdade preciosa do sacerdócio de todos os cristãos foi recuperada nos dias da Reforma. Despertado do erro do sacerdócio romano, Martinho Lutero escreveu: “Todos os cristãos são juntamente sacerdotes, quem afirmar o contrário o faz sem a Palavra de Deus, sem nenhuma autoridade a não ser os ditos e costumes de homens”.

Devemos, é claro, salientar que Martinho Lutero tinha em mente o fato que os cristãos têm o direito de se aproximar de Deus através do Senhor Jesus, sem qualquer mediador humano, isto é, sem o intermédio dos padres romanos. Ele apreciava a verdade: *“Porque há um só Deus e um só mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem”* (1 Timóteo 2:5). Agradecemos a Deus por ele ter conhecido esta verdade, mas é improvável que ele entendeu que o sacerdócio santo do Novo Testamento significa aproximar-se de Deus, não somente em meu próprio favor, mas também em favor dos outros. Seja o que for que ele entendeu, nós devemos entender o verdadeiro significado do sacerdócio santo.

Uma definição de sacerdócio neotestamentário

No Velho Testamento havia uma família sacerdotal, mas, no Novo Testamento, todos os cristãos fazem parte do sacerdócio santo e são um reino de sacerdotes (Apocalipse 1:6; 5:10; 20:6). Entretanto, podemos aprender muito sobre o sacerdócio

neotestamentário a partir do modelo de Arão e seus filhos. Era a intenção de Deus que Israel fosse “*reino sacerdotal e povo santo*” (Êxodo 19:4-6). Três das quatro afirmações sobre nosso sacerdócio santo, em 1 Pedro 2, vêm de Êxodo 19. O sacerdócio nacional de Israel era condicional (Êxodo 19:5), mas Israel deixou de ouvir a voz de Deus e de guardar a Sua aliança, o que resultou na escolha divina da tribo de Levi e na separação de uma família para o sacerdócio (Êxodo 28:1).

O sumo sacerdote de Israel é descrito em Hebreus 5:1, numa linguagem que ajuda muito a nossa compreensão do sacerdócio.

1. Ele era um homem,
2. Escolhido dentre os homens,
3. Constituído a favor dos homens,
4. Em coisas concernentes a Deus,
5. Para que pudesse oferecer sacrifícios e ofertas.

Hebreus 5:1 acrescenta que os sacrifícios oferecidos eram pelos pecados, tanto do sacerdote como do povo. O grande contraste entre essas muitas ofertas pelo pecado e a obra do nosso Sumo Sacerdote é o tema principal de Hebreus. Graças a Deus, nosso Senhor Jesus não precisou oferecer sacrifícios pelos Seus próprios pecados (7:27), pois Ele não tinha nenhum. Ele ofereceu um único sacrifício pelos pecados, para sempre (10:12), portanto, as ofertas contínuas dos sacerdotes de Israel eram somente uma sombra daquela única oferta que aperfeiçoou para sempre os que são santificados. Os contrastes são grandes, entretanto aprendemos muito sobre a função sacerdotal pelo sacerdócio de Arão e seus filhos.

Somos um sacerdócio santo e real pelo privilégio do direito do novo nascimento (1 Pedro 2:5-9), e temos uma ligação vital com o Grande Sumo Sacerdote que ministra em santa perfeição diante do próprio trono de Deus. O direito sacerdotal inclui todos os que são nascidos de Deus nesta dispensação, tanto irmãos como irmãs, o respeitado ancião e o mais jovem cristão. Como sacerdotes reais e santos, temos o santo privilégio de entrar além do véu (Hebreus 10:19-22). Este é o santuário do nosso serviço sacerdotal.

*Entramos no santuário ,
Purificados pelo sangue precioso,
Prostramo-nos diante do Teu trono
E Te adoramos, nosso Deus”*

O caráter coletivo do sacerdócio

Podemos agradecer a Deus que, como Martinho Lutero compreendeu, nós sempre temos acesso à presença de Deus, além do véu, quando nos achegamos a Ele como filhos ao Pai e curvamos nossos joelhos no recôndito da Sua presença. Entretanto, sacerdócio abrange muito mais do que isso. De acordo com a definição dada em Hebreus 5:1, é um serviço *“a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus”*. É principalmente uma função em relação a Deus, no oferecimento de *“sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo”* (1 Pedro 2:5). Essa função do sacerdócio é sempre descrita no Novo Testamento num sentido coletivo. Um cristão, individualmente, nunca é chamado de sacerdote, mas, coletivamente, somos um sacerdócio. Não negamos a aproximação individual a Deus, com base no precioso sangue que Cristo derramou, mas frisamos a verdade da função do sacerdócio coletivo. Quando nos reunimos como igreja, aqueles que participam audivelmente, quer seja com orações de súplicas ou como adoradores no sacrifício de louvor, estão orando ou louvando como a voz do grupo reunido. Irmãos estão exercendo seu sacerdócio, quando são guiados, de forma inteligente, pelo Espírito Santo e estão realizando um serviço *“a favor dos homens, nas coisas concernentes a Deus”*. Eles estão colocando em prática a grande verdade que todos os cristãos fazem parte do sacerdócio santo do Novo Testamento.

Essa é a razão pela qual qualquer restrição colocada pelos homens na oração ou louvor interfere com o controle soberano do Espírito Santo sobre as funções do sacerdócio. É literalmente impossível exercer o sacerdócio do Novo Testamento num lugar onde um homem é indicado como pastor ou ministro. Isso se torna num grande problema se o Espírito está movendo os corações dos cristãos em adoração e um homem reivindica direitos exclusivos à função de sacerdote. Não há lugar para o sacerdócio funcionar sob estas condições. Não é de se admirar que o Senhor use linguagem tão forte para falar da doutrina dos Nicolaitas, que simplesmente significa líderes sobre os leigos. O Senhor diz: *“o que eu aborreço”* (Apocalipse 2:15). Um cristão sincero certamente não vai se associar com algo que o Senhor aborrece!

Como sabemos, *“Deus não é Deus de confusão”* (1 Coríntios 14:33) e Ele orienta o sacerdócio de acordo com a Sua própria Palavra,

isto é, Ele nunca guiaria uma irmã a se levantar em adoração audível. Havia muita desordem em Corinto e 1 Coríntios 14:23-33 foi escrito para corrigir parte desta desordem, mas o versículo 26 é uma afirmação de como a igreja funcionava: *“Cada um de vós tem salmo, tem doutrina, tem revelação, tem língua, tem interpretação. Faça-se tudo para edificação”*. Se não podemos provar mais nada a partir desse versículo, podemos com certeza mostrar que não era somente um único homem que participava nas reuniões da igreja local.

A distinção entre dom e sacerdócio

Como temos visto no capítulo 9, o trabalho do diácono pode ser de caráter prático ou espiritual, mas a maior parte do trabalho do diácono descrito no Novo Testamento é espiritual. Esse trabalho inclui o exercício do dom. Pode incluir o trabalho do evangelista ou do ensinador e inclui aspectos do trabalho do pastor no seu cuidado carinhoso das ovelhas do rebanho. O trabalho do diácono corresponde ao serviço levítico do Velho Testamento e inclui um chamado divino e uma capacidade para um serviço específico. É o exercício de um dom divinamente dado.

Por algum motivo o trabalho do diácono é confundido, nas mentes de alguns, com o conceito de sacerdócio. O sacerdócio do Novo Testamento não é ligado a nenhum dom. É o privilégio herdado de todos os salvos. Não é a falta de dom que limita a função sacerdotal. É a ausência de um coração fervoroso para com Cristo. É verdade que alguns homens são homens públicos e para eles é muito mais fácil se expressar numa reunião da igreja local do que para outros. Um homem pode sentir muito a sua falta de capacidade e crer que os outros podem participar nas orações de louvor muito melhor do que ele, mas ele pode gozar, em sua alma, verdadeira comunhão com Deus e sua expressão audível de gratidão pode ser mais doce a Deus e mais inspiradora às almas dos salvos do que as longas e eruditas orações do outro. É preciso ter um coração que aprecia Cristo para poder adorar; um espírito no qual o Espírito Santo tem agido para produzir verdadeira adoração a Deus pelo Seu Filho (Filipenses 3:3). Isto nada tem a ver com dom.

A ligação entre serviço sacerdotal e levítico

Mesmo uma leitura superficial de Números 3 e 4 irá nos

convencer que o serviço sacerdotal era superior ao serviço levítico. Aliás, o serviço levítico nunca funcionava por si só. Temos uma lição clara nisso. Irmãos que são responsáveis pela pregação do evangelho, como parte do testemunho evangélico da igreja local, estão desempenhando a função do serviço levítico. Será que eles também exercitaram a sua função sacerdotal? É questionável se um homem deveria pregar ou ensinar se ele não demonstra uma prática consistente quanto ao seu sacerdócio. Alguns estão dispostos e prontos a pregar, mas suas vozes nunca se elevam a Deus em *“sacrifício de louvor”*, na reunião do partir do pão. Cremos que isso é contrário às Escrituras.

Na reunião de oração que antecede uma reunião de evangelização, muitas vezes ficamos impressionados com a quantidade de irmãos que participam, de forma inteligente, na intercessão pelos incrédulos. Isso é recomendável, mas é trágico observar quão poucas dessas vozes são ouvidas na reunião do partir do pão. Essa é uma forte evidência da nossa pobreza espiritual e da falta do espírito de adoração no nosso meio. Por outro lado, quantas vezes os nossos corações são tocados ao ouvir uma simples, mas aprazível, oração de ação de graças a Deus feita por um irmão salvo há pouco, mas já pronto a oferecer em conformidade com a sua própria apreciação de Cristo.

Os sacrifícios do sacerdócio do Novo Testamento

Mais uma vez, tiramos nossas ilustrações do Velho Testamento. *“Ninguém apareça vazio perante mim”* (Êxodo 23:15), e *“Não aparecerá vazio perante o SENHOR”* (Deuteronômio 16:16), são ordenanças que têm aplicações claras para nós. Nossa entrega a Deus, como sacerdócio santo, deve primeiramente abranger o oferecimento dos nossos corpos, como *“sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional”* (Romanos 12:1). Esse versículo é coletivo e também individual e contém algumas das principais características relacionadas ao sacerdócio no Novo Testamento, tais como *“sacrifício, santo, aceitável a Deus”* e *“apresenteis”*. Todas as outras ofertas estão baseadas nessa oferta de nós mesmos. Muitas vezes nos comovemos ao cantar as palavras escritas por Isaac Watts:

*Se todo o reino da natureza fosse meu,
Seria uma oferta pequena demais;
Amor tão maravilhoso, tão divino,
Exige o meu coração, a minha vida, o meu todo.*

Quando apresentamos os nossos corpos, a oferta da nossa *adoração* virá em seguida (Hebreus 13:15). Ela deve ser oferecida continuamente e é *“o fruto dos lábios que confessam o seu nome”*. Não é a semente dos nossos lábios mas, sim, o fruto; isso sugere nutrição, desenvolvimento, uma colheita cuidadosa e a seleção do melhor para oferecer como nossa meditação preciosa acerca do Senhor Jesus. Durante a semana, o Espírito Santo, se dermos lugar a Ele, fará a obra de cultivar o nosso coração até que o fruto, plenamente desenvolvido, seja oferecido como louvor a Deus. É muito trágico se esperamos estar reunidos para então tentar concentrar nossos pensamentos Nele, talvez pelos hinos que são cantados, ou pelas orações dos outros. Com relação a tal prática entre os judeus, Malaquias escreveu: *“Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais”* (3:8).

Embora devêssemos apreciar a mais simples expressão de adoração, Deus espera que aqueles que têm a habilidade de apreciar a Cristo e de entrar nas glórias e excelências da Sua Pessoa e obra possam oferecer adoração mais sublime do que simplesmente agradecer pela bênção dos pecados perdoados e pela garantia da vida eterna. Não é um nível muito elevado de adoração estar ocupado somente com o que temos recebido. O valor da Pessoa de Cristo e o prazer de Deus Nele e na Sua obra é um nível muito mais elevado de verdadeira adoração, e concorda com a atividade do Espírito Santo nesta dispensação: *“Ele me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar”* (João 16:14).

Quando nossos corpos e nossa adoração forem oferecidos, então teremos gozo em oferecer nossas *possessões* (Hebreus 13:16). Este é o assunto de capítulo 21 deste livro.

O oferecimento das nossas *orações*, coletivamente, também é uma função sacerdotal. Mais uma vez, precisamos distinguir entre entrar na presença de nosso Pai como Seus filhos e entrar na Sua presença, coletivamente, como igreja, na reunião de oração. Ambos são grandes privilégios, mas são distintos. O tempo é um fator em ambos os privilégios, mas num sentido oposto. Não há nenhum substituto para o tempo passado a sós com Deus, e o não fazer isto regularmente é uma falta que muitos precisam reconhecer e confessar. Entretanto, quando nos reunimos na reunião de oração da igreja local, devemos orar de forma concisa e direta. Nossa oração deve ter um tema principal

e não ser uma oração longa e divagadora. Orações que duram mais de cinco minutos precisam ser verdadeiramente orações no Espírito, senão vão cansar os ouvintes e fazê-los fechar seus ouvidos e não prestar atenção. Se há poucos irmãos na igreja local, é preferível orar mais que uma vez do que fazer uma oração longa e divagadora. É provável que mais irmãos participariam em oração se alguns irmãos não fizessem orações tão longas, nas quais apresentam diante de Deus todas as petições, numa só oração. Outros seriam incentivados a orar pelas coisas que ainda não foram mencionadas. A oração mais longa na Bíblia é mais curta do que a média das orações de alguns irmãos. O Senhor não elogiou orações públicas longas (Mateus 23:14; Marcos 12:40; Lucas 20:47). Há ocasiões quando nos esquecemos das palavras do homem sábio: *“Não te precipites com a tua boca, nem o teu coração se apresse a pronunciar palavra alguma diante de Deus; porque Deus está nos céus, e tu estás sobre a terra; pelo que sejam poucas as tuas palavras”* (Eclesiastes 5:2).

O verdadeiro significado da oração é um assunto vasto que não podemos abordar neste livro. B F. Westcott escreve: *“Verdadeira oração, a oração que será respondida, é aquela que é caracterizada pelo reconhecimento e pela aceitação da vontade divina”* (João 14:7; 1 João 5:14).

Deus permita que essas considerações possam nos exercitar a nos aprofundar mais nos grandes privilégios do sacerdócio do Novo Testamento para, desta forma, glorificar a Deus em nossa vida.

11

Testemunho Evangelístico da Igreja

Nas três ocasiões quando o Senhor comissionou os Seus a levar as boas novas do evangelho a um mundo pecador, houve uma ênfase especial num dos aspectos do grande evangelho. Em Marcos 16:15,16, Ele disse: *“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura. Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado”*. A ênfase estava em pregar e batizar os salvos. Em Mateus 28:19-20 lemos: *“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amém!”* A ênfase estava em fazer discípulos, batizá-los e ensiná-los, e na promessa da Sua presença constante. Em Atos 1:8 o Senhor disse: *“Recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até aos confins da terra”*. A ênfase estava no poder dado para testemunhar. O testemunho evangélico da igreja local deve ter todos os ingredientes dessas três declarações. O Senhor não comissionou ninguém a somente ir e contar às pessoas como poderiam ser salvas. Incluía muito mais.

1. O mandamento

Ide, pregai, batizai, ensinai e testemunhai. Há um fator em comum em todas as três declarações acima mencionadas. A comissão era para *“todo o mundo”*, *“toda criatura”*, *“todas as nações”* e *“até aos confins da terra”*. A comissão completa que deve

ser seguida pela igreja local é procurar alcançar um mundo todo de pecadores perdidos.

Cada cristão de uma igreja local é exortado a viver o evangelho, testemunhar da graça salvadora do Senhor Jesus, e anunciar, inclusive em conversa particular, o evangelho a toda criatura. Evangelistas anunciam o evangelho. Eles o proclamam de acordo com a capacidade especial que o Senhor ressurreto lhes concedeu (Efésios 4:11). Esta é a metodologia divina. *“Aprove a Deus salvar os que crêm pela loucura da pregação,”* (1 Coríntios 1:21 ARA). Há um poder e uma bênção na palavra pregada que não existe numa conversa pessoal ou num estudo bíblico. Essas atividades são muito valiosas para fazer contato com as pessoas e torná-las côncias da verdade do evangelho, mas há, na proclamação pública do evangelho, aquilo que o Espírito usa para produzir convicção e conversão. Deus pode operar sem a pregação, mas Ele escolheu a pregação como Seu método principal.

2. O mensageiro

O Senhor disse a Ananias quando ele perguntou sobre Saulo de Tarso: *“Este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel”* (Atos 9:15). O chamado e a comissão de Paulo foram singulares, mas que privilégio é, mesmo numa pequena escala, ser um vaso escolhido para levar adiante o Seu nome!

O mensageiro é mais importante do que sua pregação. Talvez leve algumas horas para preparar uma mensagem, mas preparar um homem enviado por Deus leva uma vida toda. Anos atrás, E. M. Bounds escreveu: *“Homens estão sempre procurando métodos melhores, mas Deus está procurando homens melhores”*. Métodos mais complexos e estratégias complexas são a tentativa humana de superar a nossa própria fraqueza de poder fazer uma obra verdadeira para a eternidade nas almas dos homens. Deus está procurando homens e mulheres dispostos a viver uma vida santa e pregar palavras santas vindas da parte de Deus. Deus disse a Ezequiel: *“Tu, pois, ouvirás a palavra da minha boca e lha anunciarás da minha parte”* (33:7).

A preparação do coração do mensageiro é uma obra muito mais profunda do que a preparação da mensagem. Um coração cheio de Cristo transbordará em mensagens que alcançarão os corações dos outros. O espírito do mensageiro precisa ser movido

pelo Espírito Santo para produzir nos seus lábios palavras vindas de Deus. Ele precisa ser treinado, mas a escola de Deus é o melhor lugar para sua educação espiritual. Seu gozo em Cristo, sua compaixão pelas almas, seu zelo pelo evangelho e seu trabalho incansável no campo são as marcas de um verdadeiro mensageiro. É na presença de Deus, de joelhos, com o Livro aberto em suas mãos, que o mensageiro será preparado para ser *“O embaixador do SENHOR... conforme a mensagem do SENHOR”* (Ageu 1:13).

3. A força

Foi do ventre do grande peixe que Jonas orou dizendo, *“Do SENHOR vem a salvação”* (Jonas 2:9). Deus, muitas vezes, leva Seus servos ao ponto mais baixo na sua história para lhes mostrar essa verdade. Isso se aprende muito cedo no trabalho do evangelho, mas é reaprendido vez após vez numa vida de serviço para Deus. Quando não estamos dispostos a esperar em Deus para Ele fazer a Sua obra, produziremos o trabalho espúrio de meros homens, que pode fazer muito mais estrago às almas e ao testemunho do que todo o bem que tenhamos feito.

Antes de almas serem salvas, elas são convencidas do pecado pelo Espírito Santo (João 16:8). Não podemos realizar isto por meio de apelos emocionais e histórias assustadoras. Quando almas são salvas, elas são nascidas de Deus (João 1:13). Não é *“nem da vontade da carne, nem da vontade do varão, mas de Deus”*. João 3:6 diz: *“O que é nascido da carne é carne, e o que é nascido do Espírito é espírito”*. Verdadeiros salvos são uma obra divina (Efésios 2:10), e são tão distintamente a obra de Deus como a colocação do sol no céu. Deveríamos temer muito colocar a nossa mão em uma obra que somente Deus pode fazer. Chega um tempo, quando Deus está tratando com uma alma, em que os homens precisam ficar de lado e deixar somente Deus realizar o Seu próprio trabalho. Que Deus nos conceda a graça e a sabedoria, e também a capacidade de refrear a carne e permitir que Deus faça o Seu trabalho!

Nossa confiança total deveria estar no poder da Palavra pregada e aplicada aos corações, no poder convincente do Espírito Santo. *“Porque a palavra de Deus é viva, e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada de dois gumes...”* (Hebreus 4:12)

Algumas vezes, nos nossos esforços evangelísticos, há falta de poder. Quando isso acontece, não é tempo de buscar novos

métodos e técnicas. As demoras de Deus são testes de fé e são enviadas para a nossa bênção. Tenho aprendido uma pequena lição durante quarenta anos de pregação do evangelho; há tempos de visitação divina. Não podemos, nós mesmos, produzir isso ou fazê-los acontecer; *“Do SENHOR vem a salvação”*; mas é nossa responsabilidade trabalhar fielmente na grande lavoura e deixar os resultados com Deus.

4. Os motivos

Paulo é um exemplo notável de um servo de Cristo verdadeiramente devoto. 2 Coríntios 5 descreve três motivos que o impeliaram a servir.

a. Ele queria agradecer o seu Senhor para que, quando comparecesse perante o tribunal de Cristo, ele pudesse receber a aprovação do Senhor (versículos 9 e 10).

b. Ele amava profundamente as almas dos homens e, *“sabendo o temor”* do Senhor, ele procurava persuadir os homens (versículo 11).

c. O amor de Cristo o constrangia a amar também (versículo 14).

Constranger significa pressionar, apertar. É a palavra usada em relação às multidões que apertavam, no dia quando a mulher com o fluxo de sangue foi curada (Marcos 5:24). O amor de Cristo o pressionava com um poder que o fez também amar.

É bom nós nos lembrarmos de que, quando o evangelho é pregado, a glória de Deus está envolvida (1 Timóteo 1:11). Paulo disse aos seus convertidos que era o *“evangelho da glória de Cristo”* (2 Coríntios 4:4). Como gostamos de ver os resultados da pregação e cremos que deve ser assim, mas também não devemos nos esquecer de que Deus e Seu bendito Filho são glorificados quando o evangelho é pregado, e isso é verdade mesmo quando não há fruto visível. Isso deveria incentivar as igrejas locais a continuarem com as reuniões de evangelização no domingo à noite, mesmo quando os resultados são poucos.

5. Os servos exemplares

O Senhor Jesus é o Exemplar real de como buscar os perdidos. Ele viajou passando por Samaria e Se assentou à beira do poço em Sicar, cansado, no entanto esperando a mulher pecadora cuja

bênção eterna Ele desejava (João 4:4). Foi depois da sua conversão que o Senhor disse aos Seus discípulos: *“A minha comida é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra”* (versículo 34). Depois, levantando os Seus olhos aos campos naquele vale entre as montanhas, Ele disse: *“Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão e ajunta fruto para a vida eterna, para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem”* (versículos 35,36). Seus pensamentos devem ter-se voltado às palavras do Cântico dos degraus: *“Os que semeiam em lágrimas segarão com alegria. Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará, sem dúvida, com alegria, trazendo consigo os seus molhos”* (Salmo 126:5,6). Aguardamos aquele dia quando as lágrimas do semeador e o cântico do ceifeiro se unirão, em gozo, no porvir.

O labor de Paulo no evangelho é um modelo a ser imitado. Ele trabalhava até a exaustão, disposto a ser a libação na oferta a Deus pelas almas ganhas (Filipenses 2:16,17). Ele tinha uma dívida que nunca poderia saldar, e vivia a sua vida em devoção ao Senhor a Quem ele tudo devia (Romanos 1:14).

Timóteo é chamado por Paulo de *“ministro de Deus,...no evangelho de Cristo”* (1 Tessalonicenses 3:2). Talvez Deus tenha colocado este livro nas mãos de um jovem que Ele esteja preparando para esse trabalho digno e santo. Nenhum chamado poderia ser mais honrável do que ser um humilde servo do Salvador e Senhor crucificado e ressurrecto. Foi a Timóteo que Paulo escreveu suas últimas palavras. Ele estava prestes a sair e colocar a sua cabeça no bloco do carrasco. Ouça a sua exortação final: *“Pregues a palavra, instes a tempo e fora de tempo, redarguas, repreendas, exortes, com toda a longanimidade e doutrina... Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faz a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério”* (2 Timóteo 4:2, 5). Timóteo é um exemplo digno para todos nós que labutamos como servos de Deus no evangelho. *“O que ganha almas sábio é.”* (Provérbios 11:30)

Os exemplos dados no Novo Testamento eram totalmente consagrados ao Senhor para o trabalho do evangelho. Parece não haver meio termo entre uma paixão consumidora pelos perdidos e indiferença absoluta. O Senhor odeia a tepidez (Apocalipse 3:16). Mais almas são perdidas por causa de indiferença do que por causa de ensino falso.

6. A mensagem

Nada mais importante sobre a mensagem pode ser dito do que as palavras de Paulo a Timóteo: *“Pregues a palavra”* (2 Timóteo 4:2).

Mensagens são preparadas no aposento particular de oração e na mesa de estudo diligente. A fonte de todo o viver e de toda a pregação é a Bíblia. Somente a verdade que esquadrinhou o meu coração, que moveu meu espírito ou deleitou minha alma atingirá meus ouvintes. Se eu não tenho apreciado o evangelho que estou pregando, ele não será agradável aos meus ouvintes. Muitos parecem pregar sem gozo na sua alma. Os avisos devem ser claros e as súplicas carinhosas, mas a mensagem do evangelho deve sempre ser pregada por alguém cujo coração esteja maravilhado com Cristo.

Leia a Palavra, tendo em mente o evangelho, para encontrar assuntos. Estude a Palavra diligentemente para conhecer bem o seu assunto. Use versículos simples, e há centenas de versículos evangélicos claros na Bíblia, portanto, não tente encontrar o evangelho num versículo que não significa exatamente o que você está pregando a partir dele. Tenha uma mensagem que seja clara e fácil de lembrar, para que o ouvinte possa facilmente recontar a mensagem que foi pregada. Um ponto bem salientado vale mais do que centenas de pontos que não ficam claros. *“Isto eu sei”* é muito melhor do que *“Estas muitas coisas eu conheço superficialmente”*. Seja simples, seja direto, seja breve. Estude a melhor maneira de afirmar uma verdade com simplicidade. Nunca use palavras complicadas, quando palavras simples são melhores. Pregue para atingir cada um de seus ouvintes. Nunca fale aos ouvintes como se eles fossem uma multidão anônima; fale sempre diretamente a corações individuais. Pregue a Palavra e testifique da sua própria compreensão, apreciação e gozo em Cristo Jesus, o Senhor.

Procure ilustrações da sua própria experiência. Elas são para a mensagem como janelas para uma casa, deixando a luz entrar. Quando usar ilustrações de outras fontes, tenha certeza dos fatos. Entretanto, lembre-se que muitas histórias, não importa quão bem elas se encaixam entre si, não são uma mensagem do evangelho.

Deve haver certa compreensão do espírito da era, pois, embora haja somente uma mensagem do evangelho, ela deve ser aplicada

a cada ouvinte conforme a sua cultura, conhecimento anterior e experiência de vida. Há muitas Escrituras que mostram que a mensagem do evangelho precisa se adequar à necessidade dos ouvintes. Compare a mensagem de Paulo em Atos 13 com sua mensagem no Areópago em Atos 17.

Há um teste final que deve ser feito antes de pregar a mensagem. O evangelho é a ruína do homem e o remédio de Deus. Verifique cada mensagem através do seguinte teste simples: esta mensagem fala do pecado e da morte de Cristo? Toda mensagem deve direcionar os pecadores a Cristo e à Sua obra. Os pecadores nunca devem ser levados a pensar em fazer alguma coisa, além de olhar somente ao Salvador que já completou toda a obra da salvação.

7. Os métodos

Há pessoas que dão cursos sobre como ganhar almas e começam com o seu método preferido. O Senhor disse aos Seus discípulos: *“Eu vos farei pescadores de homens”*. Essa é a prerrogativa do Senhor e somente Ele pode fazer isso. Há três regras para o pescador: fique escondido, fique mais escondido e fique ainda mais escondido. Entretanto, há muitas lições para serem aprendidas no trabalho do evangelho. Eu comecei a trabalhar para o Senhor junto com um veterano que era reconhecido como um dos mais sábios ganhadores de almas dos nossos tempos. Quase todos têm uma especialidade. A sua especialidade era as almas dos homens, e ele trabalhava incansavelmente, dia e noite, com zelo e energia incansáveis. Muitos jovens foram ajudados pelo querido Lorne McBain, mas ninguém mais do que eu, pois eu trabalhei com ele durante muitos anos, servindo como um filho a um pai. Ele me ensinou muita coisa. Algumas dessas coisas eu provavelmente teria aprendido com o passar do tempo, mas algumas eu nunca teria aprendido. Por esta razão, eu tenho uma profunda pena dos jovens que nunca tiveram esse tipo de treinamento pessoal.

Almas não são robôs programados, cada um é um indivíduo com sua própria personalidade, seus problemas e seu conhecimento anterior. Quando estiver testemunhando pessoalmente, seja um bom ouvinte, descubra os pensamentos e problemas da pessoa, e tenha muita paciência, dando-lhe oportunidade suficiente para se expressar. Um dos erros mais

comuns que cometemos é começar logo com o nosso sermão, preparado com antecedência, sem descobrir a necessidade da pessoa com quem estamos falando.

Se você pergunta: “Você é um cristão?” e a pessoa responde que sim, mas na verdade é apenas um cristão nominal, você se coloca na posição de ter de contradizer a pessoa. Este é um péssimo começo para qualquer conversa. Ao invés disso, faça uma pergunta, tal como: “Você crê que é possível para uma pessoa saber que tem a vida eterna?” A resposta a essa pergunta lhe dará muita informação sobre essa pessoa. Se a pessoa professa ter a vida eterna, você pode perguntar-lhe como ela sabe que a tem, e isso abrirá as portas para uma discussão positiva. Um começo negativo geralmente termina rapidamente.

Nestes dias de acontecimentos assustadores, há pessoas para quem a pergunta “Você crê que o Senhor Jesus vai voltar?” é muito apropriada; ou você pode apresentar o assunto da volta do Senhor, falando dos acontecimentos que a Bíblia prediz. Sempre desenvolva o conhecimento positivo que a pessoa tem, ao invés de começar uma discussão sobre onde ela está errada.

Testemunhe com gozo sobre a sua própria salvação. Aprenda com seus próprios erros. Se você falhou numa conversa, examine as causas do seu fracasso e aplique as lições aprendidas à próxima pessoa com problemas semelhantes.

Ao combater as seitas, é muito importante destacar que o evangelho que pregamos é a *“Fé que uma vez foi dada aos santos”* (Judas 3). É a fé verídica, e não pertence exclusivamente a nós, mas, junto com todos os verdadeiros cristãos através dos séculos, nós pertencemos a ela.

Toda testemunha eficaz cria oportunidades. O falecido Oliver Smith, de Iowa, estava num restaurante para uma refeição. Ele disse à garçonete: “Eu sou um homem feliz”, e ele realmente era e tinha a aparência de ser, mas a garçonete não mordeu a isca. Então, quando ela voltou, ele perguntou: “Você não quer saber por que eu sou tão feliz?” Nem todos podem ser iguais a homens assim, mas podemos aprender lições com eles.

Cada igreja local tem o mundo como paróquia, mas há uma área menor pela qual ela tem maior responsabilidade. Paulo escreveu o seguinte sobre os tessalonicenses: *“Porque por vós soou a palavra do Senhor, não somente na Macedônia e Acaia, mas*

também em todos os lugares a vossa fé para com Deus se espalhou" (1 Tessalonicenses 1:8). Essa verdade se aplica às igrejas hoje. Sua responsabilidade principal é pela área ao seu redor, mas elas também são usadas para apoiar trabalhos longes da sua região e até em outros países ao redor do mundo.

Cada igreja local deveria ter uma visão evangelística. É desejável que toda igreja local tenha uma série de pregações do evangelho em sua localidade pelo menos uma vez por ano. Há lugares onde não tem havido nenhum esforço evangelístico especial por muitos anos. Não existe substituto por uma série de pregações do evangelho: *"Não é a minha palavra como fogo, diz o SENHOR, e como um martelo que esmiúça a penha?"* (Jeremias 23:29). Há igrejas locais que têm, no seu meio, muitos que foram salvos em tais reuniões do evangelho, mas que não estão praticando esse método antigo, aliás, muitos até abandonaram as pregações do evangelho no domingo à noite. Muitos de nós humildemente agradecemos a Deus por não termos sido criados em lugares que abandonaram as pregações diárias, pois, dessa, forma, ainda estaríamos no caminho para o inferno, ou já estaríamos lá. Nunca abandone as reuniões do evangelho, nem as séries de pregações do evangelho. Não há atalhos, nem métodos fáceis para fazer a obra que permanecerá por toda a eternidade.

Se, na bondade de Deus, você tiver o grande privilégio de ajudar uma alma perturbada que está buscando a salvação, há uma lição principal que ninguém pode esquecer: espere em Deus. Não cometa o erro de negar ao Espírito Santo a Sua prerrogativa de abrir os olhos e fazer a luz do evangelho raiar numa alma cega (2 Coríntios 4:4). Dirija essa alma ao que foi feito pelo Senhor Jesus na cruz; nunca induza a pessoa a pedir ao Senhor para entrar na sua vida ou no seu coração. Não podemos dizer a uma alma como crer, e somente criaremos confusão se tentarmos fazer isto. A Bíblia nunca faz isso. Podemos dizer a alguém em Quem deve crer, e citar-lhe versículos apropriados da Palavra de Deus e então esperar em Deus para mostrar-lhe a Sua salvação.

Alguns pensam que é um desastre ver uma alma sedenta ir para casa sem a salvação. Muitas vezes, temos sido guiados a nos retirar e deixar uma alma que está bem à porta da salvação. Quando a pessoa que está tentando ajudar se retira, então a pessoa se lança inteiramente em Deus. Muitas vezes é exatamente isso que era necessário: parar de olhar para si mesmo ou para os

outros. Muitas pessoas têm olhado para Cristo poucos momentos depois do pregador se afastar. Nunca despreze o valor de um bom folheto evangelístico colocado nas mãos de uma pessoa sedenta.

Nunca foi a intenção de Deus que ficássemos sentados dentro de um salão com as portas abertas, esperando que as pessoas entrassem. É excelente termos um local adequado, para onde pessoas podem ser convidadas, mas a comissão é, *“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”* (Marcos 16:15). Deus tem abençoado ricamente esse esforço, e há muitas maneiras de se fazer isto: pregações ao ar livre; reuniões em tendas; trabalho de porta em porta, falando com as pessoas e deixando um folheto com elas, uma barraca com livros, bem montada e que atrairá as pessoas, numa feira ou num shopping.

Continua sendo verdade que uma das maneiras mais eficazes de alcançar outros com o evangelho é por meio de trabalho com as crianças. Muitos de nossos irmãos têm trabalhos com as crianças todas as manhãs, enquanto estão fazendo um trabalho de evangelização, todas as noites, numa tenda. Os esforços em bairros de periferia para alcançar crianças por reuniões aos domingos e reuniões especiais para elas, têm resultado mais adiante na formação de várias igrejas locais. Esse tipo de trabalho não é de valor secundário. É um trabalho para o Senhor e devemos reconhecer a sua importância e dar-lhe o nosso total apoio.

Quando o trabalho com crianças está sendo feito, a Palavra de Deus deve ser transmitida tendo em mente as necessidades dos ouvintes. Temos muito apoio bíblico para isto. A pregação de Paulo aos judeus na sinagoga em Antioquia, na Pisídia (Atos 13:13-41), era muito diferente da sua pregação aos pagãos instruídos em Atenas (Atos 17:22-34). Era o mesmo Cristo, o mesmo evangelho, o mesmo pregador, mas os ouvintes eram diferentes. Filipe era um homem sábio e ele pregou a Cristo aos samaritanos (Atos 8:5), mas pregou a Jesus ao etíope (versículo 35). A diferença no uso do título leva em conta a situação do ouvinte. Portanto, quando falamos com crianças, devemos usar linguagem que elas possam entender, para prender a sua atenção e fixar a verdade nas suas mentes.

Há muitos exemplos nas Escrituras sobre a importância de colocar a Palavra de Deus nos corações dos pequeninos (Gênesis

7:1; Deuteronômio 4:9,10; 6:6-9; 11:8-22; Mateus 18:1-6). Embora Paulo nunca fosse um pai biológico, ele tinha muitos filhos espirituais, e conhecia o valor de ensinar a Palavra de Deus aos pequeninos. *“Desde a tua meninice, sabes as sagradas letras, que podem fazer-te sábio para a salvação, pela fé que há em Cristo Jesus”* (2 Timóteo 3:15).

12

Recepção à Igreja Local

Nenhum outro assunto ligado à igreja local tem causado maior controvérsia do que o assunto de recepção. Devemos reconhecer que a responsabilidade final por fidelidade recai sobre cada igreja local, individualmente. Não podemos ensinar que uma igreja local é responsável ao Senhor em todos os outros aspectos e depois dizer que neste aspecto ela é responsável às outras igrejas locais. Ao mesmo tempo, cremos que aqueles que procuram obedecer a Palavra de Deus e procuram a comunhão de outras igrejas locais com os mesmos pensamentos, não irão conscientemente desrespeitar outras igrejas locais no assunto de recepção. Um caso evidente desse desrespeito seria receber na comunhão uma pessoa que sabemos que foi afastada de outra igreja local por uma razão bíblica e que ainda está em disciplina.

Através deste livro, temos mencionado, diversas vezes, recepção à comunhão da igreja local. O propósito deste capítulo é mostrar os vários aspectos do assunto. Como igrejas locais, praticamos a recepção de, pelo menos, cinco maneiras:

1. Recepção inicial à comunhão daqueles que nunca estiveram em comunhão numa igreja local (Atos 2:42,47 etc.).
2. Recepção de irmãos que mudaram de residência e por esta razão precisam mudar para outra igreja local (Atos 18:2,18,26; Romanos 16:3; 2 Coríntios 3:1).
3. Recepção de cristãos como visitas, para passar pouco tempo numa igreja local que não seja sua igreja local permanente

(Romanos 16:2).

4. Recepção de irmãos restaurados à comunhão da igreja local da qual eles foram afastados em disciplina (2 Coríntios 2:5-11).

5. Recepção de ensinadores e de seus ensinios (Atos 18:27).

O presbitério de uma igreja local baseia sua autoridade na Palavra de Deus. Devemos tomar cuidado para praticar e ensinar o princípio que, na casa de Deus, que é a expressão usada para descrever uma igreja local em 1 Timóteo 3:15, Deus governa pela Sua Palavra e pelo Seu Espírito. Não há outra autoridade além da Palavra de Deus e não há outra lei além daquela que Deus deu, portanto, os presbíteros agem em favor da igreja. É a igreja que recebe e afasta da comunhão. Isso pode ser visto pela primeira igreja (Atos 2:41-47), que é o modelo para todas as igrejas locais formadas desde então. Os que foram salvos foram acrescentados à igreja que veio a existir naquele dia, e eles *“perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações”*. Mais adiante no capítulo, lemos que o Senhor acrescentava a eles os que iam sendo salvos (versículo 47).

O primeiro ponto que estamos enfatizando é que a recepção inicial não é recepção ao partir do pão, mas à comunhão da igreja. A ceia do Senhor é um dos maiores privilégios da comunhão da igreja local. É a ceia do Senhor e não a “*mesa do Pai*”, de Lucas 15, como alguns sugerem. Também não é a mesa da oferta pacífica de Levítico 3, que está claramente ligada com a apreciação da reconciliação do pecador, e é gozada pela maioria dos cristãos assim que são salvos.

O segundo ponto que precisamos enfatizar é que a recepção precisa ser mútua, ou então não pode ser chamada de comunhão. Não pode ser considerado como de acordo com o padrão do Novo Testamento receber alguém que não esteja disposto a receber a igreja local, seus ensinios e suas práticas. Comunhão e recepção são experimentadas e gozadas mutuamente. Essa recepção mútua tem uma aplicação muito prática. Uma igreja local é um testemunho ao fato que sectarismo é errado. A pessoa que “recebe” a igreja local está recebendo esta verdade. Ela realmente não pode professar isso se retorna à sua seita denominacional.

Por que existe a necessidade de tal ensino? Alguns dizem: “Se todos os cristãos estão no corpo de Cristo, então todos os

cristãos deveriam ser bem-vindos em qualquer igreja local". Se esse for o sentimento de algum leitor, por favor, volte ao capítulo 3 e repare cuidadosamente na distinção clara entre o corpo espiritual e uma igreja local. Muitos que seguem uma forma de recepção baseada na sua crença de um corpo, cuidadosamente destacam que eles somente recebem aqueles cujas vidas estão limpas e cuja doutrina é correta e que não estão em disciplina na sua igreja local. Como já salientamos no capítulo 3, ainda permanece um grande mistério sobre como os presbíteros vão saber se uma pessoa, que é totalmente desconhecida deles, tem esses requisitos. Cremos que as Escrituras falam com clareza sobre esse assunto e devemos permitir que falem por si mesmas.

No Novo Testamento, igrejas locais são plantadas; elas têm localizações geográficas; elas são compostas por vários cristãos numa certa localidade que se reúnem regularmente no nome do Senhor Jesus Cristo, como um testemunho para Deus. Não há nenhuma sugestão de que se reúnem por acaso ou ocasionalmente. Não há nada casual no seu testemunho coletivo (1 Coríntios 1:1-3; 3:6-11). Isso pode parecer tão óbvio que às vezes deixamos de perceber a sua importância. Todos irão concordar que nenhuma igreja local poderia sobreviver se fosse mantida por pessoas que somente se reúnem ocasionalmente. Os que "perseveram" na comunhão da igreja local estão obedecendo a Palavra de Deus. Existe, então, um padrão duplo? A Palavra de Deus exige uma coisa de alguns e não de outros? Não! Ela tem a mesma autoridade sobre todos os cristãos. Então, realmente não pode ser considerado como um ensino correto ou prática aceita que alguém possa ir ou vir nas igrejas locais seguindo um padrão irregular que lhe seja conveniente.

A resposta muitas vezes dada a tais perguntas é que nos dias do Novo Testamento temos as condições ideais, e todos os cristãos são vistos como estando na comunhão de uma igreja local, mas que hoje as coisas são diferentes, e os cristãos estão divididos e espalhados em muitas organizações e sistemas. Há uma sugestão nessa resposta de que não podemos usar o padrão do Novo Testamento, ou uma sugestão de que não deveria ser aplicado em dias de confusão, ou pior ainda, que as Escrituras não são suficientes para nossas circunstâncias. Se não aceitarmos o Novo Testamento como nossa autoridade absoluta, então a que apelaremos? A resposta simples é que não há autoridade a qual podemos nos dirigir se a Palavra de Deus, de alguma forma, não

puder ser aplicada. cremos na total suficiência da Palavra para todos os tempos, até o final das eras. Entretanto, ela não será suficiente para aqueles que querem voltar ao próprio sistema denominacional do qual Deus, em Sua graça, nos distanciou .

Mas não devemos fazer uma diferença entre os que foram ensinados e recusaram aceitar e os que nunca foram ensinados? Sim, devemos usar de muita paciência e mansidão e tentar ensinar, pela prática e pelo preceito, aqueles que estão dispostos a ouvir a Palavra de Deus. Onde há um desejo de aprender, temos o lugar dos indoutos, onde eles podem ser ensinados e ter o privilégio de observar “toda a igreja” reunida. O propósito disso é para que possam aprender sobre a verdade de reunir-se e para que a igreja possa recebê-los, como foi o desfecho feliz em 1 Coríntios 14:23-25. Qualquer coisa que seja por mera conveniência ou de caráter ocasional é desconhecido no Novo Testamento.

Recepção inicial

A primeira igreja local, que estava em Jerusalém, foi ricamente abençoada. Havia, no seu meio, apóstolos e profetas, e foi escrito que o testemunho dessa igreja local foi dado com grande poder, e que grande graça repousava sobre eles (Atos 4:33). Em tais circunstâncias, eles certamente não cometeriam erros na recepção! Entretanto, chegou um homem no seu ajuntamento que eles temiam, e eles não o receberam até terem uma confirmação imparcial da realidade da sua conversão e da mudança resultante na sua vida. Saulo de Tarso fora um líder da perseguição, e eles tinham motivos para não confiar nele, mas ele já era salvo havia vários anos quando veio a Jerusalém pela primeira vez (Gálatas 1:17-19). A cautela deles certamente é um aviso solene para nós. Os nossos dias são dias de profissão sem realidade e muito abandono da fé. Parece quase impossível que qualquer um de nós, hoje, possa confiar tanto no seu próprio discernimento que possamos nos dar ao luxo de ser relaxados quanto à recepção. Todos os requisitos para a recepção inicial podem ser encontrados nesta passagem (Atos 9:23-30), portanto, nós a usamos, apesar do fato de que era um antigo perseguidor que estava sendo recebido. Houve o relato detalhado da história da sua conversão e uma compreensão clara de que, como um salvo, ele havia sido batizado. Uma investigação foi feita quanto à sua vida desde a sua conversão, e então ele foi recebido, com alegria, e *“andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo”*. Este

ainda é o padrão.

O lugar do indouto

É dito que a única Escritura que fala do lugar do indouto é 1 Coríntios 14:16: *“Doutra maneira, se tu bendisseries com o espírito, como dirá o que ocupa o lugar de indouto o Amém sobre a tua ação de graças, visto que não sabe o que dizes?”* Depois, nos dizem que a interpretação correta desse versículo é que o homem era indouto em relação à língua que estava sendo falada e que isso nada tem a ver com estar ou não em comunhão numa igreja local. Eu não creio que essa seja a única Escritura relacionada ao lugar do indouto, nem creio que essa seja a interpretação correta do versículo.

Não é incomum nessa epístola para Paulo mencionar um assunto sem desenvolvê-lo completamente até mais tarde. Um exemplo disso é a participação das irmãs nas reuniões da igreja local. Ele menciona o assunto em 11:5, mas somente em 14:34 é que ele vai dizer que as mulheres não podem falar publicamente. Eu creio que temos um caso semelhante no assunto do indouto. O assunto é apresentado em 14:16 e explicado nos versículos 23-25. No caso hipotético descrito nesses versículos, o indouto está ligado com outra classe, chamada de infiéis. Nenhum dos dois fazia parte da igreja local, pois *“toda a igreja”* já estava reunida quando eles chegaram. A igreja não sabia a que classe esses homens pertenciam até serem *“de todos julgado”* (versículo 24). O resultado feliz é que pelo menos um homem, que é minuciosamente examinado por todo o grupo, prostra-se e reconhece que, na verdade, Deus está neles.

Qual é o significado de *“indouto”* no versículo 16? Se significasse que ele é ignorante quanto à língua, então ele se diferenciaria do resto da igreja local no fato de que enquanto eles conheciam a língua falada, ele não. Entretanto, será que o resto da igreja local entendeu a língua sendo falada quando um irmão bendisse *“com o espírito”*? Uma leitura cuidadosa dos versos 2, 4, 6, 9, 11 e 19 desse capítulo mostra que ninguém entendeu a língua (versículo 2). Na verdade, até mesmo o homem que falava não a compreendeu (versículo 14). Isso era uma grande pena, pois o homem no *“lugar”* do indouto não entendia a língua e ele precisava ser instruído. Eu sugiro que ele não era somente indouto em relação à língua, pois isso realmente não o distinguiria dos outros, mas ele era indouto

em relação à presença de Deus entre o Seu povo (versículo 25). Esse é o sentido encontrado nos versículos 23-25, onde ele está ligado com os infiéis e não faz parte de *“toda a igreja”*.

É muito importante entender que *“indouto”* não sugere que um grau arbitrário de conhecimento seja a porta de entrada à igreja local. O que o *“indouto”* precisa aprender para poder fazer parte da comunhão é reconhecer que *“Deus está verdadeiramente entre vós”* (1 Coríntios 14:25). Da mesma maneira, a presença do Senhor era conhecida no meio de Israel (Êxodo 40:34,35), mostrando aprovação do modelo pela Sua presença. Portanto, não é um certo grau de conhecimento doutrinário que é necessário, mas devemos procurar evidências de um espírito disposto a aprender.

O *“lugar do indouto”* não se baseia nessa única passagem das Escrituras. 1 Coríntios 5:11-13 nos ensina que há o lugar *“dentro”* e *“fora”* da comunhão. Comunhão é uma verdade espiritual, mas tem uma representação visível quando a igreja se reúne. Tentamos mostrar isso quando formamos um círculo e fazemos uma distinção entre os que fazem parte da igreja local e os que não estão na comunhão.

Alguns perguntam, *“Por que o lugar do indouto está em evidência apenas no partir do pão?”* O motivo para isso está em 1 Coríntios 10:16,17. *“Porventura, o cálice de bênção que abençoamos não é a comunhão do sangue de Cristo? O pão que partimos não é, porventura, a comunhão do corpo de Cristo?”* A ceia do Senhor é a expressão da comunhão dos cristãos. É uma reunião quando todos os cristãos compartilham de um pão e participam do cálice. Essa é a razão por que o cálice é mencionado primeiro nesta passagem. O sangue derramado de Cristo é a base de toda comunhão com Deus e uns com os outros. Participar do cálice e do pão são expressões importantes de uma união que foi comprada pelos sofrimentos e pela morte do nosso Senhor. O versículo 16 liga o cálice ao Seu sangue derramado e, para sermos consistentes na nossa interpretação, precisamos ver que é o Seu corpo literal que é mencionado no final do versículo como *“o corpo de Cristo”*. O versículo 17 apresenta um segundo significado do pão. O *“um pão”* é uma expressão da unidade do corpo espiritual de Cristo. A igreja local, então, é uma expressão visível de uma comunhão mais ampla, que é espiritual. Nessa comunhão mais ampla estão somente aqueles que verdadeiramente são membros de Cristo.

De acordo com essas grandes verdades aplicamos o princípio de estar “dentro” da comunhão ou “fora” dela.

A localização do “lugar do indouto” não é importante, contanto que haja uma separação clara entre os que estão “dentro” da comunhão e os que estão “fora”.

A recepção de visitas e novos residentes

Há uma prática bem comum entre nós que tem causado um mal entendido. É costume ler as cartas de recomendação somente na reunião da ceia do Senhor, e isso tem levado muitos a pensar que a igreja local recebe para a ceia. Isso não é verdade. A igreja local recebe à comunhão, e isso inclui compartilhar dos privilégios e também das responsabilidades. Sugerimos que as cartas de recomendação poderiam ser lidas também nas reuniões de oração, além de na reunião do partir do pão. Isso seria especialmente vantajoso se quem está sendo recebido é um irmão que gostaria de participar em oração ou no ensino e não é conhecido dos irmãos na localidade.

Cartas de recomendação eram usadas nos dias apostólicos, pois foi uma exceção o fato de Paulo não precisar de uma carta para recomendá-lo aos coríntios (2 Coríntios 3:1-3), mas não há nenhuma sugestão de que essas cartas eram como bilhetes de entrada para participar do partir do pão. Cristãos que estavam visitando outra igreja local, ou que mudaram de residência, eram recomendados à comunhão da igreja local que os recebia; como no caso de Febe (Romanos 16:1-2), eles eram recebidos nos corações e nos lares dos santos também. Cartas de recomendação são um modelo correto desse exemplo bíblico.

Como visitante às igrejas em Roma, Febe deveria ser ajudada pelos santos. Há uma distinção entre uma visita e uma pessoa que vem morar. Estamos usando de sabedoria quando sabemos diferenciar entre um visitante e uma pessoa que vem para morar. É necessário ter mais cuidado ao receber um cristão que vem para ajudar uma igreja local, para certificarmos de que sua “ajuda” seja realmente uma bênção.

Seria uma grande bênção se Romanos 14:1 e 15:7 nunca fossem usados em cartas de recomendação. Esses versículos nada têm a ver com a recepção na comunhão de uma igreja local, seja recepção inicial ou como visitante. O contexto desses versículos mostra que eles se referem ao povo de Deus e à necessidade de

ter seus corações abertos a todos que estão na comunhão, embora suas culturas sejam extremamente diferentes, como a dos judeus e gentios.

Uma carta de recomendação não é uma mera cortesia, mas uma necessidade clara quando a pessoa visitante é desconhecida na igreja que visita (1 Coríntios 16:10; 2 Coríntios 8:22; Colossenses 4:10; Atos 18:27 etc.). Esse procedimento seria totalmente desnecessário se a pessoa querendo ser recebida tivesse somente que confessar que amava o Senhor. Às vezes alguém se encontra numa situação em que não foi possível obter uma carta antes de viajar. Nesse caso, um contato antecipado com os presbíteros da igreja a ser visitada dará a eles tempo para estudar a recepção do visitante. Mesmo que uma carta de recomendação seja o procedimento normal no Novo Testamento para recepção, há circunstâncias quando a recomendação pessoal e o conhecimento de outros irmãos respeitados podem ser usados como guia. Geralmente há alguma maneira simples de resolver o problema, mas uma carta é uma proteção contra o surgimento de tal problema.

A recepção de uma pessoa disciplinada

Há uma divergência de opiniões sobre a identidade do homem em 2 Coríntios 2:6-8. Alguns creem que ele é o mesmo homem que em 1 Coríntios 5 foi afastado da comunhão, mas outros acham que se trata de uma pessoa diferente. Entretanto, o ensino de 2 Coríntios 2:2-11 é claro quanto à recepção de uma pessoa que foi disciplinada. A igreja local o afastou (versículo 6) e a igreja local o recebe de volta, perdendo-o, confortando-o, confirmando o seu amor por ele: *“De maneira... que o tal não seja, de modo algum, devorado de demasiada tristeza”* (versículos 7,8). Os capítulos 18 a 20 deste livro falam detalhadamente sobre o assunto de disciplina e restauração.

A recepção de ensinadores

Mesmo uma leitura rápida de Atos e das epístolas irá mostrar o cuidado que era tomado ao recomendar um ensinador. Pastores numa igreja local têm uma responsabilidade como despenseiros de Deus, não somente de guiar e de suprir o alimento espiritual para o rebanho, mas também de protegê-los de qualquer coisa que lhes possa, de alguma forma, ferir. Um bom pastor não

permitirá que o rebanho coma ervas venenosas só porque estão, ao mesmo tempo, recebendo algum alimento saudável.

As cartas escritas para recomendar Apolo (Atos 18:27) são muito importantes. A sua própria conduta logo o teria recomendado aos irmãos na Acaia, mas as cartas evitaram que ele e os irmãos tivessem esse intervalo de espera. Os que argumentam, baseados em Atos 9:26-29, que a demora em receber Saulo era inteiramente devido ao fato dele ter sido um perseguidor, não podem aplicar esse argumento a Apolo. Se a recepção era uma coisa automática, então por que a carta?

As recomendações de Paulo em favor de Timóteo à igreja local em Corinto (1 Coríntios 4:17; 16:10,11) foram escritas para assegurar os irmãos sobre o caráter do servo e seu ensino. Isso era necessário naqueles dias, mesmo para um homem de Deus como Timóteo. Quanto mais nos nossos dias! Podemos ver mais evidências do cuidado necessário na recepção de um ensinador nas palavras de Paulo aos filipenses (Filipenses 2:19-23) e aos tessalonicenses (1 Tessalonicenses 3:1,2).

Temos mostrado neste capítulo, pelo caráter permanente de uma igreja local e pelo uso de cartas de recomendação no Novo Testamento, que cuidado deve ser praticado na recepção. Ao procurar obedecer à Palavra de Deus precisamos de muita graça e, em nossos dias, irmãos responsáveis precisam de muita sabedoria vinda de Deus e das orações e do apoio de todos os que estão na comunhão da igreja local.

13

Comunhão entre Igrejas Locais

Antes de considerarmos o assunto de comunhão entre as igrejas locais, precisamos responder uma pergunta que surge na mente de todo cristão zeloso. Quão importante é um modelo? Será que um preceito tem mais autoridade do que um modelo? Na nossa introdução, consideramos os princípios de interpretação e vimos que Deus nos deu um modelo positivo para nos guiar quanto à prática na igreja local.

Quando dizemos que o modelo é positivo, estamos dizendo que ele nos dá direção positiva. Uma analogia pode ser feita com uma planta de uma construção, que dá orientação positiva quanto ao material, dimensões e especificações do prédio, sem ser necessário dizer ao construtor o que ele não deve fazer. Se não estiver na planta, o construtor não vai fazê-lo, se ele estiver realmente trabalhando para agradar o arquiteto e os investidores. É esse tipo de modelo que temos para as igrejas locais no Novo Testamento.

Todos os estudantes das Escrituras, ensinados pelo Espírito, estão cientes de que a Bíblia não somente nos dá preceitos claros, mas também nos dá modelos (exemplos) para nossa instrução. Por exemplo, não somos apenas informados doutrinariamente de que, na obra da salvação de Deus, *“Somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas”* (Efésios 2:10), mas recebemos o preceito, *“Andai como filhos da luz porque o fruto do Espírito está em toda bondade, e justiça, e verdade”*. (Efésios 5:8,9) Entretanto, Deus

nunca transmite a Sua verdade somente na forma de uma lista de regulamentos; Ele nos dá exemplos vivos, por isso lemos, *“Andai em amor, como também Cristo vos amou”* (Efésios 5:2). Caso haja alguém com dúvidas, Pedro diz: *“Porque para isto sois chamados, pois também Cristo padeceu por nós, deixando-nos o exemplo, para que sigais as suas pisadas”* (1 Pedro 2:21). Portanto, na Sua revelação da verdade, Deus nos dá doutrina, preceitos e exemplos e há uma harmonia entre eles. Esse é o princípio de um exemplo positivo, e Deus nos deu Seu exemplo supremo no Seu próprio Filho e, num grau inferior, em todos os que têm procurado seguir o Seu exemplo. Assim, Paulo podia escrever: *“O que também aprendestes, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso fiz; e o Deus de paz será convosco”* (Filipenses 4:9).

O que dissemos acima pode parecer elementar a muitos leitores, mas muitas vezes supomos que verdades são conhecidas quando não são. Pensamos que as pessoas conhecem princípios como estes, mas há uma grande necessidade de reafirmarmos os princípios fundamentais que formam a base para a nossa compreensão das Escrituras. Muitas das práticas da igreja local nos são dadas pelo modelo fiel do Novo Testamento.

“Fazei isto em memória de mim” (1 Coríntios 11:24), é um preceito do Senhor, mas *“No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão...”* (Atos 20:7), é um modelo do Novo Testamento. Não há dificuldade em ver a concordância entre o preceito e o modelo, e quando tal concordância é óbvia, o modelo é tão importante quanto o preceito.

No assunto de comunhão entre igrejas locais, temos o preceito e o modelo do Novo Testamento para nossa instrução.

No início, havia somente uma igreja local. Essa igreja de Deus em Jerusalém era um modelo para ordem e funcionamento; mas, enquanto não havia outras igrejas locais, não poderia haver um modelo de comunhão entre elas. Perto da época da conversão de Saulo de Tarso, as igrejas locais começaram a se multiplicar (Atos 9:31). Devemos frisar e salientar que não encontramos nenhuma organização ou confederação de igrejas locais no Novo Testamento. Nunca encontramos um grupo de igrejas locais unidas para formar “A igreja nacional da Judeia” ou “A igreja do estado de Roma”, ou “A igreja unida da Macedônia”. Se crermos no princípio de um **modelo** dado a nós para nossa direção, essas considerações terão grande peso. Nunca vemos

um grupo de igrejas locais se organizando e se chamando de “A igreja de qualquer coisa”. Novamente dizemos, uma igreja local não é parte de uma igreja maior, ou parte de uma federação; uma igreja local individual é um testemunho singular de Deus na sua própria localidade, por isso usamos a expressão “a igreja local”. Essa expressão está perfeitamente de acordo com o modelo no Novo Testamento.

Igrejas locais tinham comunhão umas com as outras, mas essa verdade raramente é ensinada.

A base da comunhão entre igrejas locais

A sequência do espalhar do evangelho foi predita pelo Senhor Jesus (Atos 1:8). A partir de Jerusalém, o evangelho se espalhou até a Judeia e depois além das fronteiras do judaísmo, até Samaria e, em seguida, até aos confins da terra. Paulo foi salvo “*perto de Damasco*” (Atos 9:3), mas foi recebido na comunhão da igreja em Jerusalém (versículos 26-28). Quando os judeus tentaram matá-lo, os irmãos o escoltaram até Cesareia e o enviaram a Tarso (versículo 30). Atos 11:25 continua a história de Paulo, quando Barnabé foi para Tarso e o trouxe a Antioquia, onde eles se reuniram com os irmãos por um ano, “*e ensinaram muita gente*” (versículo 26).

Os irmãos em Antioquia tinham uma grande afinidade com os irmãos em Jerusalém. Foi a perseguição em Jerusalém, seguida da morte de Estevão, que fez com que os cristãos fossem para a Antioquia. Inicialmente, eles pregaram o evangelho somente aos judeus, mas “*Havia entre eles alguns varões de Chipre e de Cirene, os quais, entrando em Antioquia, falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor*” (Atos 11:20,21). Os pregadores haviam vindo de Jerusalém, e as boas novas do fruto do evangelho voltaram “*aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém*” (versículo 22). Seu interesse foi tão grande que eles imediatamente enviaram Barnabé, “*o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou...*” (versículo 23).

Quando a igreja em Antioquia ouviu da grande fome que estava afligindo os irmãos na Judeia, “*Os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judeia. O que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo*” (versículos 29,30).

Isso foi uma expressão de comunhão. Não foi um mandamento. Não houve nenhuma exigência por alguma organização. Foi uma expressão da apreciação por uma igreja que havia trazido o evangelho a eles e havia enviado irmãos amados para ensiná-los a verdade de Deus. O elo foi formado por causa da devoção ao mesmo Senhor e a apreciação e a prática das mesmas verdades. Nessa primeira menção de comunhão entre igrejas locais, cremos que temos um modelo claro.

Paulo e Barnabé foram recomendados pela igreja local em Antioquia à obra para a qual o Senhor os havia chamado (Atos 13:2). Esta primeira viagem missionária os levou ao norte, para Antioquia da Pisídia e Icônio, Listra e Derbe. Almas foram salvas e igrejas plantadas e ensinadas (Atos 14:21,23). Depois dessa viagem frutífera, eles retornaram a Antioquia, *“e, quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles, e como abrira aos gentios a porta da fé”* (versículo 27). Os mensageiros saíram da igreja local em Antioquia e retornaram a ela com notícias do seu trabalho e de como Deus os havia abençoado, e assim um elo de amor foi formado entre a igreja que recomendou e as novas igrejas locais que foram formadas.

No próximo capítulo, Paulo e Barnabé foram enviados a Jerusalém pela igreja em Antioquia (Atos 15:3). Eles foram recebidos pela igreja em Jerusalém *“e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles”* (versículo 4). Um problema muito sério havia surgido, ameaçando o cumprimento da comissão de pregar o evangelho ao mundo gentio. Os judaizantes que tinham vindo de Jerusalém para a Antioquia estavam dizendo: *“Se vos não circuncidardes... não podeis salvar-vos”* (Atos 15:1), e homens de igual pensamento em Jerusalém se levantaram, dizendo *“que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés”* (versículo 5). Se tais homens tivessem prevalecido, o evangelho cristão teria sido reduzido a uma mera forma de fazer os gentios se tornarem judeus. O cristianismo teria se transformado numa mera seita judaica.

Agora, vejamos como a comunhão entre as igrejas funciona. Os presbíteros da igreja em Jerusalém eram responsáveis pela igreja ali, não pelas igrejas na Síria, Pisídia e Licaônia. Muitos dizem que os apóstolos estavam presentes na igreja em Jerusalém, e isso é verdade, mas mesmo assim esse é o modelo que ainda seguimos, e não temos apóstolos. A razão pela qual a igreja em

Jerusalém precisava considerar esse assunto era porque, como a carta deles disse, *“Alguns que saíram dentre nós, vos perturbaram com palavras e transtornaram as vossas almas, não lhes tendo nós dado mandamento”* (versículo 24). Os homens que criaram problemas para as outras igrejas saíram de Jerusalém e, portanto, deveriam responder aos presbíteros de Jerusalém por sua conduta. Também é verdade que Barnabé fora enviado a Antioquia pela igreja em Jerusalém, e Paulo também havia estado em comunhão naquela igreja, no princípio. Isso responde todas as perguntas sobre a “autoridade do concílio de Jerusalém”, como tem sido chamado. Não era um concílio de igrejas, mas eram os presbíteros de uma igreja local agindo de forma responsável acerca daqueles que tinham saído do seu meio. As decisões que foram tomadas certamente afetaram as igrejas dos gentios, mas somente porque os que causaram o problema haviam saído de Jerusalém, e a responsabilidade de uma igreja local não cessa quando um trabalhador é recomendado a um lugar distante de trabalho. Devemos ter isto sempre em mente quando ouvimos homens dizer que estão servindo ao Senhor e não devem explicações a nenhum ancião, em qualquer lugar.

Esta ainda é a nossa prática. Homens são recomendados para levar o evangelho a lugares distantes. A comunhão da igreja local que os recomendou é expressa pelas orações constantes e pelo apoio prático, e, quando uma nova igreja local é formada num lugar distante, um elo de comunhão e interesse mútuo é formado. Aqueles que conhecem a história das igrejas na Irlanda do Norte, na América do Norte e em quase todos os outros países onde há igrejas locais, sabem que é dessa forma que a comunhão foi estabelecida. Os trabalhadores eram conhecidos, o trabalho deles foi acompanhado com interesse, as mesmas verdades foram ensinadas e praticadas e a comunhão foi mantida pelo elo de amor e cuidado mútuo. Homens da Escócia trouxeram o evangelho à América do Norte e trouxeram consigo grande bênção enquanto pregavam o evangelho, batizavam os crentes e ensinavam os princípios de reunião que eles haviam aprendido, havia pouco, das Escrituras.

A comunhão entre igrejas é baseada na maneira como o evangelho é espalhado, e isso está de acordo com as palavras do Senhor Jesus (Atos 1:8). Comunhão também é baseada em amor recíproco e interesse mútuo, e também no fato que cremos nas mesmas verdades e praticamos a mesma simplicidade santa

ao nos reunir de acordo com o modelo do Novo Testamento. A comunhão nunca é baseada em filiação a uma organização.

A comunhão entre as igrejas locais

“...Com todos os que em todo lugar invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor deles e nosso”, foi a linguagem usada por Paulo para descrever a comunhão entre as igrejas. (1 Coríntios 1:1-3) Seria correto lembrar que a questão do Senhorio, nessa epístola, está muito ligada a princípios da igreja local. Enquanto Paulo e seus companheiros levavam o evangelho mais adiante, o elo com a primeira igreja local em Jerusalém não era esquecido. Quando grandes dificuldades vieram sobre os cristãos em Jerusalém, as igrejas na Macedônia e na Acaia, incentivadas por Paulo, voluntariamente resolveram enviar uma ajuda. Paulo foi um dos que levou a oferta (Atos 20:22; 2 Coríntios 8:19), que foi recebida com alegria em Jerusalém (Atos 21:17). Tal amor e cuidado mútuos eram a manifestação espiritual de verdadeira comunhão.

A comunhão entre as igrejas locais foi encorajada por aqueles que levaram o evangelho (2 Coríntios 8:18), e também por aqueles que eram especificamente capacitados para ensinar os santos, tais como Áquila ou Apolo (Atos 18:27). Foi também expressa pelas cartas de recomendação que eram dadas aos irmãos quando viajavam. Essas cartas transmitiam saudações entre as igrejas e expressavam amor e cuidado mútuos a todos os santos. Tais cartas não eram somente necessárias, mas eram um meio pelo qual a comunhão era fortalecida. Damos graças a Deus que essa ordem simples ainda prevalece.

Igrejas locais distantes de Jerusalém seguiam o padrão da primeira igreja local. Muitas das cartas de Paulo expressam o pensamento de um modelo comum. Paulo escreveu aos coríntios: *“...Como por toda parte ensino em cada igreja”* (4:17); *“É o que ordeno em todas as igrejas”* (7:17); *“Nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus”* (11:16); *“Porque Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos”* (14:33); *“As mulheres estejam caladas nas igrejas”* (14:34) e *“Fazei vós também o mesmo que ordenei às igrejas da Galácia”* (16:1).

Quando Paulo escreveu à jovem igreja em Tessalônica, ele disse: *“E vós fostes feitos nossos imitadores e do Senhor”* (1 Tessalonicenses 1:6). Essa ordem é importante, pois eles viram o Senhor Jesus primeiramente no Seu servo e foram levados a

conhecê-Lo pessoalmente por meio de Paulo. O ponto principal é que esse não era o modelo para a prática individual, mas, como mostra o contexto, era o modelo para a igreja local, e eles, por sua vez, se tornaram *“exemplo para todos os fiéis na Macedônia e Acaia”* (versículo 7).

No segundo capítulo dessa epístola (1 Tessalonicenses), eles são novamente elogiados, *“Porque vós, irmãos, haveis sido feitos imitadores das igrejas de Deus que, na Judeia, estão em Jesus Cristo; porquanto também padecestes de vossos próprios concidadãos o mesmo que os judeus lhes fizeram a eles”* (versículo 14). Paulo não está somente dizendo que, como os cristãos na Judeia haviam sofrido, assim também os cristãos em Tessalônica. A semelhança estava na maneira como eles suportaram o sofrimento e permaneceram fiéis e leais ao que haviam sido ensinados. Paulo escreveu, *“Porque, agora, vivemos, se estais firmes no Senhor”* (3:8). Novamente, estavam seguindo o modelo, o que demonstra que a comunhão entre as igrejas locais era baseada em práticas comuns e que não era limitada por fronteiras geográficas, étnicas ou sociais, mas se estendia até onde tal igreja local se encontrava.

Paulo nunca se encontrara pessoalmente com os cristãos de Colossos (Colossenses 2:1), mas ele escreveu a eles, *“Porque, ainda que esteja ausente quanto ao corpo, contudo, em espírito, estou convosco, regozijando-me e vendo a vossa ordem e a firmeza da vossa fé em Cristo”* (Colossenses 2:5). As duas palavras que ele usa são termos militares. *“Ordem”* significa a apresentação ordeira dos soldados em pelotões, e *“firmeza”* é a formação do corpo de tropas quando um escudo se une ao outro e as lanças se sobrepõem para apresentar um paredão sólido de defesa ou ataque. Como Paulo sabia isso acerca dos colossenses, quando nunca os tinha visto? A resposta simples é que eles estavam seguindo um modelo de ensino que era praticado em todas as igrejas dos santos.

Esse tipo de imitação bendita ainda é praticada, e nós humildemente damos graças a Deus por isso. Circundando este mundo todo e até em todos os recantos mais distantes dos seus limites ao norte e ao sul, cristãos ainda se reúnem em igrejas locais e ensinam o que é comum a todos que se reúnem ao nome do Senhor Jesus Cristo. Essa é a amplitude da comunhão entre as igrejas locais. Não é uma comunhão por causa de uma organização, nem é governada por instituições ou legislações humanas. É uma comunhão de coração e mente, buscando,

na medida do nosso entendimento e habilidade, ser guiados somente pela Palavra de Deus.

As igrejas locais têm muitas ligações não oficiais. As pessoas viajam muito mais agora do que nas gerações passadas, e a comunicação entre as igrejas locais, na nossa terra natal e em terras estrangeiras, mantém os cristãos informados sobre a obra do Senhor em localidades bem distantes. Não somente há troca de correspondência entre as igrejas, mas há também revistas impressas pelas igrejas locais que trazem informações aos cristãos sobre outras igrejas locais ao redor do mundo e as mantêm em contato com o trabalho do evangelho e com as bênçãos alcançadas. Elas também dão informações sobre conferências e reuniões especiais, além de ensinar verdades que, como nos dias do Novo Testamento, são comuns a todas as igrejas que seguem as Escrituras.

Limites da comunhão entre igrejas locais

Anciãos piedosos farão tudo o que for possível para promover verdadeira comunhão na igreja local onde Deus os colocou, e para manter a comunhão com outras igrejas locais, buscando ajuda mútua, mas eles irão prestar contas a Deus, não à outra igreja ou a um grupo de igrejas locais, pela conduta da igreja local onde eles estão.

Quando os anciãos se reuniram em Jerusalém, nós destacamos que a sua responsabilidade era pelos irmãos da sua própria localidade, não pelos irmãos das igrejas gentias distantes (Atos 15). Em Apocalipse 1,2 e 3, há uma linda figura da independência das igrejas locais, que também mostra sua interdependência. João virou-se para ver a voz que falava, e ele diz: *“E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e, no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do Homem”* (1:12,13). Ele aprendeu que esses sete castiçais eram as sete igrejas da Ásia Menor, a quem o Senhor se dirige nos capítulos dois e três (1:20). Cada uma tinha a mesma estrutura dispendiosa, ouro puro – nenhuma liga. Cada uma tinha sua própria base de ouro, e elas não eram como o candelabro do tabernáculo no Velho Testamento, que tinha uma única base e haste principal e seis hastes laterais.

O próprio Senhor Jesus andava no meio dos sete castiçais, de sorte que cada um lançava luz sobre Ele; mas, por outro lado, Ele lançava Seus benditos raios divinos sobre cada um deles.

Os castiçais tinham um centro comum, e, assim, cada um tinha a mesma ligação com o Senhor no meio. Tal era também o seu elo um com o outro, o Senhor no seu meio. Uma boa analogia é pensar em uma roda com aros, cada aro saindo do cubo central e, no entanto, uma roda sem borda ou pneu. Não havia ligação entre um castiçal e o outro, a não ser pelo Senhor no meio. O Senhor fez uma inspeção detalhada de cada uma dessas igrejas locais, mas nunca culpou uma pelo pecado ou falha de outra. Cada uma tinha de prestar contas a Ele, individualmente. Assim é com as igrejas locais até os nossos dias.

Cada igreja local é um testemunho individual, com sua própria base de ouro, *“Porque ninguém pode pôr outro fundamento, além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo”* (1 Coríntios 3:11). Uma igreja local não é responsável pela conduta de outra e não deve interferir no governo de outra igreja local. Nenhuma igreja local tinha um lugar de maior proximidade ou autoridade do que outra, pois todas tinham a mesma ligação com o próprio Senhor. Talvez o lugar onde a figura retrate com mais clareza essa verdade do Novo Testamento seja na relação entre os castiçais. Os homens estão constantemente querendo colocar “uma borda com pneu” na “volta dos aros”, ligando um grupo ao outro para formar algo “maior, melhor e mais unido para que o mundo saiba que não somos tão pequenos”. Todas estas tentativas humanas de organização são afastamentos das Escrituras e somente nos transformariam em outro grupo sectário com nossa própria forma de organização. Cuidado com todas estas tentativas de ter um nome em comum, seja qual for o nome, além do nome do Senhor Jesus Cristo, ou de unir-se sob algum tipo de denominador comum!

Tal esforço de se organizar produziu, inicialmente, as denominações, e as igrejas locais são um protesto contra esse sistema, qualquer que seja a sua forma.

Um jovem cristão pode perguntar: “Mas como vou identificar uma igreja local bíblica?” Muitos anos atrás, ouvi um querido amigo dar a seguinte ilustração. Ele fora convidado a ir à casa de outro cristão para jantar e estava recebendo instruções de como chegar lá. Era uma cidade onde não havia números nas casas, então, seu amigo disse que a casa dele tinha um telhado verde, paredes brancas, uma porta marrom e janelas pretas. Quando meu amigo encontrou a rua certa, ele viu várias casas com

paredes brancas, e uma com o telhado verde, mas nenhuma tinha uma porta marrom nem janelas pretas. Ele continuou descendo a rua devagar até que viu uma casa com telhado verde, paredes brancas, porta marrom e janelas pretas, e, então, ele tinha certeza de que tinha encontrado a casa certa. Essa é uma ilustração bem simples, mas muito adequada para se identificar uma igreja local verdadeira.

Há muitos graus de conformidade à Palavra de Deus. Como podemos determinar qual grau de conformidade é necessário? Como podemos saber quando Deus considera um ajuntamento como um castiçal em uma determinada localidade? O fato maravilhoso é que o Senhor nunca nos convidou a fazer qualquer julgamento. Graças a Deus que não, pois poderíamos cometer alguns erros terríveis. A responsabilidade de cada cristão é buscar sinceramente se conformar, pessoalmente, à Palavra de Deus e, se possível, fazer parte de uma igreja local que segue o modelo dado por Deus.

Entretanto, a pergunta persiste; o que se fará em relação aos grupos que não se conformam com o modelo ensinado por Deus? Raramente há oportunidade de instruí-los mais perfeitamente, pois, em muitos casos, não é o caso de nunca terem sido ensinados, mas de terem se afastado da verdade antes apreciada. Alguns têm chegado ao ponto de argumentar que esse afastamento é um progresso. Eles professam ser motivados por amor na sua comunhão com muitas coisas que não são bíblicas. É um afastamento grave do padrão bíblico ter associações com as denominações e trazer para dentro das igrejas locais professas, erros do denominacionalismo, tais como um “pastor local” (veja o capítulo 9). Entretanto, é uma dieta espiritual muito pobre se alimentar de afastamentos e fracassos. Devemos deixá-los com o Senhor e não nos envolver no seu afastamento, pois, no próprio contexto de comunhão entre igrejas locais, somos avisados sobre o perigo de nos tornar participantes dos pecados de outros (1 Timóteo 5:22).

14

Ministério das Mulheres nos Dois Testamentos

As mulheres ocupam um lugar de destaque na história sagrada. Se quisermos apreciar o ministério das mulheres nos relatos do Novo Testamento, precisamos considerar as grandes mulheres do Velho Testamento e observar as mulheres da Bíblia em contraste com a condição das mulheres no mundo pagão. Na verdade, o Novo Testamento eleva as mulheres a um lugar que nunca tiveram na sociedade judaica.

1. Mulheres notáveis do velho testamento

A morte acabara de ser decretada ao homem e à criação sobre a qual ele tinha domínio; no entanto, Adão, pela fé, chamou sua esposa de *“Eva... a mãe de todos os viventes”* (Gênesis 3:20). Naquela hora escura da queda do homem, Adão deve ter compreendido o significado da promessa de Deus, de que Aquele que feriria a cabeça de Satanás entraria no mundo por meio de uma mulher. Ela era o instrumento pelo qual o grande Salvador viria. No entanto, a mulher deve ter um lugar de submissão. Duas razões são dadas em 1 Timóteo 2:11-14: a mulher não foi a primeira a ser criada, e a mulher foi a primeira na transgressão.

Gênesis é chamado o livro dos quatro grandes homens: Abraão, Isaque, Jacó e José, mas é também o livro de quatro grandes mulheres: Sara, Rebeca, Lia e Raquel. Sara, especialmente, mostra como Deus usa instrumentos humanos para a Sua glória. Deus esperou até que o *“amortecimento do ventre de Sara”* (Romanos 4:19) parecia tornar a promessa impossível, então *“o SENHOR visitou a*

Sara, como tinha dito” (Gênesis 21:1). Da fraqueza humana, Deus ainda realiza as Suas grandes obras.

Miriã, a irmã de Moisés e Arão, foi ferida de lepra quando ela e Arão falaram contra Moisés. Ele clamou a Deus por ela, e a sua lepra foi purificada, e bem que ele deveria orar por ela, pois ele devia a ela a sua vida e utilidade. Foi ela quem vigiou o pequeno Moisés no cesto entre os juncos e, quando ele foi descoberto pela filha de Faraó, foi a ação rápida de Miriã, ao sugerir que sua própria mãe pudesse cuidar dele, que permitiu que Moisés fosse criado pela sua própria mãe e fosse o libertador de Israel e um dos servos mais nobres de Deus. Quanta coisa dependeu da inteligência e sabedoria de uma jovem! Miriã é chamada de uma profetisa, e ela liderou as mulheres de Israel no grande cântico de redenção depois da travessia do Mar Vermelho (Êxodo 15:20,21).

Juízes 4 e 5 relatam a história de duas mulheres corajosas. Era um dia sombrio na história de Israel quando nenhum homem podia ser achado para livrar a nação da opressão, pois Jabim, o rei de Canaã, com a sua tirania, durante vinte anos, os vinha oprimindo. Sísera, o comandante do seu exército, tinha novecentos carros de ferro para auxiliar o seu exército a manter Israel num regime praticamente de escravidão. Débora, a profetisa, que era juíza, foi levantada por Deus para incentivar Baraque a reunir as tribos de Israel e liderá-las em batalha contra os exércitos unidos das nações cananeias. Ele insistiu que Débora o acompanhasse na batalha. Ela concordou em ir, mas predisse que, quando o Senhor lhes desse a vitória, a honra não seria de Baraque, pois Deus entregaria Sísera nas mãos de uma mulher. Enquanto Sísera fugia da batalha, Jael, a esposa de Héber, o queneu, o induziu a entrar na sua tenda e, enquanto ele dormia no chão, ela cravou uma estaca na sua cabeça.

Hulda, a profetisa, foi consultada pelo rei Josias e pelo sumo sacerdote de Israel sobre a palavra de Deus que havia sido encontrada na casa de Deus (2 Reis 22:13-20). Até mesmo Isaías fala, de maneira favorável, de uma profetisa (Isaías 8:3), mas nos dias de Neemias havia uma profetisa chamada Noadías, que era inimiga de Deus e do remanescente.

A razão por enfatizar essas mulheres e os diversos acontecimentos deve ser óbvia; elas são exceções à regra. No Velho Testamento as mulheres judias tinham um lugar de dignidade e responsabilidade no lar, onde administravam os

afazeres domésticos da família. A descrição da mulher virtuosa em Provérbios 31:10-28 demonstra como ela era honrada e respeitada pelo seu esposo e família. “*O seu valor muito excede o de rubins.*” (versículo 10) Ela não era uma profetisa, nem uma juíza, e certamente não era comandante de um exército, nem matou guerreiros poderosos. O teor geral do Velho Testamento apoia a ideia de que a mulher tinha um lugar de destaque no seu lar, sujeita a seu esposo, ocupando-se com as necessidades do lar e criando e educando seus filhos para serem uma bênção para Deus e para o Seu povo. Essa é a razão por que, na lista dos reis de Israel e de Judá, as mães são mencionadas, pois mulheres nobres e piedosas produziram reis do mesmo tipo e, tragicamente, o oposto também é verdade.

Portanto, Débora e Jael são exceções, e foi em dias sombrios e de afastamento de Deus que elas foram usadas por Deus de uma maneira pública. Mesmo no Velho Testamento, esse não era o modelo a ser seguido por mulheres que professavam piedade (1 Pedro 3:1-7).

Nos dias de Israel, os homens não tinham preeminência em devoção a Deus. Tanto mulheres como homens podiam fazer o voto de nazireu (Números 6:2); Deus Se revelou a mulheres, como no caso de Hagar (Gênesis 16:8), e a mãe de Sansão (Juizes 13:3-25). O escritor aos hebreus escreve de mulheres que receberam, pela ressurreição, os seus mortos (Hebreus 11:35), sendo esta uma referência clara à viúva piedosa de Sarepta, que Deus ordenou que sustentasse o profeta Elias (1 Reis 17:8-24). “*Faltar-me-ia o tempo*” para falar da piedosa Ana, da fiel Rute, da Noemi e sua restauração e da corajosa Ester.

Menção especial deve ser feita de quatro mulheres que aparecem na genealogia do Senhor Jesus, em Mateus 1:1-16. Tamar, Raabe, Rute e Bateseba. Estas mulheres foram muito honradas por serem um elo vital no longo processo de acontecimentos que finalmente trouxe o Salvador ao mundo.

2. Vislumbres do mundo grego e romano

Há um grande contraste entre a maneira como o Senhor tratava as mulheres e a posição delas no mundo grego e romano. Os ensinamentos do Senhor Jesus elevaram tanto a posição das mulheres que a mudança, muitas vezes é apresentada como revolucionária. A sociedade grega tratava as mulheres com muito mais respeito

do que as nações pagãs ao seu redor, mas elas não tinham nenhum privilégio público. Viviam em reclusão nos aposentos domésticos da casa e eram consideradas pelos seus maridos pouco superiores a uma escrava fiel. Entre um povo destacado pelos seus grandes poetas, escritores, pintores e arquitetos “nenhuma mulher se destacava no campo de literatura, arte ou ciência” (Edersheim). Há muita evidência da grande inteligência das mulheres gregas, e muitas delas eram autodidatas; mas, fora da esfera do lar, elas não tinham nenhuma posição de destaque.

As leis romanas davam ao marido o domínio tirano sobre sua esposa e seu lar; mas, na prática, as mulheres de Roma alcançaram uma posição desconhecida entre os gregos. As mulheres participavam livremente nas atividades religiosas, muitas vezes tinham influência sobre oficiais de governo, e sobrepujavam suas semelhantes gregas em escândalos públicos e em imoralidade.

Entre os judeus, a mulher tinha um lugar de dignidade e honra elevada no lar; os filhos eram vistos como uma herança do Senhor, mas a esfera pública, fora do lar, pertencia exclusivamente ao seu marido. A vida pública da mulher era sua vida religiosa; mas, mesmo ali, ela era excluída de muitas atividades que não eram lideradas por seu marido ou por algum homem da família. Os rabis não ensinavam a inferioridade das mulheres; mas, na prática, eles recusavam dar às mulheres o mesmo ensino que davam aos homens e consideravam que a maior parte dos assuntos religiosos estava além da capacidade mental das mulheres (Edersheim).

3. Mulheres nobres nos registros dos evangelhos

A atitude do Senhor Jesus em relação às mulheres as elevava muito acima da sua posição na sociedade grega, romana ou judaica. Ele as ensinou grandes verdades espirituais, Ele aceitou o ministério delas para com Ele e as enviou a testemunhar Dele. Muitas vezes é dito que em nenhum lugar nos evangelhos uma mulher abusa do Senhor ou O rejeita. Ele era “*nascido de mulher*” (Gálatas 4:4). A mãe a quem Ele era sujeito como criança, observou Seus atos, ouviu Suas palavras e as guardou no seu coração (Lucas 2:51). No Seu ministério público, Ele e Seus discípulos foram servidos por mulheres (Lucas 8:3); mulheres estavam ao pé da Sua cruz (João 19:25), uma mulher se demorou perto do Seu túmulo e recebeu a grande honra de ser a primeira pessoa a ver o Senhor ressurrecto (Marcos 16:9).

Sua mãe, Maria, foi uma das servas de Deus mais honradas. Ela é erroneamente adorada por alguns, mas muitos cristãos vão ao extremo oposto e raramente a mencionam. Maria era uma parte da primeira promessa que Deus deu em relação à vinda do Salvador (Gênesis 3:15); ela era um sinal para toda a casa de Israel (Isaías 7:14) e, no entanto, ela foi uma das servas mais humildes de Deus. Quando Gabriel lhe disse *“Bendita és tu entre as mulheres... ela turbou-se muito com aquelas palavras”* (Lucas 1:26-29). Sua resposta foi *“Eis aqui a serva do Senhor; cumpra-se em mim segundo a tua palavra”* (versículo 38). Como ela ficaria horrorizada em saber que a religião a nomeou a Rainha do Céu!

Maria recebeu uma tarefa mais difícil de realizar do que a que foi confiada a qualquer outro servo de Deus, a não ser ao próprio Senhor Jesus. Virgens não dão à luz. Quem entenderia ou acreditaria na sua história? Até mesmo o justo José tentou deixá-la secretamente até que uma visita do anjo o esclareceu (Mateus 1:19,20). O Senhor carregou este estigma dos incrédulos durante todos os Seus dias; eles diziam: *“Nós não somos nascidos de prostituição”* (João 8:41). É difícil para nós, nestes dias de permissividade, entender a enormidade do encargo que foi colocado sobre Maria. Somente sua prima Isabel entendeu (Lucas 1:39-56).

O trabalho de Maria nunca pode ser duplicado. Ela foi o instrumento escolhido por Deus para a concepção milagrosa do Filho de Deus. Quão maravilhosas foram, para aquela humilde virgem, as palavras: *“Descerá sobre ti o Espírito Santo, e a virtude do Altíssimo te cobrirá com a sua sombra; pelo que também o Santo, que de ti há de nascer, será chamado Filho de Deus”* (Lucas 1:35).

A compreensão de Maria do plano e propósito divino era superior à de qualquer outra pessoa dos seus dias. Deus usou uma serva que Ele havia instruído. Ela sabia que as grandes promessas feitas acerca da casa de Davi, do Herdeiro, do trono e do reino, todas seriam cumpridas no Bebê que ela carregou no seu ventre e amamentou quando criança. Seu grande hino de louvor (Lucas 1:46-55) expressa a profundidade da sua compreensão espiritual. Ela ficou ao pé da cruz e compreendeu o significado de tudo aquilo, enquanto uma espada traspassava seu terno coração. Ela não foi encontrada no túmulo, no entanto estava no cenáculo, aguardando a promessa do Espírito (Atos 1:14).

Entretanto, os relatos dos evangelhos falam muito pouco sobre qualquer atividade pública de Maria depois do Senhor iniciar o Seu ministério público. Somente duas vezes, durante estes anos, lemos dela falar alguma coisa. No casamento, em Caná da Galileia, ela disse ao Senhor: “*Não tem vinho*”, e recebeu a seguinte resposta do Senhor: “*Mulher (uma expressão de respeito), que tenho eu contigo? Ainda não é chegada a minha hora*” (João 2:3,4). Essas palavras ilustram que Ele estava ocupado em trabalho divino e não podia estar sob o controle de uma mulher, embora ela fosse a Sua mãe.

A segunda ocasião foi quando Maria procurou o Senhor entre a multidão que ouvia as Suas palavras. Quando lhe disseram que Sua mãe e Seus irmãos O buscavam, Ele respondeu: “*Eis aqui minha mãe e meus irmãos. Porquanto qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, e minha irmã, e minha mãe*” (Marcos 3:31-35). Marcos relata esse acontecimento no início do ministério público do Senhor, expondo a supremacia de relacionamentos espirituais sobre os naturais.

Para equilibrar o que talvez pareça uma negligência para com Maria, nós voltamos à cruz e contemplamos o Salvador sofredor dizendo ao discípulo a quem Ele amava: “*Eis aí tua mãe*” (João 19:25-27).

O Senhor Jesus fez o que os rabis não fariam, Ele ensinou verdades espirituais do mais elevado nível a mulheres. No lar em Betânia, “*Maria... assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra*” (Lucas 10:39). A palavra “*também*” mostra que Marta também estava aos Seus pés. Entretanto, foi Maria que entendeu o significado das palavras do Senhor em relação a Sua morte e ungiu, em antecedência, o Seu corpo para o sepultamento (João 12:7). Ela também entendeu a grande promessa da Sua ressurreição (João 11:20-44) e, conforme a sua compreensão espiritual, não se juntou às outras mulheres no túmulo com as especiarias preparadas (Lucas 24:1). De todos os que ouviram o Senhor profetizar sobre a Sua morte e ressurreição, talvez Maria fosse a única que entendeu.

O Senhor Jesus, assentado ao lado do poço de Jacó, teve uma longa conversa espiritual com uma mulher samaritana. Os escritos dos rabis dizem: “Um homem não deve se dirigir a uma mulher em locais públicos, nem mesmo à sua própria esposa” (Edersheim). Ensinar qualquer mulher, especialmente uma

mulher samaritana, era totalmente contrário à prática judaica. A essa pobre mulher pecadora o Senhor revelou o seu pecado e, depois, em maravilhosa graça, revelou-Se a Si mesmo. Depois, a essa alma recém-convertida, o Senhor do céu ensinou uma das verdades mais sublimes encontradas em todas as Escrituras, sobre adoração espiritual. O Senhor certamente deu evidência clara de que Ele cria que as mulheres têm grande inteligência e são capazes de compreender as verdades espirituais mais sublimes.

Nada nos registros dos evangelhos é mais tocante e terno do que o fato que as necessidades diárias do Senhor Jesus foram supridas por mulheres. Serviço de diaconato tem uma esfera muito ampla no Novo Testamento, abrangendo desde cuidado de coisas materiais (Atos 6:1-6), até a declaração da verdade maravilhosa de um só corpo (Efésios 3:7). O serviço de diaconato nos Evangelhos é realizado por anjos (Mateus 4:11) ou por mulheres (Mateus 8:15; Lucas 8:3; 10:40). Esse ministério foi realizado pela mãe da esposa de Pedro (Mateus 8:15), por Marta (Lucas 10:40) e por *“Algumas mulheres que haviam sido curadas de espíritos malignos e de enfermidades: Maria, chamada Madalena, da qual saíram sete demônios; e Joana, mulher de Cuza, procurador de Herodes, e Suzana, e muitas outras que o serviam com suas fazendas”* (Lucas 8:2, 3).

Cada um dos Evangelhos sinóticos menciona essas mulheres (Mateus 27:55, Marcos 15:40,41; Lucas 8:3). Cinco nomes são mencionados: Maria Madalena, Joana, Suzana, Maria e Salomé, mas cada escritor diz que havia muitas outras. Em cada lista Maria Madalena é a primeira. Em cada lista dos doze discípulos o nome de Pedro está em primeiro lugar. Maria Madalena pode não ter sido a que mais contribuiu para a bolsa comum do Senhor e dos Seus discípulos, mas somente o Senhor sabe avaliar corretamente o que cada um dá. É provável que Maria Madalena, como a viúva que deu suas duas moedas ao Senhor (Lucas 21:2), deu o que mais lhe custou.

Essa é a querida mulher que permaneceu junto ao túmulo, chorando, quando os discípulos voltaram para suas próprias casas. Depois da visão maravilhosa de dois anjos vestidos de branco, ela foi atraída por amor a voltar-se e ver Jesus em pé, embora ela não O reconhecesse. Como uma verdadeira ovelha, ela ouviu a Sua voz quando Ele a chamou pelo seu nome. Ao Seu

“Maria”, ela respondeu, “Raboni”. O Senhor a enviou aos Seus irmãos com a maravilhosa mensagem: “Vi o Senhor, e Ele disse-me estas coisas” (João 20:10-18).

Muito mais poderia ser escrito sobre as mulheres dos Evangelhos, desde Ana, a profetisa idosa que *“Falava dele a todos os que esperavam a redenção em Jerusalém”* (Lucas 2:38), até às mulheres que ficaram ao pé da cruz (João 19:25). Em toda a devoção dessas mulheres, cada uma estava ocupada com aquilo que podemos corretamente chamar de a esfera de serviço das mulheres. Ana falava pessoalmente com as pessoas, e as outras mulheres no Novo Testamento que foram chamadas pelo Senhor para testificar Dele fizeram isso num nível pessoal. Era o serviço das mulheres preparar especiarias e ungir o corpo para o sepultamento e, enquanto estavam ocupadas no seu próprio serviço, elas foram honradas ao serem as primeiras que viram o Senhor ressurrecto. Mesmo assim, elas não foram enviadas para anunciar esse grande acontecimento ao mundo, mas foram enviadas aos discípulos. Isso concorda com o fato do Senhor não incluir uma mulher entre os doze, e também não foi uma mulher que foi escolhida em Atos 1 para substituir Judas. Quando Paulo lista as testemunhas da ressurreição, ele omite, totalmente, as mulheres. A não ser que alguém esteja disposto a negar a inspiração da Bíblia, dificilmente pode atribuir essa omissão a algum preconceito da parte de Paulo. A esfera do trabalho da mulher é vital, ela serve ao Senhor de maneiras que ninguém mais pode fazer; mas, mesmo nos Evangelhos, sua esfera é de carácter feminino, não uma esfera pública.

Mulheres Piedosas das Primeiras Igrejas Locais

A. Mulheres no livro de Atos

O maravilhoso livro que registra a comissão dada pelo Senhor aos apóstolos, o nascimento da igreja, a implantação da primeira igreja local em Jerusalém e o avanço do evangelho pela Judeia, Samaria e até os confins do Império Romano, começa com homens e mulheres no cenáculo. Temos alguns motivos para crer que esse cenáculo estava na casa de Maria, mãe de João Marcos. As mulheres presentes naquele cenáculo perseveravam em oração com os apóstolos (Atos 1:14); mas, quando Pedro falou da necessidade de escolher um apóstolo para preencher a lacuna deixada entre os doze, ele se dirigiu aos homens que estavam presentes (versículos 15 e 16). Isso está de acordo com o fato que o Senhor escolhera doze homens para serem Seus discípulos, todos os escritores do Novo Testamento são homens e, quando igrejas locais foram formadas, todos os presbíteros eram homens.

Nas bênçãos que seguiram logo depois do dia de Pentecostes *“A multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais”* (Atos 5:14). Quando Saulo de Tarso surgiu como líder da perseguição dos santos, ele *“assolava a igreja, entrando pelas casas, e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão”* (Atos 8:3). Podemos ver, na longa história do testemunho, que muitos dos mais corajosos santos perseguidos e martirizados foram mulheres.

Dorcas significa “gazela” e ela provavelmente fazia jus ao seu nome e possuía mansidão, humildade e graça; ela era conhecida pela sua generosidade (Atos 9:36-42). Ela é a única mulher no Novo Testamento que é chamada de discipula, mas não devemos

tirar nenhuma outra conclusão disso a não ser que ela seguia fielmente o seu Senhor. Todos os cristãos, homens e mulheres, eram chamados de discípulos no início de Atos (9:26). Tabita, ou Dorcas, era *“cheia de boas obras e esmolas que fazia”*. Até mesmo a sua morte foi para a glória de Deus e resultou na conversão de muitos (versículo 42).

Lídia foi a primeira convertida na Europa (Atos 16:14,15). Dentre os milhares de europeus que foram salvos, essa nobre mulher foi a primeira e, apesar de ser nativa de Tiatira, na Ásia, ela tinha uma casa em Filipos por causa dos negócios que ali realizava. Ela abriu o seu lar ao apóstolo, e os da sua casa foram salvos depois da sua conversão. É possível que algumas das mulheres que a acompanhavam à beira do rio para orar estavam entre os primeiros convertidos de Filipos, pois as mulheres se destacam na obra ali (Filipenses 4:2,3).

Em Tessalônica, mulheres principais foram salvas, e, em Bereia, mulheres da classe nobre (Atos 17:4,12). Essas mulheres notáveis tinham grande influência nas suas respectivas comunidades e compartilharam dos sofrimentos que sobrevieram aos novos convertidos.

No final de Atos 17, Dâmaris é a única mulher convertida mencionada entre todos os que creram na mensagem em Atenas. Ela deve ter-se destacado entre os cristãos.

O trabalho do evangelho em Corinto é ligado, inicialmente, com um casal piedoso (Atos 18:2,3), cujos nomes aparecem seis vezes no Novo Testamento, e em quatro dessas ocasiões Priscila é mencionada primeiro. Áquila era um judeu de Ponto, mas o casal residia em Roma quando o édito de Cláudio César foi assinado em 49 A.D., expulsando todos os judeus da cidade. Essa expulsão provavelmente estava ligada a uma perseguição contra os cristãos, de sorte que esse casal piedoso já era salvo e já tinha sofrido pela sua fé quando eles se encontraram com Paulo em Corinto. Ele ficou com eles e trabalhou com eles na sua profissão. Pode ser que foi durante esse tempo que eles puseram sua vida em risco por causa de Paulo (Romanos 16:3-4).

Quando Paulo deixou Corinto, eles o acompanharam até Éfeso. Eles ainda estavam em Éfeso, e uma igreja se reunia na sua casa quando Paulo escreveu 1 Coríntios. Apolo, um judeu poderoso nas Escrituras, veio a Éfeso, não muito depois de Áquila e Priscila se mudarem para lá. Seu discurso poderoso

na sinagoga fez com que Priscila e Áquila o levassem para casa, onde *“lhes declararam mais pontualmente o caminho de Deus”* (Atos 18:24-28). Assim, na esfera do lar, ela e seu marido ensinaram o grande Apolo.

Quando Lucas escreve sobre esse casal, ele usa o diminutivo *“Priscila”*; mas, quando Paulo escreve sobre ela, ele a chama de *“Prisca”* – a mulher (ou a dama). *“Ela bem pode ter sido uma mulher da classe nobre.”* (Wm. Ramsay)

No final de sua vida, Paulo saúda esse casal e menciona Prisca primeiro (2 Timóteo 4:19). Parece que eles haviam retornado a Roma depois da morte de Cláudio (Romanos 16:3,4) e, depois disso, haviam voltado a residir em Éfeso. Suas inúmeras viagens, em dias quando era difícil viajar, foram todas no interesse das igrejas locais. Nenhuma recomendação mais elevada poderia ser dada além das palavras de Paulo: *“Saúda a Priscila e a Áquila, meus cooperadores em Cristo Jesus, os quais pela minha vida expuseram a sua cabeça; o que não só eu lhes agradeço, mas também todas as igrejas dos gentios”* (Romanos 16:3,4). Todos devem notar que o nome de Prisca colocado primeiro não provocou nenhum ressentimento em Áquila.

As filhas de Filipe, que profetizaram, têm sido o tema de muita especulação (Atos 21:9). A menção delas é breve e não dá autoridade alguma para sugerir que elas exerciam seus dons publicamente. Quando Deus deu uma mensagem a Paulo, sobre sua prisão e sofrimento em Jerusalém, ela não veio por meio dessas mulheres, embora Paulo estivesse hospedado na casa delas. Deus enviou Ágabo, da Judeia, para entregar Suas palavras proféticas a Paulo. Isso indica que essas mulheres exerciam seus dons na esfera doméstica, não na esfera da igreja local.

B. Mulheres nas epístolas

Temos vinte e seis nomes em Romanos 16, e oito desses são de mulheres. Já temos visto a importância dos bem conhecidos Prisca e Áquila. O *“muito trabalho”* feito por Maria em prol dos santos (versículo 6) foi, provavelmente, na esfera do lar. Todo serviço deste tipo, feito diligentemente por muitas mulheres ainda em nossos dias, receberá grande galardão no Dia de Cristo.

Há divergências sobre o nome Júnias. O nome é usado na forma acusativa (no grego) e poderia ser derivado de Junias (masc.) ou Júnias (fem.). A maioria parece concordar que era uma

mulher. Então surge o problema. Ela era apóstolo? “A expressão *‘se distinguiram entre os apóstolos’* poderia significar que ela era bem conhecida dos apóstolos ou que ela era um apóstolo bem conhecida.” (Ryrie) Não seria uma boa interpretação aceitarmos a segunda sugestão, pois em nenhum lugar encontramos um apóstolo feminino, e uma passagem que pode ter dois significados nunca deveria ser usada para decidir uma questão importante.

Trifena e Trifosa são nomes pagãos, mas as mulheres que tinham estes nomes eram troféus de graça e trabalharam para o Senhor. Ambos estes nomes são encontrados em inscrições relacionadas à casa imperial.

A amada Pérsida deve ter sido uma serva notável de Cristo. Ela recebe uma recomendação extra pelo seu “muito trabalho”.

A “mãe de Rufo” é chamada por Paulo de “minha mãe”. Isso não deve ser entendido no sentido literal, mas que honra para essa mulher ser considerada uma mãe pelo grande apóstolo dos gentios!

Febe merece atenção (Romanos 16:1,2). Ela era uma diaconisa, uma serva da igreja em Cencreia. A expressão *“tem sido protetora”* (ARA) significa uma pessoa do alto escalão que foi protetora de pessoas menos privilegiadas. Tais posições eram comuns entre os gregos, mas não há nenhuma sugestão, aqui, de que Paulo tinha uma carga oficial em mente quando ele recomendou essa diaconisa. Ele a recomendou pelo trabalho prestado, não pela posição que ela ocupava. O diaconato abrange uma larga esfera de trabalho tanto prático quanto espiritual, e a ajuda de Febe a Paulo é, provavelmente, a melhor maneira de entendermos a natureza do trabalho.

Evódia e Síntique haviam trabalhado com Paulo. Ele escreveu: *“trabalharam comigo no evangelho”*, com Clemente e outros cooperadores (Filipenses 4:2,3). Esta tem sido a experiência de muitos de nós que temos começado novos trabalhos em evangelismo.

Precisamos mencionar mais duas mulheres antes de encerrar esta parte. Elas foram instrumentos especiais nas mãos de Deus para moldar e treinar uma vida que seria para Sua glória. Timóteo, o homem de Deus, tinha uma grande dívida para com sua avó Loide e sua mãe Eunice (2 Timóteo 1:5; 3:14,15). Que honra ser uma mãe e uma avó com tanta influência em moldar uma vida jovem! Nenhum serviço entre todas as tarefas dadas por Deus ao

Seu povo pode ter um valor mais elevado e, no entanto, muitos, hoje em dia, desprezam esse serviço, considerando-o inferior ou indigno.

Muitas queridas mulheres sentirão, ao lerem essas palavras, que falharam nesse seu grande trabalho de moldar vidas, mas lembre-se que, nesse serviço, como em todos os outros serviços para Deus, o que será avaliado é a fidelidade, e não o sucesso.

Direção para mulheres que servem ao Senhor

Cristãos em contraste com a era presente

Não há, em toda a Escritura, uma só frase que pode apoiar o movimento radical liberalista das mulheres. Deus não criou o homem superior à mulher, mas Ele fez uma diferença entre eles: *“Macho e fêmea os criou”* (Gênesis. 1:27). Cada um tem sua própria esfera e cada um se sobressai nessa esfera. Por exemplo, um homem não poderia ter trazido o Salvador ao mundo, e um homem não pode fazer muitas das tarefas que Deus, na Sua sabedoria, deu às mulheres.

Os cristãos creem num tipo muito prático de justiça. Pagamento igual para serviços iguais é um princípio justo e devemos orar para que a justiça prevaleça em nosso país. Um homem deveria considerar como um privilégio poder ajudar a sua esposa a executar as tarefas do lar, quando possível. Isso não está abaixo da dignidade do homem, e deve estar incluído no seu amor por sua esposa. Entretanto, devemos notar que aqueles que propagam a Igualdade de Direitos, culpam a Bíblia pela posição indigna da mulher. Crianças na escola estão sendo expostas a livros que não mostram nenhum papel específico para um pai e uma mãe. Nesses textos escolares, as mães saem para reuniões de negócios, deixando os pais em casa para cuidar da casa, ou vice-versa, contanto que não haja nenhum modelo específico. A ausência de verdadeiros exemplos a serem seguidos pode ser permanentemente prejudicial ao desenvolvimento da criança.

Pode-se provar que muitas mulheres são mais inteligentes do que seus maridos e talvez até podem se sair melhor no mundo altamente competitivo de negócios. Não estamos escrevendo sobre inteligência ou superioridade de um sexo sobre o outro e, sim, sobre o plano de Deus para a Sua criação.

Paulo escreveu: *“...Para que ensinem as mulheres novas a serem*

prudentes, a amarem seus maridos, a amarem seus filhos, a serem moderadas, castas, boas donas de casa, sujeitas a seu marido, a fim de que a palavra de Deus não seja blasfemada” (Tito 2:4,5).

A graça da sujeição

O ensino das Escrituras eleva as mulheres a um plano muito nobre: *“Vós, maridos, amai vossas mulheres, como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela”* (Efésios 5:25). Quando este tipo de amor impera no lar não será difícil para a mulher ser sujeita ao seu marido. *“Assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos.”* (versículo 24) Sujeição não é inferioridade, pois, se isto fosse verdade, a sujeição do Homem, Cristo Jesus, ao Seu Pai abrangeria a sugestão blasfema de que Ele é inferior na Divindade.

Mulheres cristãs que conhecemos, em todas as partes do mundo, não contestam o ensino das Escrituras de que a mulher deve estar sujeita a seu marido no lar, nem o fato de tomarem uma posição de sujeição na igreja local. Elas creem na Bíblia e se curvam ao seu ensino. Não é necessário escrever isso como um corretivo, mas, sim, como uma explicação da prática da igreja local.

O silêncio das mulheres na igreja local

Há três passagens no Novo Testamento que devemos considerar: 1 Coríntios 11:3-5, 14:34,35 e 1 Timóteo 2:8-15. Muitos têm encontrado dificuldade na afirmação de Paulo: *“Mas toda mulher que ora ou profetiza com a cabeça descoberta desonra a sua própria cabeça”* (1 Coríntios 11:5). Alguns dizem que Paulo está permitindo à mulher participar audivelmente em oração e profetizar na igreja de Deus em Corinto. Para contornar a proibição de que as mulheres devem permanecer em silêncio na igreja (14:34), eles afirmam que Paulo não está proibindo a participação normal na igreja, mas está proibindo as mulheres de “tagarelar” entre si durante a reunião. Isso é muito interessante, pois ilustra como é possível colocar uma interpretação pessoal nas Escrituras. A primeira evidência contra essa interpretação é ler o versículo que segue, *“E, se querem aprender alguma coisa, interroguem em casa a seus próprios maridos; porque é indecente que as mulheres falem na igreja”* (versículo 35). Será que a mulher deve

perguntar ao seu marido sobre o conteúdo da sua tagarelice? “Tagarelar” significa conversar incessantemente e tola mente. É sobre isso que a esposa pergunta ao seu marido, ou ela pede informação?

A palavra traduzida “falar”, no versículo 34, é muito comum no Novo Testamento. Na verdade ela é usada vinte e quatro vezes neste capítulo. Nem aqui, nem em qualquer lugar no Novo Testamento é usada referindo-se a “tagarelar”.

Outros dizem que Paulo mudou de ideia entre os capítulos 11 e 14 desta carta, isto é, que ele dá permissão para as mulheres falarem na igreja, mas, depois de considerar melhor o assunto, ele retira essa permissão. É impossível conciliar esses pontos de vista com inspiração.

Outro ponto de vista é que a passagem não se aplica à igreja local, mas orar e profetizar em alguma outra esfera. Se essa interpretação fosse correta, como explicaria as palavras de 11:16, “*Nós não temos tal costume, nem as igrejas de Deus?*” Parece, para o escritor deste livro, que a ocasião quando a mulher deve demonstrar sua sujeição é quando os homens estão presentes no ajuntamento! Dá sentido dizer que uma mulher poderia liderar em oração pública, ou profetizar publicamente numa reunião que não fosse da igreja? Que tipo de reunião seria esta? Todo testemunho público está relacionado a uma igreja local.

A maneira mais fácil de entender 1 Coríntios 11:5 é ver que ali Paulo está tratando da cabeça coberta e, no capítulo 14, ele está tratando do silêncio das irmãs. Havia muitos assuntos para corrigir nessa epístola, e ele trata deles por ordem e individualmente. A confusão em Corinto era tal que não seria forçar a imaginação achar que as irmãs estavam participando audivelmente em oração e em exclamações extáticas.

A proibição em 1 Coríntios 14:34,35 é clara e fácil de entender, a não ser que leiamos a passagem com ideias pré-concebidas. As mulheres devem ficar caladas na igreja. “*As mulheres estejam caladas nas igrejas, porque lhes não é permitido falar; mas estejam sujeitas, como também ordena a lei.*” As mulheres têm outras esferas de ação igualmente importantes. O privilégio espiritual para homens e mulheres é idêntico (Gálatas 3:28), mas a atividade espiritual não é a mesma.

A passagem de Timóteo fortalece a interpretação dada à passagem de Coríntios. “*Quero, pois, que os homens (sexo masculino)*

orem em todo o lugar, levantando mãos santas, sem ira nem contenda.” (1 Timóteo 2:8) A afirmação correspondente é: *“Que do mesmo modo as mulheres se ataviem em traje honesto, com pudor e modéstia, não com tranças, ou com ouro, ou pérolas ou vestidos preciosos, mas (como convém a mulheres que fazem profissão de servir a Deus) com boas obras”* (1 Timóteo 2:9,10). Paulo limita a participação audível em orações públicas somente aos varões. Uma leitura cuidadosa dos capítulos 2 e 3 de 1 Timóteo mostra que orações públicas são orações da igreja. Sabemos que esta epístola é uma epístola escrita à igreja por dois motivos: primeiro, o conteúdo geral da epístola e, segundo, a afirmação clara do capítulo 3:15 de que ela foi escrita para ensinar *“como convém andar na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo”*.

Paulo então diz: *“Não permito, porém, que a mulher ensine, nem use de autoridade sobre o marido, mas que esteja em silêncio”* (1 Timóteo 2:12). Essas palavras tão claras nem precisam de explicação, entretanto, devemos seguir as leis de contexto aqui. É a mulher e seu relacionamento com o homem cristão que estão em vista.

Em Tito 2:3-5, as mulheres mais velhas devem ensinar as mais novas. Os assuntos a serem ensinados são domésticos e, como em todo ensino, as mulheres devem dar o exemplo antes das palavras serem faladas. Isso não nos dá autoridade para uma mulher dar reuniões de ministério para mulheres, mas lhe dá a responsabilidade de ensinar, em particular, sobre assuntos que podem ser abordados melhor por uma mulher.

Um breve resumo de um assunto tão longo é necessário. As mulheres foram escolhidas por Deus como instrumentos em Suas mãos, desde o princípio dos tempos. O maior acontecimento da história foi realizado por intermédio de uma mulher, quando ocorreu a encarnação. As Escrituras estão cheias de menções do serviço dedicado realizado por mulheres piedosas. O Senhor Jesus curou, salvou, ensinou e abençoou as mulheres. Ele recebeu a ajuda de mulheres e elas se destacaram na sua devoção a Ele. O Novo Testamento está repleto de exemplos do serviço piedoso e abnegado de mulheres para Deus, não na esfera de pregação ou ensino público, mas inclui cooperação na obra do evangelho e em muitas outras áreas de serviço cristão, em terras longínquas e na terra natal.

16

O Cântico na Igreja Local

A Bíblia contém muitos cânticos e hinos lindos. O Novo Testamento não fala nada sobre o uso de instrumentos musicais, mas fala muito sobre o cantar dos cristãos.

Ninguém irá negar que a maioria das músicas populares do mundo logo passa e cai no esquecimento. Cristãos têm um novo cântico, novo no sentido de que sempre se renova e nunca envelhece. Temos aprendido o cântico dos céus enquanto ainda estamos na terra; ele será novo para sempre (Apocalipse 5:9).

Apesar do Novo Testamento nada dizer sobre o uso de instrumentos musicais, ele fala do acompanhamento do nosso cântico. Vários acompanhamentos são descritos.

Cantando com alegria – Tiago 5:13

“Está alguém contente? Cante louvores.” Podemos aprender pelas Escrituras e é um fato da vida diária que as pessoas são conhecidas pelo seu cântico. Nenhum cântico foi registrado durante os dias da escravidão de Israel no Egito. No entanto, assim que eles colocaram seus pés no deserto, depois de atravessarem o mar Vermelho, lemos que *“Cantou Moisés e os filhos de Israel este cântico ao SENHOR”* (Êxodo 15:1). Cânticos de redenção só podem ser apreciados pelos que conhecem o valor do sangue.

Seria impossível estimar plenamente o valor do testemunho

de um santo no gozo da salvação de Deus. Foi o cântico que ressoou no cárcere interior em Filipos, que foi um testemunho tão grande ao carcereiro e sua família. Em circunstâncias que não davam motivo algum para cantar, Paulo e Silas, com as costas rasgadas e os pés cruelmente presos no tronco, cantavam um cântico de louvor a Deus, à meia noite (Atos 16:25).

Como com todas as coisas boas e santas, o Senhor Jesus é o grande exemplo. Mateus 26:30 diz: *“E, tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras”*. Eu tenho razão para crer que a voz do Senhor Jesus foi ouvida junto com a dos Seus discípulos nessa hora antes de sair para o Getsêmani, e isso deve tocar o coração mais indiferente. Ele também cantou depois da cruz (Hebreus 2:12).

Os cânticos do mundo são muito diferentes. As tendências musicais são como barômetros que indicam as pressões sentidas pela sociedade, e aprendemos muito sobre o clima moral pelas músicas de qualquer período específico. Mesmo um conhecimento mínimo das músicas dos últimos vinte anos revela muita coisa. Frases como *“Aonde vamos quando chegarmos ao fim da estrada?”* ou *“É só isto que há?”* mostram que viver para este mundo e para o presente deixa um vazio no coração. Os versos que não são trágicos são moralmente corruptos, destruindo os fundamentos do casamento, do lar e de tudo que tem sido para a mais rica bênção do homem, através dos tempos. Muito já foi escrito sobre os efeitos conscientes e subconscientes desse tipo de propaganda na mente das pessoas. Acrescente a isso a influência hipnótica de se expor, durante horas, ao ritmo da música rock no volume elevado de som que é tão atraente aos jovens, e o resultado é a entrega da vontade aos efeitos da música. Os efeitos disso têm sido amplamente documentados, e a evidência é que ela produz reações físicas que podem levar a atos imorais.

Jovens precisam de exemplos. Seus modelos são as pessoas que eles admiram. Se um jovem é atraído pelo som da música rock, então não irá demorar muito até ele querer conhecer os cantores e os grupos. Os fãs desses cantores têm um conhecimento vasto dos detalhes íntimos da sua vida. O uso de drogas que modificam a mente e também a fornicação, o adultério e o homossexualismo são os ingredientes principais dessas vidas, e esses elementos, muitas vezes, são explorados pelos que promovem estes

modelos porque sabem que isso irá aumentar a popularidade deles. Não é de se admirar que Satanás pode convencer tantas pessoas de que a escravidão ao pecado é uma gloriosa liberdade! Paulo e Silas estavam mais livres na prisão em Filipos do que a mais “liberada” dessas pobres almas.

“Musica sacra” é um assunto muito diferente, mas devemos todos estar cientes de que uma pessoa não precisa ser habitada pelo Espírito Santo para apreciar “O Messias”, de Handel, ou “O Magnificat”, de Bach. O cântico que agrada o coração de Deus nasce da nossa alegria em Cristo. Os cristãos têm muitos motivos para cantar com alegria ao Senhor. Seria bom lembrar-nos disso quando cantamos com a igreja local. Uma das definições dadas para gozo é “quando o coração canta”. Isso alegra o coração de Deus.

*Senhor, sabemos que não importa
Quão doce seja a melodia.
Somente o coração instruído pelo Espírito
Pode cantar a Ti.*

Cantando com graça - Colossenses 3:14-17

Um coração alegre é apenas um motivo entre diversos para cantar. Colossenses 3 sugere que um coração em paz também canta. Se gozo é descrito como quando o coração canta, a paz é descrita como quando o coração descansa. Colossenses 3:14 é a solução divina aos problemas descritos no versículo 13: “Suportando-vos uns aos outros e perdoadando-vos uns aos outros, se algum tiver queixa contra outro...”. A solução é “Seja a paz de Cristo o árbitro (juiz) em vossos corações” (versículo 15 - ARA). Um espírito incorreto em relação a outro cristão rouba aquela pessoa da nossa comunhão, mas pode também roubar o Senhor do nosso cântico e roubar a paz do nosso próprio coração.

A paz de Cristo é o árbitro (versículo 15), a Palavra de Cristo habita (versículo 16) e o nome do Senhor Jesus constrange e restringe. É instrutivo notar que os versículos 15 (veja ARA) e 16 falam do nome de Cristo, mas o verso 17 dá a Ele o Seu título mais completo, Senhor Jesus. Quando temos apreciado Seu Senhorio, quando Sua palavra está habitando em nós e Sua paz é o árbitro em nosso coração, então poderemos cantar “ao Senhor com graça em nosso coração” (versículo 16).

Cantando com gratidão - Efésios 5:18-20

Gratidão é um sentimento de reconhecimento por bênçãos recebidas. Quando essas são as bênçãos da graça divina, elas são dadas livremente – grátis; mas também é verdade que gratidão no coração do cristão surge espontaneamente – livremente, sem esforço consciente. Em Efésios 5:18-20, é o resultado de estar cheio do Espírito de Deus e está em contraste com os efeitos de estar cheio de vinho.

Esse não é o lugar para discorrer sobre a grande verdade de estar cheio do Espírito. Entretanto, devemos entender, do versículo 17, que essa é a vontade de Deus para todos os cristãos. Um equivalente correto do tempo verbal do versículo 18, em português, seria: “sendo cheios, sede cheios”. É um estado de bem estar espiritual e está distante do estado emocional enlevado que é geralmente apresentado entre os grupos carismáticos como sendo um sinal de estar cheio do Espírito. Colossenses 3:14-17 é uma passagem paralela a Efésios 5:18-20 e usa linguagem quase idêntica. Em vez de nos exortar a nos encher do Espírito, nos ensina que permitamos que a Palavra de Cristo habite ricamente em nós. Torna-se óbvio que o estar cheio do Espírito é muito ligado com a assimilação da Palavra de Cristo.

Quando o Espírito Santo está em controle absoluto, haverá um falar uns aos outros (Efésios 5:19), isto é, um falar de palavras de verdade divina que dão ajuda espiritual. Deveria haver um ponto final, aqui, no versículo 19. Novamente comparamos a passagem de Colossenses, onde *“Ensinando-vos e admoestando-vos uns aos outros”* corresponde ao *“Falando entre vós”*. Em ambas as passagens o *“cantar”* é distinto do *“falar”*. Este falar é para os ouvidos dos outros cristãos, o cantar é para os ouvidos de Deus. Em Colossenses, como notamos acima, o cantar é *“Ao Senhor, com graça em vosso coração”*. Em Efésios, o cantar é *“Salmodiando ao Senhor no coração”*. Esse é o total oposto do “Ministério de Música” que é tão popular entre os evangélicos, onde o talento humano é usado em música e cântico que agradam os ouvidos da congregação. Devemos notar que nas quatro listas de dons espirituais do Novo Testamento não há nenhuma palavra sobre o dom de cantar ou o dom da música. Os que promovem tais talentos na obra de Deus não encontram nenhum apoio na Sua Palavra. O princípio de requerer base bíblica para as nossas atividades não me permitirá dizer que o silêncio das Escrituras

me autoriza.

Alguns anos atrás, num jornal cristão bem conhecido, reconhecido pela sua exposição cuidadosa das Escrituras, havia uma série de artigos sobre o “Ministério da Música”. A coisa mais notável sobre essa bem escrita série de artigos é que, contrariando a norma de citar as Escrituras a cada ponto ensinado, não havia nem um só versículo das Escrituras usado como autoridade. Os autores conheciam bem demais a Palavra de Deus para tentar aplicar as Escrituras de forma errada.

A palavra traduzida “*salmodiando*” em Efésios 5:19 é a palavra grega normal que seria usada para um cântico acompanhado. A música ou orquestração que é descrita é feita no coração. Este é um órgão que o Espírito de Deus afina. Quando a igreja local se reúne e todos cantam juntos, é correto entender que o Espírito Santo é o grande Maestro, atraindo cada coração à melodia de louvor, de tal forma que estamos verdadeiramente “*cantando e salmodiando ao Senhor no... coração*”.

Os *salmos, hinos e cânticos espirituais* devem ser distintos um do outro, ou não estariam listados separadamente. Os salmos são inspirados, os hinos são louvores a Deus e os cânticos espirituais são a recontagem de acontecimentos na história espiritual, que produzem louvor a Deus. Os cristãos ainda cantam essas três formas de louvor.

Cantando com direção - 1 Coríntios 14:14-17

Temos considerado corações gratos, alegres e em paz. Vamos agora ver corações compreensivos. Aprendemos de 1 Coríntios 14:15 que nosso cântico não deve ser algo meramente emocional, sem significado inteligente. A palavra grega *psallo*, que já temos visto em Efésios 5:19, é usada aqui novamente, e nos é dito que este cantar é acompanhado pelo Espírito Santo e pelo entendimento daquele que canta. Esse versículo está descrevendo o cântico da igreja local, e nenhum outro acompanhamento é encontrado no Novo Testamento. Em nossa apresentação das leis de interpretação, afirmamos que o argumento baseado no silêncio das Escrituras é o mais fraco de todos, pois as Escrituras nos dão um modelo positivo para seguirmos. Uma igreja local é “*Templo de Deus*” (1 Coríntios 3:9) e Ele deu a planta para ser seguida pelo construtor que deve ser sábio no seu trabalho, e ver “*cada um como edifica sobre ele*” (versículo 10). À luz deste ensino

é impossível entender como alguém pode dizer que Deus deu somente instrução para o fundamento e que a estrutura pode ser construída de acordo com a preferência do próprio construtor.

Muitas vezes se diz que o Velho Testamento aprova o uso de instrumentos musicais no serviço divino. O Velho Testamento também aprovava o sacrifício de animais, mas isso não seria usado para apoiar o seu uso no Novo Testamento. Todos os rituais do judaísmo eram sombras que passaram depois que Cristo, que é o verdadeiro Antítipo, veio. Veja o capítulo 6 sobre o contraste entre as sombras e a Substância.

Também é importante observar que, embora instrumentos fossem usados no sistema levítico, eles nunca foram usados no santo dos santos. É esta palavra para santuário que é usada de uma igreja local do Novo Testamento (1 Coríntios 3:16,17). A igreja local não é o átrio externo, mas o lugar santíssimo.

As passagens em Colossenses e Efésios que falam do cantar enfatizam o lado direcionado a Deus da verdadeira melodia e ela é feita no coração. O uso de instrumentos musicais no lar não pode ser criticado, mas continua sendo verdade que a verdadeira melodia para Deus vem, não dos instrumentos, mas dos nossos corações. Isto coloca a importância naquilo que agrada o ouvido de Deus, e é isto que importa.

Cantando na Glória - Apocalipse 5:9

Deve estar claro a todo leitor que este cântico do céu enche os átrios celestiais quando o Cordeiro está no meio do trono (versículo 6). Esta é uma cena ainda futura. Há ocasiões especiais de canto nas cenas celestiais e terrestres do milênio (Apocalipse 14:1-3; 15:2-4; 19:1-6), mas parece que Apocalipse 5 descreve um cântico eterno ao Cordeiro no qual todos os redimidos irão participar, eternamente. Sendo que vamos cantar o cântico eterno que nunca envelhecerá, como devemos tomar cuidado para que nossos lábios nunca se ocupem com cânticos indignos do Cordeiro. É a convicção do escritor que instrumentos não têm lugar numa igreja local. Essa era também a convicção dos crentes durante muitos séculos. O uso de instrumentos em cultos religiosos é uma inovação relativamente recente.

17

Tradições

A palavra “tradição” muitas vezes tem um significado pejorativo no Novo Testamento. O Senhor Jesus disse aos fariseus, em Mateus 15:3: *“Por que transgredis vós também o mandamento de Deus pela vossa tradição?”* A isso podemos acrescentar as palavras de Marcos 7:8: *“Porque, deixando o mandamento de Deus, retendes a tradição dos homens”*. Muitos dos ensinamentos escritos e falados dos rabis de Israel, que eram uma ampliação das Escrituras, haviam aumentado no decorrer dos séculos, de sorte que, em volume, excediam em muito às Escrituras. A tragédia é que eram considerados como tendo a mesma autoridade que as Escrituras, e o Senhor Jesus disse aos fariseus que eles haviam até substituído as Escrituras pelas tradições.

Ninguém, nos dias do Novo Testamento, conhecia melhor o efeito maligno das tradições dos anciãos do que Paulo. Ele falou para o rei Agripa II: *“Conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu”* (Atos 26:5). Escrevendo aos gálatas ele disse: *“E, na minha nação, excedia em judaísmo a muitos da minha idade, sendo extremamente zeloso das tradições de meus pais”* (Gálatas 1:14). No entanto, esse mesmo homem, em pelo menos três ocasiões, usou esta mesma palavra “tradições” para se referir aos ensinamentos dos apóstolos, seu próprio ensino e escritos e o modelo de como viver que ele deu aos seus convertidos.

1 Coríntios 11:2: *“De fato, eu vos louvo, porque em tudo vos lembrais de mim e retendes as tradições assim como tô-las entreguei”*

(ARA). Essas tradições se referem ao ensino dos apóstolos, como o contexto mostra claramente. Esse repassar de ensinamentos aos coríntios é descrito nas palavras de Paulo a Timóteo: *“E o que de mim, entre muitas testemunhas, ouviste, confia-o a homens fiéis, que sejam idôneos para também ensinarem os outros”* (2 Timóteo 2:2). Esse repassar de verdades ainda existe e é, certamente, uma tradição boa.

Em 2 Tessalonicenses 2:15 Paulo exorta: *“Irmãos, estai firmes e retende as tradições que vos foram ensinadas, seja por palavra, seja por epístola nossa”*. Seus ensinamentos quando entre eles e sua carta a eles – 1 Tessalonicenses – são chamados de tradições no bom sentido da palavra. No próximo capítulo, essas tradições são mencionadas como sendo não somente ensino oral e escrito, mas também o ensino por exemplo, que ele demonstrou enquanto esteve no meio deles (3:6-12).

Em anos recentes, temos ouvido frequentemente a acusação de que as igrejas locais têm muitas tradições que são práticas e regulamentos meramente humanos, não baseados nas Escrituras, e com muito pouco apelo ou significado para as novas gerações. Tenho ouvido cuidadosamente os que têm feito estas acusações e tenho listado os itens que dizem ser meramente “as tradições dos irmãos”.

Há muitos irmãos que têm preocupações genuínas sobre as práticas na igreja local, e não devemos considerar as suas perguntas como “um ataque à verdade”. Devemos respondê-las. O que segue é uma tentativa de responder, pelo menos, algumas destas perguntas.

1. Por que celebramos a ceia do Senhor, de manhã, no primeiro dia da semana?

Há alguns que dizem que isto é, com certeza, uma tradição dos homens, pois não temos nenhuma Escritura que menciona o horário da ceia e, afinal, ceias se realizam à noite. Nossa resposta abrange o grande princípio das primeiras coisas. Este princípio se volta ao primeiro mandamento, relacionado com as três vezes no ano em que Israel deveria comparecer perante o Senhor. Enquanto estavam acampados ao pé do monte Sinai (Êxodo 23:14-17), o Senhor ordenou: *“As primícias, os primeiros frutos da tua terra, trarás à casa do SENHOR, teu Deus”* (versículo 19). Esse

princípio de primícias incluía as primeiras frutas maduras e até os seus filhos primogênitos, e também a primeira cria do seu gado e das suas ovelhas (Êxodo 22:29,30).

O princípio de prioridade divina continua no Novo Testamento. O ditado *“Buscai primeiro o reino de Deus”* é muitas vezes usado como um versículo evangelístico e, embora a aplicação seja boa, devemos entender que a interpretação no contexto de Mateus 6:33 é a escolha entre servir a dois senhores – entre buscar as coisas materiais para si mesmo e para o presente, ou buscar um reino para a glória de Deus e para a eternidade.

O Senhor Jesus acusou a igreja em Éfeso de deixar o seu primeiro amor. Muitos pensam que isso é o amor por Cristo, que conhecemos como cristãos recém salvos, mas é o amor que tem primeiro lugar em nossos corações, e não o amor que primeiramente tínhamos. O primeiro lugar, o lugar de preeminência em nosso coração e vida e nas igrejas locais, pertence ao Senhor Jesus.

Aqueles que têm aprendido o significado de adoração espiritual saberão que, em contraste com todos os outros serviços, a adoração é voltada a Deus, e significa dar a Deus as primícias dos nossos espíritos redimidos. Este é o pensamento em Hebreus 13:15: *“Portanto, ofereçamos sempre, por ele, a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o seu nome”*. No primeiro dia da semana, não somente adoramos; mas, como as primeiras igrejas locais faziam, damos as primícias ao Senhor.

Paulo estava com pressa quando chegou a Troas em Atos 20:6-12. Ele permaneceu ali sete dias com o propósito específico de partir o pão com os irmãos, no primeiro dia da semana. Devemos notar duas coisas: primeiro a presença do apóstolo não mudou a prática; e, segundo, o objetivo principal não era ouvir Paulo, mas partir o pão. Eles não mudaram o dia, embora isso teria sido muito conveniente para Paulo e seus companheiros de viagem. Podemos deduzir isto porque Paulo tinha a intenção de partir no dia seguinte; portanto, ele chegou numa segunda-feira e partiu na próxima segunda (versículos 6,7,13,14).

Também fica bem claro que o partir do pão aconteceu ao entardecer do primeiro dia da semana. Alguns concluem disso que devemos partir o pão ao entardecer e gastar as outras horas do dia em outros serviços para o Senhor. Em Troas, eles partiram

o pão assim que puderam, pois era um dia normal de trabalho, e não um dia livre. Uma leitura inteligente da Palavra de Deus nos ensina que serviço sacerdotal tem prioridade sobre outros serviços levíticos, que um não pode ficar sem o outro, mas o que é direcionado a Deus tem o primeiro lugar. Portanto, damos à reunião do partir do pão o primeiro lugar, não numa obediência escrava ao relógio, mas porque nos nossos corações nada mais deve preceder ou ter prioridade sobre adoração espiritual.

Em 1 Coríntios 16:1-3, Paulo diz que a coleta aos santos pobres de Jerusalém deveria ser guardada com antecedência e dada no primeiro dia da semana. Ele deu as mesmas instruções às igrejas locais em Listra, Derbe, Icônio e Antioquia da Pisídia. Não era uma instrução específica a Corinto.

Quer seja a apresentação de nosso corpo, nosso louvor ou nosso dinheiro, o princípio sempre é o mesmo, Deus em primeiro lugar.

2. Por que as cadeiras são colocadas num círculo para a reunião do partir do pão?

Muitos anos atrás, quando estávamos tentando ensinar a um grupo de cristãos recém-convertidos as verdades sobre a igreja local, surgiu a pergunta sobre a prática de colocar os bancos em círculo para a reunião do partir do pão. Onde, nas Escrituras, encontrávamos apoio para essa prática? Tive de admitir que eu não tinha uma resposta a essa pergunta. Entre aquela reunião e a próxima, eu li a minha Bíblia de joelhos, e Deus usou esta experiência como uma grande bênção para a minha alma.

Há uma expressão que ocorre muitas vezes na língua original no Novo Testamento. É *“en meso”*, e traz a ideia de um centro com um círculo desenhado ou agrupado ao redor. Geralmente é traduzida *“no meio”* e é a expressão usada para descrever o Senhor Jesus no meio dos doutores da lei, quando Ele tinha doze anos; no meio da multidão que se reuniu para o batismo de João; no meio sobre a cruz, ou no meio do trono como o Cordeiro que havia sido morto. É a expressão usada no precioso versículo: *“Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”* (Mateus 18:20). Num grupo como esse, o Senhor Jesus está no meio com os outros ao Seu redor.

A ideia de estarmos reunidos ao redor Dele não exige um

círculo geométrico, mas é evidente que, quando colocamos as cadeiras na posição costumeira para o primeiro dia da semana, estamos expressando a verdade que Ele está “*en meso*” – no meio, como Ele prometeu. Precisamos dizer, nesse ponto, que temos dado o significado espiritual da colocação das cadeiras na reunião da Ceia do Senhor, mas o Senhor está igualmente no nosso meio em todas as outras reuniões da igreja local. Entretanto, quando a igreja se reúne para ensino ou pregação, nossa atenção está voltada ao homem que está falando, portanto, nos sentamos de frente para ele. Na ceia do Senhor, estamos ocupados com os emblemas e com Aquele de quem os emblemas falam, portanto, nos sentamos de frente para eles. Num círculo, o único lugar de destaque é o centro. Mesmo os irmãos mais capacitados que estão presentes, estão num lugar de igualdade com os outros no círculo.

3. Que autoridade bíblica há para o lugar do indouto?

Temos tratado desse assunto de forma mais detalhada no capítulo 12 deste livro, onde 1 Coríntios 14:15-25 é interpretado no seu contexto.

Há uma razão simples por que o “lugar do indouto” é evidente somente na hora da Ceia do Senhor. É a única reunião da igreja local onde todos precisam participar. Não podemos dizer isso nem mesmo da reunião de oração, pois, embora todos deveriam estar orando silenciosamente enquanto um ora audivelmente, não há a necessidade da participação pública de todos. Essa palavra “participar” é um excelente sinônimo da palavra comunhão em 1 Coríntios 10:16,17.

A expressão “o lugar do indouto” não indica uma localização específica, mas significa que deve haver uma demarcação clara entre aquele que “está na comunhão” e aquele que “não está na comunhão” da igreja local. Não devemos contestar capciosamente uma expressão e perder uma grande verdade espiritual. O “lugar do indouto” não é uma tradição dos irmãos, mas uma prática ensinada com clareza no Novo Testamento.

4. Por que usamos roupas melhores para ir às reuniões?

Nas reuniões da igreja local, as pessoas se vestem com suas melhores roupas. As mulheres, normalmente, usam roupas mais

sociais, e os homens camisas, gravatas e ternos. Não seria isso uma mera tradição dos homens?

Como deveria alguém se vestir para ir às reuniões? Se o Senhor vê os nossos corações, e a aparência exterior não O pode enganar, será que faz diferença como uma pessoa se veste? Não disse o Senhor: *“Acautelai-vos, porém, dos falsos profetas, que vêm até vós vestidos como ovelhas, mas interiormente são lobos devoradores”* (Mateus 7:15)? Essa é uma linha de pensamento e questionamento que ouvimos com frequência, e devemos encarar essa questão e respondê-la, usando somente as Escrituras.

Quando nos reunimos como igreja local, estamos chegando para nos encontrar com o próprio Senhor, e nossa aparência deve mostrar nossa reverência. Se formos chamados a nos encontrar com uma pessoa importante deste mundo, não iríamos vestidos com a mesma roupa que usamos para limpar a casa ou trabalhar no jardim. Eu vejo isso como uma argumentação válida, mas devemos lembrar que não devemos estar mais ocupados com a aparência exterior do que com a realidade interior. Entretanto, eu creio que há Escrituras claras que tratam do assunto de nossa maneira de vestir. Às mulheres é dito que suas vestes devem ser caracterizadas pela modéstia e discrição (1 Timóteo 2:9). Mulheres mais velhas devem ser um exemplo às mais novas nesses assuntos (Tito 2:3-5). Uma mulher mais velha deve ser um exemplo a todos, na esfera de comportamento pessoal e doméstico.

Uma afirmação clara em relação à aparência dos homens é: *“Não vos conformeis com este mundo”* (Romanos 12:2). Estamos vivendo em dias quando roupas rasgadas e com aparência de sujas são ostentadas como se fossem medalhas ganhas por coragem, não por aqueles que precisam usar roupas rasgadas por causa de sua pobreza, mas por aqueles que têm condições de se vestir de forma adequada. Essas pessoas dizem que Deus olha nos seus corações e sabe quem realmente são, mas o erro desse argumento é que a aparência externa é um testemunho, e os homens não podem ver nossos corações - eles veem somente o exterior.

Também devemos lembrar que nem os homens nem as mulheres devem procurar atrair atenção a si mesmos. Somos um testemunho do nosso Senhor ausente e devemos sempre

procurar dirigir a atenção dos outros a Ele. De fato, devemos nos vestir de tal forma que possamos esquecer completamente da nossa aparência. Isso nos salvaria de cair nos extremos de nos vestir de maneira relaxada ou ostensiva.

Há cristãos em muitos lugares que, devido à pobreza, não podem “se arrumar” como muitos que não estão na mesma condição que eles. Esta é uma boa oportunidade para aqueles que podem para mostrar sua generosidade, mas não importa quais sejam nossas condições, nossas vestes nunca devem ser uma demonstração de posição social ou riqueza.

Há proibições claras quanto ao uso, no pescoço, pulso ou nas orelhas de adereços de pérolas, ouro ou jóias preciosas tão comuns na sociedade moderna (1 Timóteo 2:9; 1 Pedro 3:3). Há instruções claras para a cabeça descoberta do homem e o cabelo curto, e a cabeça coberta das mulheres e seu cabelo comprido, e isso deveria ser o suficiente para resolver o assunto para todo cristão sincero (1 Coríntios 11:2-16).

Nada é dito sobre a cor, o formato, ou o estilo específico das roupas. A Bíblia nos dá princípios de modéstia e discrição e são princípios que todo cristão pode entender. Nunca devemos fazer com que nossa aparência tire a atenção das pessoas daquela Pessoa que condescendeu em tomar o Seu lugar no meio do nosso ajuntamento.

Roupas não devem camuflar a identidade pessoal masculina ou feminina. No princípio, Deus criou o homem e a mulher, e a presente moda unissex tem sua origem no pecado e na rebelião do homem. Que privilégio ser uma testemunha silenciosa para Deus nesta dispensação ímpia, pela nossa simples aparência.

5. Não é mera tradição falar de uma “reunião”?

Onde encontramos autoridade para os vários tipos de reunião?

Felizmente essa é uma pergunta fácil de responder. Em nossas “reuniões” nós nos encontramos com o Senhor e uns com os outros. Sete vezes em 1 Coríntios temos a expressão “*quando vos ajuntais*” e, além disso, temos a expressão “*na igreja*”, ou semelhante, dez vezes. Nas reuniões da igreja local em Corinto aprendemos, no capítulo 14, que eles cantavam hinos, se dirigiam a Deus em oração e falavam sobre a Palavra de Deus aos que estavam reunidos. Esta é uma ordem simples, mas ainda

a seguimos.

Provavelmente as primeiras igrejas locais não tinham o tempo livre para se reunir frequentemente como nós, de sorte que um ajuntamento pode ter sido usado para vários tipos ou todos os tipos de reuniões mencionadas. Isso não impede que vejamos vários tipos de reuniões no Novo Testamento. A reunião do partir do pão tinha importância suprema, e a reunião de oração era uma prática regular (Atos 2:42). Quanto às reuniões para edificação e ensino para os crentes ou estudos bíblicos, 1 Coríntios 14 é a autoridade que temos. A reunião dos anciãos é a única reunião separada, e é descrita em Atos 20:17-38. A reunião para relatório dos esforços no evangelho em lugares distantes é descrita em Atos 14:26-28; e a reunião à parte, para exercer disciplina, é encontrada em 1 Coríntios 5:4. Aqui temos seis reuniões, e a sétima é uma atividade que tem como ponto de partida a igreja local; isto é, o evangelho publicamente proclamado em todas as regiões ao redor (1 Tessalonicenses 1:8). Algumas Escrituras foram mencionadas, mas muitas outras poderiam ser citadas para apoiar esses sete tipos de reunião.

A reunião de escola dominical faz parte do testemunho evangelístico de uma igreja local. Não temos nenhuma Escritura que descreva essa reunião, mas temos princípios para a sua realização. *“Tu e a tua casa”* e *“Falarás a teus filhos”* são princípios que ainda prevalecem. Pode ser que falar com as crianças seja o serviço mais importante de todos os que são realizados no evangelho. Ao invés de ser um trabalho secundário, que qualquer um pode fazer, é o próprio fundamento de todo trabalho evangelístico.

Uma comparação entre Atos 13 e Atos 17 irá nos mostrar o mesmo homem pregando, mas de maneiras muito diferentes. Era o mesmo evangelho, o mesmo Cristo, no entanto, que contraste! A explicação é que os ouvintes eram totalmente diferentes. Como um sábio ganhador de almas, Paulo pregava para alcançar cada um de seus ouvintes, e pregava de acordo com as necessidades deles. Por essa razão, devemos adequar nossa mensagem aos nossos ouvintes, assim, as crianças precisam ouvir lições que possam entender com clareza.

Há outras práticas que alguns dizem ser meras tradições dos homens: o silêncio das irmãs (1 Coríntios 14:34; 1 Timóteo 2:9-15), a ausência de instrumentos musicais nos nossos ajuntamentos

(1 Coríntios 14:15), a separação dos crentes da política (Filipenses 3:20), a proibição do jugo desigual (1 Coríntios 7:39; 2 Coríntios 6:14-18) e a recusa de fazer uma coleta na reunião de evangelização (3 João 7), mas esses assuntos são tratados em outras partes deste livro.

Temos visto que várias das nossas práticas, que alguns dizem ser meras tradições dos homens, têm realmente apoio bíblico , ou princípios espirituais que nos dão motivo para continuar com elas.

18

Disciplina na Igreja Local (1)

Ficáramos muito mais felizes se o assunto solene dos próximos três capítulos nunca precisasse ser considerado. Para Paulo era uma tarefa difícil escrever aos coríntios sobre a disciplina, entretanto era necessário. A linguagem de 2 Coríntios 7:2-13 descreve, de maneira tocante, a agonia do seu espírito quando ele foi obrigado a escrever para corrigir o pecado no meio deles. O assunto é doloroso e desagradável, mas absolutamente necessário.

Já vimos, ao examinarmos as Escrituras, que a primeira menção de uma igreja local tem como pano de fundo o fracasso humano (Mateus 18:15-20). Temos sugerido que, embora isso seja muito solene e humilhante, também é encorajador. É fácil imaginar que uma ordem correta de se reunir e um funcionamento correto da igreja local produzirá um testemunho que, de alguma forma, será isento de pecado ou falha. Nunca temos visto um testemunho local assim, e Aquele que conhece os corações de todos os homens nunca sugeriu que um testemunho assim existiria. Tudo que a mão do homem toca se torna imperfeito pelo seu toque, entretanto o encorajamento está no fato que agradou a Deus, através dos séculos, usar instrumentos imperfeitos para fazer a Sua obra perfeita. O testemunho tem sido mantido para Deus, não por causa do fracasso humano, mas apesar dele.

A maneira normal de apresentar ensinamento sobre a

disciplina na igreja seria começar com os aspectos menos severos e que não necessitam da exclusão da comunhão, para depois considerar os pecados mais graves que a exigem. Optamos pela ordem contrária e, ao introduzir o assunto, é importante percebermos a necessidade absoluta de medidas disciplinares. O pecado sempre cresce onde não é julgado. Esse é um princípio moral ligado a todo tipo de pecado. O sábio rei Salomão expressa isso quando ele diz: *“Visto como se não executa logo o juízo sobre a má obra, por isso o coração dos filhos dos homens está inteiramente disposto para praticar o mal”* (Eclesiastes 8:11). Todo juízo contra o mal tende a conter o mal.

Ao tratar da disciplina na igreja, como explicado acima, vamos olhar primeiramente os pecados que requerem o “afastamento” da pessoa culpada da comunhão da igreja, e depois iremos ver outras formas de disciplina que são tão bíblicas quanto o afastamento, entretanto, por um motivo ou outro, raramente são executadas.

Disciplina por erro doutrinário

Os dois homens mencionados em 1 Timóteo 1:18-20 não eram culpados somente de usar o nome do Senhor em vão, embora isso seja um pecado grave. A blasfêmia pela qual eles eram acusados era um erro doutrinário como podemos ver na afirmação, *“Conservando a fé e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé”* (versículo 19). Himeneu e Alexandre haviam naufragado com relação à fé. Temos mais provas de que o seu pecado era um erro doutrinário nos versículos 3 a 7 desse capítulo, onde os falsos ensinadores são expostos. É neste sentido que devemos entender a frase: *“Entre esses foram Himeneu e Alexandre”*.

Blasfêmia é um insulto feito contra Deus. Esses homens eram culpados de falar blasfêmias para desonrar o Senhor Jesus e as doutrinas do evangelho, que nessa epístola são chamadas de a fé, a verdade, o depósito e o mandamento. Esse precioso cargo de despenseiro da verdade foi dado a Paulo e, mais tarde, a Timóteo, para eles praticarem, preservarem e pregarem (1 Timóteo 1:11; 2 Timóteo 1:14). Paulo se julgava a pessoa mais indigna de receber essa confiança, pois ele mesmo fora, na sua cegueira religiosa, um blasfemo (1 Timóteo 1:13). Como fariseu que era, inculpável quanto à lei, Paulo não pode estar dizendo que ele tomara o

nome de Deus em vão. Pelo contrário, ele diz que falava de forma blasfema contra as reivindicações do Filho de Deus. Este é o contexto correto para compreendermos a acusação de blasfêmia. É claro que este significado não se limita a este capítulo. É desta maneira que a palavra blasfêmia é usada em 1 Timóteo 6:1; Tito 2:5; 2 Pedro 2:2 e 2 Pedro 2:12.

Esses homens foram entregues a Satanás, e o único guia que temos para a compreensão dessa expressão é 1 Coríntios 5:5: *“Seja entregue a Satanás para destruição da carne, para que o espírito seja salvo no Dia do Senhor Jesus”*. Em ambas as passagens isso abrange, pelo menos, a remoção da pessoa culpada da comunhão da igreja local. Fazer naufragar na fé e ser culpado de blasfêmia contra a fé não são afirmações indefinidas. Elas descrevem o falso ensino que afeta a Pessoa de Cristo e as grandes doutrinas da verdade do evangelho.

Em 2 Timóteo 2:17-18, há um homem chamado Himeneu que é ligado a um homem chamado Fileto. Eles *“se desviaram da verdade”*. Seu erro era em relação à ressurreição futura, dizendo que já havia passado, e eles *“perverteram a fé de alguns”*. Tais descrições de erros irão guiar os irmãos anciãos quando forem considerar casos de doutrina falsa. Nunca devemos afastar um homem da comunhão por uma interpretação errada de uma determinada Escritura se ele mantiver firme a fé uma vez dada aos santos; mas, quando ele nega a fé, precisa haver excomunhão, pois Paulo, escrevendo aos gálatas sobre tais erros doutrinários, disse *“Um pouco de fermento leveda toda a massa”* (Gálatas 5:9).

A afirmação de 1 Timóteo 1:20 sugere que os dois homens que foram entregues a Satanás não estavam além do alcance da restauração. A disciplina era *“para que aprendam”*. Será que nós desistimos depressa demais de alguém que caiu no erro? As palavras de Paulo a Timóteo devem nos instruir na tarefa bendita de buscar os que estão em erro: *“Apto para ensinar, sofredor; instruindo com mansidão os que resistem, a ver se, porventura, Deus lhes dará arrependimento para conhecerem a verdade”* (2 Timóteo 2:24,25).

Disciplina pela recusa de confessar o erro

Há aqueles que concordam com tudo o que falamos sobre 1 Timóteo 1 que agora poderão discordar sobre a nossa

interpretação de Mateus 18:15-20. Mostrando o devido respeito para com aqueles que diferem na sua interpretação dessa passagem, eu entendo que os versículos 17 e 18 de Mateus 18 ensinam excomunhão. Alguns dizem que isso poderia ser usado por homens vingativos para “se livrar de alguns”. Seja o que for que poderia ser dito sobre a possibilidade de líderes professos se rebaixarem a tal ponto de depravação, certamente devemos, com toda a honestidade, examinar as palavras do nosso Senhor no seu contexto.

Uma falha foi cometida por um homem contra seu irmão (versículo 15). A solução completa do caso é dada pelo Senhor nesse versículo. Aquele que foi ofendido deve ir sozinho ao que pecou contra ele e falar-lhe face a face da sua falta, em particular, sem antes ter contado o fato a meio mundo. Se uma confissão for feita, o assunto está resolvido. Um pouco de humildade resolve muito. Esta recuperação deve ser ligada à recuperação da ovelha que se extraviou (versículos 12-14).

“Mas se não te ouvir...” (versículo 16) Agora chega a hora de incluir mais um ou dois, ficando assim um total de dois ou três cientes do problema. O Senhor não diz: dois ou três presbíteros da igreja local, por razões óbvias. Os únicos presbíteros conhecidos naquele tempo eram os anciãos judeus, e o que temos aqui tem em vista os dias quando o Senhor estivesse ausente e as igrejas existiriam, com um presbitério reconhecido em cada uma delas. Somente um homem tolo não levaria consigo homens de confiança, em quem ele e a igreja pudessem confiar, em outras palavras, presbíteros. Se algum leitor tem dificuldade em entender que aqui se trata de presbíteros, será necessário concordar quando chegamos ao versículo 17, pois não é possível pensar nesse assunto sendo tratado na igreja local sem o funcionamento correto e bíblico do presbitério.

Duas ou três testemunhas não conseguem fazer o homem confessar a sua falha. Vamos deixar bem claro que o Senhor já afirmara, no versículo 15, que o homem era culpado de transgredir contra seu irmão. Os presbíteros, muitas vezes, são envolvidos em problemas onde não há uma palavra direta por parte do Senhor, e depois de ouvir, cuidadosamente, os dois lados da história, ficam convencidos de que nenhum pecado foi cometido, ou talvez que ambos os lados são culpados. Homens sábios irão agir com muita cautela quando há alguma dúvida.

Não precisamos complicar o caso com problemas adicionais, pois o Senhor deixou claro que esse homem era culpado, e recusou confessar a sua culpa perante duas ou três testemunhas.

Agora o assunto é levado perante a igreja local, o que literalmente significaria todos os presbíteros e todos os salvos (Filipenses 1:1). *“Se recusar ouvir também a igreja”* é a tradução correta desta parte de versículo 17. O verbo grego (*parakouo*) usado aqui literalmente significa ser voluntariamente surdo. Essa recusa de ouvir a igreja é uma acusação muito grave.

O Senhor não deixou de falar sobre esse assunto no final do versículo 17. Ele diz: *“Em verdade vos (plural) digo que tudo o que ligardes (plural) na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu”* (versículo 18). Literalmente, isso significa que qualquer coisa que vocês, a igreja local, ligarem na terra será, tendo sido ligado no céu (a gramática justifica esta tradução). É muito difícil considerar este ligar e desligar como se referindo a qualquer outra coisa. Bom senso nos diz que se refere ao assunto do ofensor que recusou ouvir a igreja e é tirado da comunhão, e se torna como um gentio ou publicano, para a igreja local, até ao dia quando ele resolve ouvir a igreja e confessar o seu erro. Portanto, a disciplina na igreja local é somente uma execução, na igreja local, daquilo que Deus decretou que precisa ser feito.

A parábola que antecede essa parte é muito diferente da parábola semelhante em Lucas 15. Aqui, não é uma ovelha perdida, mas uma ovelha desgarrada. *“E, se, porventura, a achar”* sugere a possibilidade de que a busca do pastor possa ser infrutífera. O homem que ofendeu (versículo 15) é uma ovelha desgarrada, e os dois ou três são pastores procurando a ovelha que se desgarrou. Mantendo a parábola em mente, esclarece toda a passagem. Dois ou três estão buscando a restauração do extraviado, desejando ardentemente a sua restauração e lembrando sempre dele em suas orações (versículo 19).

19

Disciplina na Igreja Local (2)

Vamos agora considerar uma passagem bem abrangente da Palavra de Deus. 1 Coríntios 5 trata, de uma maneira completa, do assunto de julgar um pecado moral.

Alguns ensinam que a razão pela qual o homem em Corinto foi afastado da comunhão da igreja foi porque ele teve uma atitude impenitente. Ele foi “afastado” por uma atitude, não por um ato. Esse ensino é falso, pois diz que a fornicção não requer um afastamento da comunhão se a pessoa culpada se arrepende, confessa o seu pecado a Deus e for restaurada.

Esse ensino cria não um problema, mas muitos. Quantas vezes é possível se arrepender de atos como esses, confessá-los e professar abandoná-los? Cada cristão sabe, por experiência própria, que somos obrigados a confessar “pecados menos graves”, assim chamados, vez após vez. Houve um verdadeiro arrependimento e confissão, mas, como no caso do pecado de orgulho, ira pecaminosa ou pensamentos maus, temos, vez após vez, cometido os mesmos pecados que temos confessado e pelos quais fomos perdoados. Será que não houve arrependimento verdadeiro ou confissão verdadeira ou perdão verdadeiro? Então, se é assim que o pecado moral deve ser tratado, a mesma graça perdoadora precisa ser aplicada, e inúmeros atos de fornicção podem ser confessados e perdoados, em particular, sem qualquer ação da igreja local. Esse ensino escancara a porta para a entrada do pecado numa igreja local..

O segundo problema está relacionado ao número de vezes que

o ato pode ser cometido sem podermos acusar o culpado de falta de arrependimento. Grandes dificuldades surgirão se afirmamos que *um* ato não é motivo para “afastar da comunhão”, mas cinco são. Qual número arbitrário de atos deve ser considerado como o suficiente para a igreja local agir? E, depois, qual deve ser o período de tempo? Se houver um intervalo de tempo entre dois atos de pecado, digamos três meses, isso faz alguma diferença? Isso não é uma suposição vaga, pois afeta o princípio real de “viver em pecado” e se é um ato ou uma permanência em pecado. Depois, teríamos de perguntar se há alguma diferença entre culpados solteiros e casados, e, se forem solteiros, se pretendem se casar futuramente. É possível que essas perguntas tenham tantas respostas diferentes quanto o número de pessoas que tentarem respondê-las. Entretanto, a Palavra de Deus responde todas essas perguntas para nós, simplesmente afirmando que um ato de fornicação requer o afastamento da comunhão.

Cícero, o orador e político romano, diz que o pecado do homem de 1 Coríntios 5 nunca foi mencionado na sociedade romana por ser tão vergonhoso. Seu pecado era conhecido entre os santos, no entanto eles não lamentavam o fato, pelo contrário, se encheram de orgulho. O versículo 2 indica que, se a igreja tivesse verdadeiramente lamentado o pecado, Deus teria removido o ofensor. Eu considero que essa remoção seria no sentido daqueles descritos em 1 Coríntios 11:30. A razão por essa interpretação é que “*ter sido dentre vós tirado*” está no tempo aoristo passivo (no grego), isto é, não seria um ato da igreja. Sua falta de uma atitude correta significou que o homem permaneceu para poluir a igreja local.

Duas vezes é afirmado que esse homem que havia possuído a mulher de seu pai era culpado de um ato; em ambos os casos (versículos 2 e 3) o substantivo é singular. No versículo 2 (no grego) o tempo verbal é um particípio aoristo, na voz ativa, no gênero masculino e singular - “*quem cometeu tal ação*”. Isso é importante, pois não se refere a uma atitude, mas a um ato de pecado. Novamente, no versículo 3 (no grego), o tempo verbal é o aoristo singular, referindo-se novamente a um ato cometido. Ninguém pode dizer que se refere a mera falta de arrependimento. Esse homem foi julgado (versículo 13) por um pecado cometido, e não por uma atitude impenitente acerca do seu pecado. É isto que devemos ter em mente quando é dito que somente uma atitude impenitente requer afastamento da

comunhão, como uma última opção.

A igreja deveria se reunir com o propósito específico de tratar com o ofensor (versículos 4 e 5). Isso é importante. A igreja local em Corinto convocou uma reunião com a finalidade de executar disciplina. Uma prática comum é exercer a disciplina no final da reunião do partir do pão, quando aqueles que ocupam o lugar do indouto são convidados a se retirar, o que eles fazem, mas ficam imaginando o que pode estar havendo, e talvez tentando descobrir! Mas não convém que os que não são membros assistam o ato de exclusão. Permita-me sugerir que deveria haver uma reunião específica e separada da igreja local, para aplicar a disciplina!

Em Corinto, a igreja local se reunia em nome do Senhor Jesus, com Sua autoridade plenamente reconhecida, para remover da igreja local o fermento que estava fazendo com que a massa toda ficasse levedada (versículos 4-8). Essa é a razão principal para a disciplina. A igreja local é o templo do Espírito Santo e deve ser caracterizada por aquela santidade e justiça que faz com que seja chamada de *“a igreja de Deus”*.

A segunda razão pela disciplina que remove o fermento da igreja local é para impedir que toda ela seja atingida pelo mal (versículo 7). Eu acho impossível concluir disso que Paulo está dizendo que o pecado de possuir a esposa do pai iria se espalhar, isto não. Talvez essa forma de pecado moral nunca mais seria repetida, mas outras formas poderiam entrar. *“Não sabeis que um pouco de fermento faz levedar toda a massa?”*, sem dúvida significa que o pecado moral não julgado abrirá a porta para outros caírem na imoralidade. Sabemos que é exatamente isto que acontece. Paulo escreveu a Timóteo, em outro contexto, mas o princípio se aplica, *“Aos que pecarem, repreende-os na presença de todos, para que também os outros tenham temor”* (I Timóteo 5:20).

Não temos provas de que o homem que possuiu a mulher de seu pai fosse culpado dos outros pecados morais mencionados no versículo 11. Talvez ele fosse, mas não sabemos. Paulo usa o caso do homem para frisar a necessidade de julgar o pecado no meio deles. *“Não vos associeis com aquele que, dizendo-se irmão, for devasso, ou avarento, ou idólatra, ou maldizente, ou bebedor, ou roubador; com o tal nem ainda comais.”* Os versículos 12 e 13, que vêm logo em seguida, não deixam nenhuma dúvida: alguém culpado de qualquer dos pecados mencionados também deve

ser “afastado” da comunhão.

Disciplina por fornicação

Um ato de fornicação faz da pessoa culpada um fornicador. Esse é um termo abrangente no Novo Testamento e se refere a todo pecado sexual cometido com outra pessoa quando ocorre uma penetração no corpo da outra pessoa. Somos confrontados com tantas formas de pecado que precisamos ser claros e diretos sobre o significado da palavra. Fornicação inclui atos homossexuais, relações com animais e as práticas de sexo oral que são comuns neste dia tenebroso e perverso, como também relações sexuais normais entre pessoas que não são casadas uma com a outra, sejam os culpados casados ou solteiros. Somente o leito matrimonial é sem mácula (Hebreus 13:4), todo o resto é pecado. A palavra grega para fornicação, *porneia*, tem este significado amplo no Novo Testamento, como uma comparação cuidadosa do seu uso mostrará. A masturbação não é um ato de fornicação. É pecado, mas não este tipo de pecado, e não é motivo para afastar da comunhão. Eu lamento profundamente ter de escrever ou mencionar tais coisas, mas os irmãos estão constantemente enfrentando estas questões e procurando ajuda sobre como tratar com essas coisas, e somos obrigados a falar claramente.

Já ouvi pessoas dizerem: “O Senhor Jesus não disse que *‘Qualquer que atentar numa mulher para a cobiçar, já em seu coração cometeu adultério com ela’* (Mateus 5:28)? Como podemos, então, ser tão duros com alguém que comete um ato de fornicação?” Um pensamento impuro contamina a pessoa que teve o pensamento e ninguém mais, mas um ato impuro contamina outros. Um pensamento impuro nunca pode fazer o corpo de um cristão se tornar membro de uma meretriz (I Coríntios 6:15), pois há muita diferença entre um pensamento e um ato.

Disciplina por avareza

Uma pessoa avarenta ou cobiçosa é uma pessoa que comete atos de cobiça. Não é possível ou bíblico aos homens julgar motivos ou pensamento interiores, mas, quando uma pessoa rouba, ou está envolvida em se beneficiar de posses que não são obtidas de forma honesta, ela é culpada de um ato avarento. Esse ato requer afastamento da comunhão.

Talvez uma palavra de cautela seja necessária aqui. Homens sábios irão fazer o possível para determinar o grau de culpabilidade. Uma diferença deve ser feita quando há uma dúvida sobre a saúde mental da pessoa envolvida.

Nos nossos dias, quando é lícito apostar em loterias, o cristão que se ocupa nisso é culpado de um ato de avareza e deve ser julgado pela igreja local onde ele está em comunhão. Os irmãos que tratam desses problemas modernos necessitam de muita sabedoria. Dificilmente seja necessário afastar uma pessoa da comunhão por ter comprado um bilhete de loteria. Porém, se um membro da igreja aceitasse os ganhos da loteria, ele teria de ser afastado com sincera preocupação e oração pela sua restauração.

Disciplina por idolatria

Um idólatra era uma pessoa que se curvava aos ídolos do mundo pagão. Ligado aos templos dos ídolos havia muitas formas de imoralidade. Tendo sido salvo de tais condições (1 Coríntios 6:9-11), mas estando cercados por elas, os convertidos em Corinto precisavam de um aviso especial. Novamente, a igreja local deveria julgar somente um ato consumado. Somente Deus pode julgar pensamentos maus no coração.

Disciplina por maldizer

Maldizer é difamar com o propósito de destruir o outro. É diferente de falar mal, pois é direcionada contra a autoridade divinamente constituída. Vemos isso no seu uso em Judas 8,9 e II Pedro 2:10-12. Quando um cristão professo fala contra os presbíteros, com o propósito planejado de tirar-lhes a responsabilidade que o Espírito Santo lhes deu, ele é um maldizente. Não se trata duma pessoa que perde a paciência e fala coisas pelas quais se arrepende logo em seguida. É possível maldizer qualquer cristão, mas o pecado de maldizer, nas duas passagens do Novo Testamento onde temos ilustrações disto (Judas e 2 Pedro 2), é a atitude errada contra uma autoridade divinamente constituída, que é geralmente expressa em explosões de fala, que enfraquecem ou tentam enfraquecer aquela autoridade. Novamente repetimos que a única autoridade que os presbíteros possuem é a autoridade da Palavra de Deus.

Muitos têm tentado distinguir entre falar mal e maldizer pela maneira como as palavras são faladas; se forem ditas

calmamente, isso é falar mal, se forem em tom alto e com uma voz irada, isso é maldizer. Distinguir as duas coisas por esse método vai resultar num juízo subjetivo, pois o tom de voz e o volume da voz dependeriam muito da personalidade de quem fala. A melhor maneira de diferenciar entre falar mal e maldizer é entender o verdadeiro significado de maldizer. É uma atitude persistente de opor-se ao governo espiritual que o Espírito Santo tem levantado numa igreja local e falar contra ela com o propósito de derrubar essa liderança ou, pelo menos, fragilizá-la.

Disciplina por bebedice

A palavra beberão, *methusos*, significa uma pessoa que é dada à bebida forte. A própria palavra traz a ideia de hábito. A melhor maneira de ser preservado do hábito é abstenção total de qualquer forma de álcool. Uma em cada dez pessoas é um alcoólatra em potencial, portanto, um cristão é preservado pelo fato de nunca se expor a esse perigo. Ligado ao uso da bebida alcóolica está quase todo o pecado moral conhecido entre os homens. Controle moral ou inibições são enfraquecidos ou totalmente apagados pelo álcool, portanto, a bebida tem um papel importante na imoralidade que é tão comum nesta era moderna.

Disciplina por roubo

Um roubador é uma pessoa que se apossa fraudulentamente das possessões de outras pessoas. Seja por engano, trapaça ou malandragem, ele consegue vantagem para si nos negócios. Vivemos num dia de propaganda enganosa. Se isso não é tão extremo quanto o roubo, pelo menos chega perto, mas o roubo tem também a ideia de se apossar por força, obrigar uma pessoa mais fraca a ceder.

Um cristão professo precisa ser “afastado” da comunhão da igreja local por qualquer desses seis pecados. O versículo 13 mostra claramente que uma igreja local tem um determinado número de membros, e a pessoa “afastada” é colocada fora deste número até quando for restaurada.

Restauração depois da disciplina

1 Coríntios 5:5 prova que o homem culpado de pecado era um verdadeiro cristão. Não vejo outra forma de entender a salvação do seu espírito no dia do Senhor Jesus. Não podemos provar,

para a satisfação de todos os estudiosos destas epístolas, que esse homem foi restaurado à igreja em Corinto, mas o ensino de 2 Coríntios 2:1-11; 7:3-13 é muito importante para entendermos os princípios de restauração.

Toda disciplina na igreja local tem como alvo a restauração. O uso da palavra disciplina indica uma forma de correção por meio de castigo, em contraste com admoestação, que é uma correção por meio de palavras. É de grande ajuda ver a restauração dos dois pontos de vista, da igreja e da pessoa sendo restaurada.

Restauração e a igreja local

Quando um pecado que requer disciplina é descoberto na igreja local, deveria produzir um espírito de luto. Isso estava faltando na igreja em Corinto (1 Coríntios 5:2). Temos uma ilustração solene na maneira como um leproso era tratado em Israel. Quando a lepra era encontrada numa casa (Levítico 14:34-53), as pedras nas quais a lepra era encontrada eram tiradas e lançadas num lugar impuro, a casa toda era raspada, outras pedras eram trazidas para substituir as tiradas, e a casa era purificada pelo sangue de uma ave morta e pela soltura de uma ave viva. Isso é apenas uma ilustração, mas é uma ilustração boa. Quando um pecado que requer afastamento da comunhão surge numa igreja local, aqueles contaminados pelo pecado são afastados, a casa toda é raspada, e o bendito valor do sangue é aplicado como também a verdade do Senhor ressurrecto que venceu o pecado e ressurgiu em triunfo sobre a morte. Como temos sentido a raspagem de cada pedra quando o pecado vem à tona! Como Jacó, temos sido levados a dizer: *“Quão terrível é este lugar! Este não é outro lugar senão a Casa de Deus”* (Gênesis 28:17). Depois, quando os que foram afastados são novamente restaurados à comunhão da igreja local, é como se novas pedras estivessem sendo colocadas e toda a lembrança do pecado é afastada das mentes e dos corações dos santos. Louvemos a Deus pelo precioso sangue e pelo Senhor ressurrecto por meio de quem tudo isso é possível!

Restauração e a pessoa restaurada

O ensino de 2 Coríntios 2:1-11 precisa ser estudado cuidadosamente. A igreja foi muito lenta em julgar o pecado em 1 Coríntios 5 e, nesta segunda carta, eles estavam sendo

vagarosos em restaurar o cristão que havia sido afastado. O que é necessário para a restauração? A resposta dos capítulos 2 e 7 dessa segunda carta é que a igreja local deve estar certa de que houve arrependimento.

Quando a confissão é voluntária, o trabalho de arrependimento já está em andamento. Quando o pecado é descoberto e a confissão é compulsória, a situação pode ser bem diferente. Irmãos sábios serão capazes de ver essa distinção. Evidência de arrependimento nem sempre é vista através de lágrimas e nem mesmo de um rosto triste. O temperamento da pessoa precisa ser considerado. Frequência constante nas reuniões e uma atitude correta para com Deus, para consigo mesmo e para com os outros, acompanhado de um desejo sincero de ser restaurado à comunhão da igreja local são bons indícios. Não há um tempo exato para uma pessoa ficar fora da comunhão. As evidências genuínas de restauração são o único verdadeiro pré-requisito para uma pessoa ser recebida de volta à comunhão. Quando um cristão é restaurado, ele deve ser perdoado e confortado; o amor deve ser confirmado para com ele (2 Coríntios 2:7,8). O perdão é exigido e deve ser dado livremente, mas a confiança precisa ser conquistada.

Quando os presbíteros estão satisfeitos que o arrependimento é evidente e verdadeiro, eles devem comunicar isso à igreja e anunciar que a pessoa ou as pessoas serão recebidas de volta, se não houver objeções *bíblicas* para isso. Irmãos sábios saberão julgar se uma objeção tem base bíblica, e não é simplesmente o resultado de orgulho pessoal ou preconceito. Uma objeção que não tem base bíblica é totalmente inválida, e quem fez a objeção deve ser informado disso pelos presbíteros. Esse tipo de objeção não deve manter uma pessoa afastada da comunhão, se os anciãos creem que houve verdadeiro arrependimento. A igreja não é uma democracia, nem um lugar para impor a vontade própria (Tito 1:7). Precisamos ter certeza de que a objeção tenha autoridade bíblica.

20

Disciplina na Igreja Local (3)

Há diversas Escrituras que tratam de várias formas de **disciplina interna**. Vamos tentar examiná-las neste capítulo e descrever seus efeitos numa igreja.

1. Restauração de uma ofensa - Gálatas 6:1

“Irmãos, se algum homem chegar a ser surpreendido nalguma ofensa, vós, que sois espirituais, encaminhai o tal com espírito de mansidão, olhando por ti mesmo, para que não sejas também tentado.” A palavra “ofensa” é uma das palavras do Novo Testamento para pecado (Efésios 1:7; 2:1 etc.). Não sabemos qual a natureza do pecado. Não pode ser um dos pecados de 1 Coríntios 5:11. Temos ensino claro sobre como estes devem ser tratados. O homem aqui foi “surpreendido”, isto é, foi pego de surpresa, por descuido. Não foi uma escolha intencional. Ao tratar com um caso assim, devemos mostrar amor e cuidado fraternal, *“Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo”* (Gálatas 6:2). Embora os irmãos envolvidos na restauração sejam espirituais (*“vós, que sois espirituais”*), eles mesmos devem ser cuidadosos, olhando por si mesmos, para que não sejam também tentados. Isso reforça a ideia de que é um pecado que poderia “surpreender” qualquer cristão.

2. A oração dos presbíteros - Tiago 5:13-16

Tiago 5 descreve um cristão que está doente. Existe o fato oculto que esta doença vem de Deus por causa de pecado (versículo 15). *“Confessai as vossas culpas (hamartias – pecados) uns aos outros e orai uns pelos outros, para que sareis”* (versículo 16), é o comentário do Espírito Santo sobre o caso. Usando isso como guia, podemos dizer que o cristão pecou, ele ficou enfermo e, consciente da mão julgadora de Deus, ele chama os presbíteros e confessa os seus pecados. Eles oram por ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor, e ele é curado. Tiago foi uma das primeiras epístolas a ser escrita, mas está longe de ser obsoleta.

O problema, naturalmente, é o significado do ungir com óleo. Esse não era um caso de exercer o dom de cura, que era comum nos primeiros dias do testemunho. O homem não chama os apóstolos ou outros que tinham o dom de curar; ele chama os “presbíteros da igreja local”. Por essa razão não creio que o óleo seja uma forma de cura divina. Era, provavelmente, um medicamento aplicado.

3. Arrebatando do fogo - Judas vs 17-23

Estes versículos descrevem casos muito semelhantes aos dois já vistos. A diferença é que o falso ensino dos apóstatas teve um efeito maléfico sobre todos os que ouviram. Nem todos são afetados da mesma maneira; alguns foram totalmente contaminados, mas por este meio foi provado que não eram genuínos (versículos 17-19). *“Mas vós, amados...”* mostra o contraste entre os que foram vencidos e os vencedores. Entretanto, havia alguns que estavam tão afetados que estavam vacilando (versículo 22); eles estavam em dúvida sobre o que era certo e o que era errado. A tais cristãos fracos devemos mostrar misericórdia. Eles precisam de ensino, e este deve ser dado com compaixão. Há outros que foram enganados pelo ensino falso, e eles precisam ser arrebatados do fogo. Depois, há ainda uma terceira classe, que estava contaminada. Os que estão envolvidos nessa “obra de recuperação” devem ser misericordiosos e compassivos para com os que foram influenciados de maneira desfavorável, mas não devem ser tolerantes com o ensino apóstata. *“Aborrecendo até a roupa manchada da carne.”* Era uma doutrina má, e causou um colapso na vida piedosa e produziu a incredulidade descrita nessa pequena carta. Ensino mau e comportamento mau andam

juntos.

4. Apartando-se de um irmão desordeiro - 2 Tessalonicenses 3:6-14

Esta passagem é um exemplo claro de como a disciplina interna funciona. A igreja age; no entanto, o ofensor permanece na igreja local. Paulo ensinou a jovem igreja em Tessalônica pela sua conduta entre eles. *“A tradição que de nós recebeu”* (2 Tessalonicenses 3:6) é como ele chama esse exemplo. Esse comportamento tinha a ver com trabalhar e suprir o seu sustento com suas próprias mãos. Embora isto não fosse um mandamento para os que trabalhavam na obra do Senhor, como Paulo fazia (1 Timóteo 5:18), ele deu a eles esse modelo de acordo com a sabedoria que Deus lhe havia concedido. Será que ele estava prevendo o problema que surgiria em Tessalônica, quando alguns iriam dizer que, já que a vinda do Senhor poderia acontecer a qualquer momento, eles não iriam trabalhar? Quando o Senhor não veio imediatamente e essas pessoas começaram a ficar com fome, elas começaram a comer o pão pelo qual outros haviam trabalhado. Esse é o contexto. Junto com essa falta em não trabalhar com suas próprias mãos e comer o seu próprio pão (versículos 6-10), havia um problema adicional; essas pessoas ociosas estavam *“fazendo coisas vãs”* (ociosidade em si é prejudicial) entre seus irmãos (versículo 11) e criando problemas.

É com esse pano de fundo que Paulo escreve: *“Mas, se alguém não obedecer à nossa palavra por esta carta, notai o tal (observai) e não vos mistureis com ele (não fique na sua companhia), para que (de forma que) se envergonhe”* (versículo 14). Isso não é colocar fora de comunhão, é disciplina interna por parte da igreja local em relação ao homem desordeiro. *“Não vos mistureis com ele”* significa que ele não deve ter companheiros em suas atividades desordeiras. Não quer dizer que não devamos cumprimentá-lo ou falar com ele, mas, sim, deixar bem claro que ninguém apoia a sua conduta; todos a reprovam. Novamente, o propósito é para que ele seja recuperado do seu mau comportamento.

5. A repreensão pública - 1 Timóteo 5:17-22

A passagem que vamos considerar agora tem muito ensino que não está diretamente relacionado à disciplina. A proteção de um presbítero, no versículo 19, é, sem dúvida, parte do

nosso assunto. Ele deve sempre receber a proteção exigida pela retidão. Nenhuma acusação infundada deve ser aceita contra ele. Duas testemunhas, no mínimo, são necessárias antes de uma acusação ser aceita. Eu concluo que isso significa ser aceita para investigação.

Alguns ensinam que o versículo 20 continua com o assunto de uma acusação contra um presbítero e o interpretam da seguinte maneira. Uma acusação foi feita contra um presbítero, mas não há duas ou três testemunhas, ou, depois de duas ou três testemunhas serem ouvidas, a acusação é comprovadamente sem fundamento. Se a pessoa ou pessoas persistirem com a acusação, então estão pecando contra o presbítero e devem ser repreendidas publicamente. Essa interpretação tem a vantagem de nos dizer exatamente qual o pecado que requer essa repreensão. Talvez essa seja a interpretação correta, entretanto, me parece que isso cria um relacionamento entre os versículos 20 e 19 que força o bom senso das palavras, exigindo a inserção de especulação humana.

Depois de considerar seriamente o contexto da repreensão, tenho que aceitar o pensamento que, se uma acusação é levantada e for provado que o presbítero pecou, ou qualquer outro cristão, então ele precisa ser repreendido, e isso deve ser publicamente, isso é, *“na presença de todos”*. O versículo 20 pode não ter uma ligação tão próxima com o versículo 19 quanto muitos pensam. Paulo está dando uma série de instruções nessa parte da epístola. Não é uma tarefa fácil ser dogmático sobre onde um assunto termina e outro começa, mas parece que há evidências para crermos que a frase *“aos que pecarem”* não se limita aos presbíteros do versículo 19, mas inclui qualquer pessoa na comunhão da igreja local. Essa é a Escritura que deve ser usada, por exemplo, para repreender uma pessoa da igreja local que se casa com um incrédulo.

Com certeza não pode haver um padrão para os cristãos e um padrão inferior para os presbíteros. Na verdade, o padrão para os presbíteros é mais elevado. Portanto, se um presbítero pecar, e alguns (dois ou mais) na igreja local sabem de um pecado do presbítero e nada é feito, isso certamente poderia fazê-los tropeçar. Um presbítero tem uma responsabilidade e incumbência muito específicas. A repreensão não seria com o objetivo de destruí-lo, nem feito com um espírito destrutivo, mas com o propósito final de que *“outros tenham temor”*. Talvez haja tanta falta do temor

de Deus no nosso meio e tão pouca consciência da possibilidade de qualquer um de nós pecar, que não conseguimos imaginar a possibilidade de um presbítero ser repreendido e continuar exercendo sua função de presbítero. Por outro lado, será que ele poderia continuar com a sua responsabilidade se o pecado fosse conhecido e não julgado, fazendo com que a igreja local fosse cúmplice do seu pecado (versículo 22)?

O problema com essa interpretação é: Qual é o pecado que deve ser repreendido publicamente? Sabemos alguns detalhes sobre esse pecado. Não poderia ser um pecado que necessitasse do afastamento da comunhão, senão Paulo teria dito claramente que ele deveria ser afastado. Deve ter sido um pecado que era conhecido, não somente de uma pessoa, mas pelo menos de duas, portanto, era uma falta cometida diante dos outros, ou sobre a qual eles obtiveram conhecimento por parte de testemunhas oculares. Deve ter sido mais grave do que os pecados que não são públicos e que devem ser confessados somente ao Senhor (1 João 1:9), ou uns aos outros (Tiago 5:16). Isso diminui as opções. A repreensão era para um pecado que fosse público, que trazia estrago ao testemunho e, no entanto, não era tão grave a ponto de exigir o afastamento da comunhão.

6. Silenciando os contradizentes - Tito 1:9-11

Estes versículos são frequentemente aplicados à disciplina interna na igreja local, portanto, devido ao seu uso frequente, devem ser cuidadosamente examinados.

Tito é avisado que ele será confrontado por *“Muitos desordenados, faladores, vãos e enganadores, principalmente os da circuncisão”* (versículo 10). Na ilha de Creta havia igrejas locais novas com uma falta de liderança e muitos problemas, mas, se eles tinham esses homens desordeiros e enganadores entre eles, então seus problemas eram realmente grandes. Eu não creio que os homens descritos no versículo 10 faziam parte das igrejas locais. Paulo continua dizendo, *“Homens que transtornam casas inteiras, ensinando o que não convém, por torpe ganância”* – para ganho pessoal vil. O fato de Paulo ligar sua “perversão” (ARA) a casas, indica que suas atividades eram nas casas dos cristãos e com qualquer um que desse ouvidos a eles.

Foi um desse tipo, um profeta entre estes homens desordeiros, que disse: *“Os cretenses são sempre mentirosos, bestas ruins, ventres*

preguiçosos” (versículo 12). Apesar da fonte desta citação, Paulo diz: *“Este testemunho é verdadeiro. Portanto repreende-os severamente, para que sejam sãos na fé”* (versículo 13). A pergunta que nos interessa é: Quem deve ser repreendido severamente? Os “desordeiros” que vivem à custa daqueles que eles enganam, ou os cretenses que estão na igreja local? O pronome relativo “repreende-os” não volta ao versículo 10, mas ao versículo 12. A semelhança entre os homens desordeiros do versículo 10 e os cretenses do versículo 12 é que ambos moram em Creta, mas são dois grupos de pessoas muito diferentes.

Isso significa que “*tapar a boca*”, no versículo 11, não se refere aos irmãos numa igreja local, no entanto a repreensão por preguiça, no versículo 13, sim. O “*tapar a boca*” não é um ato de disciplina, mas, sim, uma habilidade de viver e falar “conforme a doutrina” (versículo 9), para que, pela sã doutrina, aqueles que estão contradizendo a verdade possam ser convictos da sua insensatez e fechar as suas bocas (versículos 9, 10).

Então, essa Escritura não se refere a silenciar um desordeiro na igreja? Não, eu penso que não. Então uma igreja local não tem como impedir um homem de ensinar e pregar quando sua vida contradiz o que ele diz? Sim, há Escrituras claras para controlar o exercício de todos os dons na igreja local. Esse é o contexto de 1 Coríntios 14:26-33. *“E falem dois ou três profetas, e os outros (alloi – outros do mesmo tipo) julguem”*. A afirmação de 1 Tessalonicenses 5:12, *“Que reconheçais os que trabalham entre vós, e que presidem sobre vós no Senhor...”* tem uma aplicação muito clara a esse tipo de julgamento. Não devemos permitir um ministério de todos os homens, nem de qualquer homem incapaz de ministrar. O próximo aspecto de disciplina é também um controle sobre quem ministra e sobre o que eles falam.

7. A rejeição de um herege - Tito 3:10, 11

A palavra traduzida “herege” é literalmente um “faccioso”. Esse é o homem que tem opinião própria ao ponto de continuar a forçar o seu ponto de vista específico na igreja local. Depois de ser corrigido duas vezes pelos irmãos responsáveis, ele continua com seu ensino pernicioso e, portanto, deve ser evitado, seu ensino não deve ser permitido, nem aceito. Nenhum cristão deve dar ouvidos a esse homem subvertido e que realmente sabe que está pecando (versículo 11).

Esta não é a Escritura a ser usada em relação ao homem que ensina “heresia”, isto é, ensino que nega a fé. Precisamos ir a 1 Timóteo 1:20 ou 2 Timóteo 2:14-19 para ver como lidar com uma doutrina herética.

8. Aqueles que causam divisão - Romanos 16:17-20

Esta passagem é um aviso claro, dado por Paulo no final desta grande epístola, que trata de maneira tão abrangente com as doutrinas do evangelho, contra aqueles que causam divisão e tropeços contrários ao ensino que foi dado. É uma passagem paralela a Filipenses 3:17-19 e deve ser comparada com ela. O grande problema ao interpretar esses versículos é determinar se os falsos ensinadores estão dentro da igreja local ou se estão de fora, mas têm alguma influência sobre alguns que estão na comunhão. Eu creio que eles estão fora da comunhão. A linguagem usada em relação a eles indica que eles ensinavam alguma forma de legalismo judaico e, ao mesmo tempo, tinham a filosofia epicuriana e serviam aos seus próprios ventres, não ao Senhor Jesus Cristo.

Sejam como forem os detalhes, não estaria fora do contexto ver um aviso forte em Romanos 16:17 contra qualquer um que causa divisão por meio de ensino errado. Paulo usa a expressão *“Noteis os que promovem...”* Observamos, em Filipenses 3:17, como os cristãos são exortados a ter cuidado, isto é, prestar atenção ao bom exemplo dos que vivem vidas piedosas. Em Romanos 16, os cristãos devem notar os maus caminhos e ensinos dos que causam divisão para evitar qualquer efeito maléfico da sua doutrina. Paulo confirma que esse é o significado, no versículo 19: *“Quero que sejais sábios no bem, mas simplices no mal”*. Era necessário conhecer o ensino falso para que pudesse ser identificado e rejeitado, mas não era necessário, nem seguro, pesquisar as muitas formas do mal. É melhor sermos simplices quanto ao mal. Não pesquise o espiritismo, demonismo e a imundice das modernas perversões imorais. Isso contamina e é perigoso.

Muitas vezes temos falhado em executar essas formas de disciplina interna. Pode ser que, se tivéssemos sido mais cautelosos em obedecer a Palavra de Deus nesses assuntos, teríamos tido menos casos de disciplinas mais graves. Enquanto não estamos procurando desculpas para qualquer falha em obedecer a Palavra de Deus, somos profundamente gratos a Deus

que as igrejas locais ainda estão observando a disciplina prática. Isso já quase desapareceu nas organizações denominacionais, mas algumas congregações independentes ainda obedecem essas Escrituras.

21

As Ofertas da Igreja

Devemos ser extremamente gratos a Deus pelas igrejas locais que conhecemos, pois elas não fazem apelos por dinheiro. Se há algum erro em relação ao ensino e à prática de ofertar, é que esse ensino poucas vezes, ou nunca, é mencionado, e os jovens cristãos raras vezes são ensinados sobre os princípios bíblicos de dar. É provável que seja melhor errar desse lado, pois hoje muitos dos que professam o nome do Senhor Jesus são caracterizados por mendigar ajuda financeira.

Se há alguma necessidade para justificar a menção desse assunto, apelamos às palavras de Paulo aos presbíteros da igreja em Éfeso: *“De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste... Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber”* (Atos 20:33-35).

O assunto de ofertas na igreja será tratado na forma de perguntas e respostas.

O que é dar ao Senhor?

Dar ao Senhor é um sacrifício de sacerdócio santo. Se entendido e praticado corretamente, é um ato de adoração. Começa com a nossa apresentação pessoal ao Senhor: *“Rogo-vos, pois, irmãos,*

pela compaixão de Deus, que apresenteis o vosso corpo em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional" (Romanos 12:1). Paulo escreve sobre os cristãos das igrejas na Macedônia: *"A si mesmos se deram primeiramente ao Senhor e depois a nós, pela vontade de Deus"* (2 Coríntios 8:5).

A apresentação de nós mesmos ao Senhor é a verdadeira adoração espiritual (Hebreus 13:13-16), de sorte que, quando damos dos nossos recursos, é *"como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus"* (Filipenses 4:18). Este vínculo íntimo entre adoração e dar faz da oferta, no primeiro dia da semana, uma parte evidente da adoração dos santos.

Quem pode dar?

As igrejas locais são singulares porque não realizamos ofertas ou coletas em reuniões de oração, ensino, estudo bíblico ou pregação do evangelho.

João, o discípulo idoso, escreve ao seu amado Gaio, que muitas vezes o auxiliara, para receber os irmãos que vinham ter com ele, embora fossem desconhecidos dele: *"Aos quais, se conduzires como é digno para com Deus, bem farás"* (3 João 6). O motivo pelo qual esses irmãos deveriam ser ajudados era que *"Pelo Seu nome saíram, nada tomando dos gentios"* (versículo 7). Obviamente, essa ainda é uma prática boa. Seria totalmente impróprio partir para servir o Senhor por amor ao Seu nome e aceitar ajuda de descrentes para pagar as suas despesas. A divisão do mundo todo em três classes é de grande ajuda aqui: *"Portai-vos de modo que não deis escândalo nem aos judeus, nem aos gregos, nem à igreja de Deus"* (1 Coríntios 10:32).

Pessoas que não conhecem a Cristo como seu Salvador e Senhor não podem dar a Deus. *"O sacrifício dos ímpios é abominável ao Senhor."* (Provérbios 15:8) Os "ímpios" do Velho Testamento são os incrédulos do Novo Testamento. A razão por essa abominação é explicada num versículo muito semelhante: *"O sacrifício dos ímpios é abominação: quanto mais, oferecendo-o com intenção maligna"* (Provérbios 21:27), ou, como diz uma outra tradução: *"Quanto mais oferecendo-o para expiar a sua maldade"*. Esta é a falha principal com as ofertas dos incrédulos. Eles tendem a pensar que podem aplacar a justiça divina com suas ofertas.

Cristãos pobres podem dar ao Senhor. Foi das profundezas da sua pobreza que as igrejas da Macedônia ofertaram aos cristãos

necessitados de Jerusalém (2 Coríntios 8:2). Paulo ensina, nessa passagem abrangente, que Deus aceita a oferta *“segundo o que qualquer tem e não segundo o que não tem”* (versículo 12). Uma oferta de pouco valor aos olhos dos homens pode ser de grande valor a Deus.

Certo dia, o Senhor Jesus estava sentado perto da arca do tesouro do templo observando os ricos lançando suas grandes ofertas. *“Vindo, porém, uma pobre viúva, depositou duas pequenas moedas.”* (Marcos 12:42) Sua oferta valia muito pouco, mas era tudo o que ela tinha, e o Senhor deu grande valor a isso. O contexto dessa passagem é surpreendente. Aconteceu quando o Senhor e Seus discípulos estavam contemplando a grandeza da construção do templo que Herodes, o Grande, havia restaurado. Em contraste com toda essa grandeza, que valor poderia ter a oferta da pobre viúva? Entretanto ela deu ao Senhor e não ao templo. Se ela tivesse se ocupado com o tamanho e a riqueza da construção, ela nunca teria oferecido o seu sacrifício sincero.

Os ricos podem e devem dar ao Senhor. Paulo escreveu a Timóteo: *“Manda aos ricos deste mundo que... façam o bem, enriqueçam em boas obras, repartam de boa mente”* (1 Timóteo 6:17,18). Entretanto, o trabalho de Deus é, na sua vasta maioria, mantido pelos que são pobres neste mundo, mas ricos na fé (Tiago 2:5).

Por que devo dar?

O Senhor Jesus deu tudo quanto tinha. *“Encontrando uma pérola de grande valor, foi, vendeu tudo quanto tinha e comprou-a.”* (Mateus 13:46) *“Porque já sabeis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós se fez pobre, para que, pela sua pobreza enriquecêsseis.”* (2 Coríntios 8:9)

Eu me lembro do falecido Sr. Benjamim Bradford e da última ocasião quando o ouvi pregar; ele falou sobre um assunto favorito dele. Lendo em Lucas 16:5, ele carinhosamente e com poder aplicou a pergunta do mordomo infiel aos crentes: *“Quanto deves ao meu Senhor?”* Que o Espírito Santo possa aplicar a pergunta ao nosso coração!

Um dos temas da epístola aos Romanos é que somos devedores. Paulo começou dizendo que ele era devedor a todos os homens, para levar-lhes o evangelho (1:14). Ele ensinou que não somos devedores à carne para viver de acordo com os seus desejos (8:12), mas nossa dívida para com Deus é tão grande, que

nunca podemos pagá-la. *“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor.”* (13:8)

Onde devo dar?

A - As ofertas devem ser dadas ao Senhor através da igreja.

Essa é uma responsabilidade fundamental para cada cristão em comunhão na igreja local. Dar é um ato sacerdotal e faz parte da função sacerdotal coletiva de uma igreja local (Filipenses 4:10-20). Quando Paulo menciona a cooperação dos filipenses, pela primeira vez, ele fala da oferta deles e usa os verbos *“começar”* e *“aperfeiçoar”*, duas palavras usadas para descrevê-la que relembram a linguagem dos sacrifícios (1:5,6 - ARA). Estes mesmos dois verbos são encontrados em 2 Coríntios 8:11. No final da epístola, ele descreve isso *“como cheiro de suavidade e sacrifício agradável e aprazível a Deus”* (Filipenses 4:18), outras duas expressões que relembram os sacrifícios.

A comunhão da igreja em Filipos era pessoal e prática, pois supriu as necessidades imediatas de Paulo. Era acompanhada de oração e era constante, pois eles continuaram enviando ofertas a ele.

1. Era o resultado de amor, *“a vossa lembrança de mim”* (4:10).
2. Para necessidades, *“fizestes bem em tomar parte na minha aflição”* (4:14).
3. Ao Senhor, *“sacrifício agradável e aprazível a Deus”* (4:18).
4. Fruto para sua conta, *“mas procuro o fruto que aumente para a vossa conta”* (4:17).
5. Um sacrifício sacerdotal, *“como cheiro de suavidade e sacrifício agradável”* (4:18).
6. Com a promessa de que todas as suas necessidades seriam supridas, *“O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades”* (4:19).

B - As ofertas também são dadas pessoalmente.

Não estaríamos obedecendo aos princípios do Novo Testamento se nossas ofertas fossem dadas somente através da igreja local. Paulo estava em pleno acordo com os presbíteros em Jerusalém, *“...deram-nos as destrás... recomendando-nos somente que nos lembrássemos dos pobres, o que também procurei fazer com*

diligência" (Gálatas 2:9,10). As igrejas locais davam aos pobres, mas o uso da primeira pessoa do singular, por Paulo, indica que ele, pessoalmente, dava aos pobres.

As ofertas pessoais não eram restritas aos pobres. *"E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui."* (Gálatas 6:6) Os que recebem o benefício do ensino devem compartilhar as coisas materiais com o homem que os ensina.

A amável hospitalidade dos santos para com os estranhos e para com outros cristãos e servos do Senhor é uma forma maravilhosa de dar pessoalmente. *"Não vos esqueçais da hospitalidade."* (Hebreus 13:2) As pessoas do mundo têm dificuldade em compreender como pregadores do evangelho são hospedados nos lares de cristãos, às vezes por semanas a fio, quando reuniões especiais de evangelismo estão sendo realizadas. Isso tem sido uma característica das igrejas locais através dos anos e traz honra ao Senhor. *"Amado, procedes fielmente em tudo o que fazes para com os irmãos e para com os estranhos, que em presença da igreja testificaram do teu amor"* (3 João 5 e 6). *"Febe... tem hospedado a muitos, como também a mim mesmo"* (Romanos 16:2).

Muitos dos cristãos mais idosos, que durante anos hospedaram os pregadores, chegam ao ponto quando não podem mais fazer isso. Que bom quando há cristãos mais jovens que estão prontos a se consagrar a esse serviço! É um trabalho valioso, e deve ser feito em devoção ao Senhor Jesus.

Quanto devo dar?

O dízimo do Velho Testamento era um mandamento a Israel, mas o Novo Testamento não o repete. Ao invés disto, há princípios espirituais de graça que nos guiam no nosso dar.

As palavras de Paulo em 2 Coríntios 8:1-15 contém a resposta clara a essa pergunta.

Versículo 1: De acordo com *"a graça de Deus"* – Gratamente.

Versículo 2: *"As riquezas da sua generosidade"* – Liberalmente.

Versículo 3: *"Deram voluntariamente"* – Voluntariamente.

Versículo 5: *"A si mesmos se deram primeiramente ao Senhor"* – A Generosidade partiu do amor ao Senhor.

Versículo 8: *"A sinceridade do vosso amor"* – Sinceramente.

Versículo 12: *“Segundo o que qualquer tem,”* – Conforme as condições.

Quando devo dar?

No primeiro dia da semana:

1 Coríntios 16:1,2: *“Ora, quanto à coleta que se faz para os santos... No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte o que puder ajuntar, conforme a sua prosperidade”*. Essa passagem é importante e nos fala de vários fatos sobre o dar. Há alguns que dizem que esse versículo está sugerindo que os cristãos devem separar esse dinheiro, em casa, cada primeiro dia da semana, mas isso cria um problema. Por que mencionar o primeiro dia da semana, se o dinheiro fosse guardado em casa, e como isso evitaria fazer uma coleta quando Paulo chegasse? O significado claro dessa passagem parece ser que todos deveriam participar em dar e era para ser proporcional à prosperidade de cada um. Deveria ser trazido para a oferta da igreja local cada primeiro dia da semana, e a igreja deveria guardar o dinheiro para que estivesse pronto quando Paulo, ou quem quer que Paulo enviasse, viesse recebê-lo. É importante, nesse ponto, ver que a frase: *“No primeiro dia da semana”* tem o mesmo significado que em Atos 20:7, isto é, era todo primeiro dia da semana.

Essa era uma oferta especial para os cristãos necessitados em Jerusalém, mas há princípios divinos aqui para nos mostrar como as primeiras igrejas tratavam essa questão de ofertar. Na introdução, mencionamos a lei do modelo positivo, que certamente se aplica a esta epístola, e seus muitos mandamentos (14:37) para a ordem e o funcionamento da igreja local. Esse é o modelo que se trata de quando devemos ofertar como igreja, e deveríamos obedecê-lo.

Há outra ocasião quando devemos dar. Quando há uma necessidade urgente, o cristão deve fazer tudo ao seu alcance para suprir essa necessidade no momento em que aparece. *“E, se o irmão ou a irmã estiverem nus e tiverem falta de mantimento cotidiano... e lhes não derdes as coisas necessárias para o corpo, que proveito virá daí?”* (Tiago 2:15,16)

Eu vou perder o que eu der?

O ensino do Novo Testamento indica um retorno presente para tudo o que é sacrificado ao Senhor. *“Dai, e ser-vos-á dado; boa*

medida, recalcada, sacudida e transbordando vos darão” (Lucas 6:38). Há um princípio divino que abrange todos os relacionamentos de Deus com a humanidade. Este princípio está ligado ao dar: *“E o que é instruído na palavra reparta de todos os seus bens com aquele que o instrui. Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará”* (Gálatas 6:6-7). Este fato é verdadeiro para todos os tempos e por toda a eternidade.

O cristão que dá do seu serviço, do seu tempo e de seus bens ao Senhor está entesourando para si *“tesouro nos céus que nunca acaba”* (Lucas 12:22-36).

O assunto todo de recompensa no tribunal de Cristo está ligado com o que sacrificamos no presente por amor do Seu nome. *“E, tudo quanto fizerdes, fazei-o de todo o coração, como ao Senhor, e não aos homens, sabendo que recebereis do Senhor o galardão da herança, porque a Cristo, o Senhor, servis.”* (Colossenses 3:23, 24)

Como é que uma igreja local cuida das finanças?

Uma parte detalhada de 2 Coríntios 8 dá diretrizes amplas sobre como cuidar das finanças da igreja local (versículos 16-24). Paulo desejava que irmãos honestos, bem conhecidos dos irmãos das diversas igrejas locais, que tinham ministrado aos santos em coisas espirituais, acompanhassem Tito a Corinto para compartilhar na responsabilidade de receber a oferta. Havia pelo menos três desses irmãos incluindo Tito (versículo 23). O princípio de “duas ou três” testemunhas é visível em todas as Escrituras, desde Mateus 18, e deve ser praticado pelas igrejas locais em todos os assuntos financeiros. Pelo menos dois irmãos devem ser responsáveis para contar e registrar as ofertas, e pelo menos dois ou três em conjunto devem tratar de todos os negócios financeiros da igreja local. Pode haver mais, mas esse deve ser o mínimo.

Qualificações para esse serviço administrativo são primeiramente espirituais e depois práticas. A administração bem sucedida de uma empresa não é uma qualificação necessária para lidar com as finanças da igreja. Uma capacidade espiritual é o que deve ter a prioridade, mas as finanças da igreja local devem ser tratadas com a mesma seriedade que as finanças de um negócio. Paulo dá razões amplas para isso neste capítulo. *“Evitando isto: que alguém nos vitupere por esta abundância, que*

por nós é ministrada; pois zelamos o que é honesto, não só diante do Senhor, mas também diante dos homens.” (versículos 20,21) Alguns presbíteros acham que toda essa preocupação com as finanças é desnecessária, mas Paulo não pensava isso, e nem nós. *“Mas faça-se tudo decentemente e com ordem.”* (1 Coríntios 14:40)

REUNIDOS ao Seu Nome

Muitos livros excelentes, panfletos e artigos já foram escritos sobre os princípios e as práticas das igrejas que seguem os padrões do Novo Testamento. Muitos deles foram escritos há mais de meio século, mas o passar do tempo não mudou a verdade da Palavra de Deus contida neles. Como com qualquer ensino que se diz bíblico, eles devem ser lidos com uma Bíblia aberta ao lado, comparando o seu ensino com a Palavra de Deus. É o meu desejo sincero que o leitor deste livro, “Reunidos ao Seu Nome”, possa comparar tudo o que é ensinado aqui com o que temos nas Sagradas Escrituras.

Os capítulos deste livro são uma tentativa de lidar com assuntos pertinentes à nossa época. A verdade é a mesma, mas as condições às quais ela é aplicável estão mudando constantemente.